

JERRY BRIDGES

Exercita-te NA PIEDADE

"A piedade para tudo é proveitosa." – 1 Timóteo 4.8



Exercita-te na piedade

Jerry Bridges

© 1983, 1996, 2008 de Jerry Bridges
Título do original: *The Practice of Godliness*
Edição publicada pela
NavPress
(Colorado Springs, Colorado, EUA)



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA MONERGISMO
Brasília, DF, Brasil
Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1^a edição, 2016

Tradução: Luiz Aparecido Caruso
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto
Capa: Márcio Santana Sobrinho



PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão Nova Versão Internacional (NVI),
© 2001, publicada pela Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Para

ELEANOR,

minha esposa,
provisão graciosa de Deus
de uma auxiliadora idônea
para mim.

Poucos autores contemporâneos exibem a habilidade para escrever que Jerry Bridges possuía. Em *Exercita-te na piedade* tal habilidade fica mais uma vez evidente. Mas não pela demonstração de capacidade acadêmica ou técnica literária ornamentada. Bridges pastoreia seus leitores com linguagem simples, compreensível e cativante. Suas palavras são simultaneamente puro deleite e confrontação profunda. Esta obra sem dúvida conduzirá o leitor a uma rica jornada de reflexão sobre a necessidade de nos tornarmos parecidos com o Mestre Jesus em nossa caminhada terrena.

— Matheus Felipe Inácio

Pastor da Igreja Presbiteriana Redenção (Brasília, DF)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

1. PARA TUDO É PROVEITOSA
2. DEVOÇÃO A DEUS
3. EXERCITA-TE NA PIEDADE
4. BUSCANDO UMA DEVOÇÃO MAIS PROFUNDA
5. REVESTINDO-NOS DO CARÁTER DE DEUS
6. HUMILDADE
7. CONTENTAMENTO
8. GRATIDÃO
9. ALEGRIA
10. SANTIDADE
11. DOMÍNIO PRÓPRIO
12. FIDELIDADE
13. PAZ
14. PACIÊNCIA
15. BENIGNIDADE
16. MISERICÓRDIA E BONDADE
17. AMOR
18. ATINGINDO O ALVO

PREFÁCIO

Este livro é uma consequência de um anterior, *A busca da santidade*. Em Efésios 4.20-24, ao tratar do pecado na vida do crente, Paulo insta a que nos despojemos do velho homem e nos revistamos do novo. Exercita-te na Piedade trata do revestimento do novo homem — o crescimento do caráter cristão.

A mais conhecida relação de traços do caráter cristão é a que encontramos em Gálatas 5.22-23, que se constitui de nove características, às quais Paulo chama de fruto do Espírito. Há, porém, outras listas em passagens tais como Colossenses 3.12-16, Efésios 4.2-3 e 32, Tiago 3.17 e 2 Pedro 1.5-7, igualmente importantes para que compreendamos o que constituiu o caráter cristão. Incorporei a maior parte dessas relações nesta série de estudos.

Enquanto elaborava uma série de estudos bíblicos sobre traços do caráter cristão, interessei-me pelo assunto da piedade. À medida que crescia meu conhecimento desse tópico, ia-me convencendo de que todo tratamento do caráter cristão estaria incompleto sem a inclusão de um estudo sobre a piedade.

Piedade é mais do que caráter cristão. Ela abrange a totalidade da vida cristã e proporciona o fundamento sobre o qual o caráter cristão é edificado. Assim, os quatro primeiros capítulos tratam do tema geral da piedade, e os capítulos restantes são um exame dos importantes traços do caráter da pessoa piedosa.

É deliberada a ordem em que aparecem os estudos dos vários traços do caráter. Os quatro primeiros: humildade, contentamento, gratidão e alegria, tratam em grande parte de nosso relacionamento com Deus. O próximo grupo de três: santidade, domínio próprio e fidelidade, são qualidades que exigem que sejamos severos no trato com nós mesmos. Os seis finais: paz, paciência, benignidade, bondade e amor, são qualidades que nos capacitam a relacionar graciosamente e ternamente com o nosso próximo. As duas últimas divisões refletem a aparente dicotomia do caráter

cristão: severidade com nós mesmos e ternura para com os outros. Só o Espírito Santo pode criar uma diversidade tão bela de severidade e ternura dentro de uma única personalidade humana.

A variedade de tópicos tratados num livro desta natureza exige que cada assunto seja examinado de maneira breve. Meu objetivo é criar a consciência da importância de cada um dos aspectos da piedade e dar algumas sugestões práticas para o crescimento neles. Minha esperança é que muitos leitores sejam estimulados a realizar outros estudos sobre alguns dos tópicos que lhe interessem.

Enquanto estudava a piedade e o caráter cristão, fiquei um tanto espantado de encontrar tão pouca coisa a respeito desses temas. Por conseguinte, tive de arar terreno novo em algumas áreas, o que obrigou-me a recorrer às Escrituras mais vezes do que se eu tivesse tido a vantagem dos escritos de gerações anteriores. Minha única qualificação para apresentar estes estudos reside, pois, nos trinta anos de estudo pessoal da Bíblia usando métodos e instrumentos que se acham ao dispor de qualquer leigo.

Ao entregar estes estudos para serem impressos, sinto certa ansiedade, proveniente da advertência de Tiago: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor” (Tiago 3.1). Estou muitíssimo cômico da necessidade de mais crescimento em minha própria vida em muitas das áreas estudadas neste livro. Minha oração, porém, é que tanto o autor como os leitores cresçam juntos à medida que exercitamos a piedade.

Mais do que lido, este livro deve ser estudado. Para facilitar esse mister, preparei um estudo bíblico, espécie de companheiro, a ser usado juntamente com ele. Embora o livro de texto seja completo em si mesmo, o uso do estudo bíblico companheiro ajudará o leitor e aluno a compreender melhor as verdades bíblicas aí ensinadas.

Tenho uma dívida muito grande para com o pessoal da NavPress pelo estímulo na preparação deste livro e por sua ajuda na produção final da obra.

1. PARA TUDO É PROVEITOSA

O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura.

1 TIMÓTEO 4.8

Não há maior elogio a um cristão do que chamá-lo de piedoso. Pode ser ele um consciencioso pai; uma mãe amorosa; um zeloso obreiro eclesiástico; um dinâmico porta-voz de Cristo ou um talentoso líder cristão. Tudo isso, porém, só terá valor se a pessoa for piedosa.

As palavras *piedoso* e *piedade* aparecem apenas umas poucas vezes no Novo Testamento; não obstante, a Bíblia toda é um livro sobre piedade. E quando, de fato, essas palavras aparecem, estão carregadas de significado e instrução.

Paulo, desejando destilar a essência da vida cristã em um breve parágrafo, concentra-se na piedade, dizendo que a graça de Deus “nos ensina a renunciar à *impiedade* e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e *piedosa*”, enquanto aguardamos a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (Tito 2.11-13). Quando Paulo pensa na descrição de seu próprio cargo como apóstolo de Jesus Cristo, ele o descreve como sendo chamado para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a *piedade* (Tito 1.1).

Em sua primeira carta a Timóteo, Paulo realça a piedade. Devemos orar a favor de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e pacífica, com toda *piedade* e santidade. Devemos exercitar-nos na *piedade*. Devemos perseguir a *piedade*. O verbo *perseguir* denota esforço inflexível, perseverante. A *piedade* com contentamento é tida na conta de grande lucro; e, finalmente, a *piedade*, tendo a promessa da vida presente e da vindoura para tudo é proveitosa.

Quando Pedro, aguardando com ansiedade o dia do Senhor, ocasião em que terra e tudo o que nela existe serão destruídos, pergunta que tipo de pessoas devemos ser, ele mesmo responde que devemos levar vida santa e *piedosa* (2 Pedro 3.10-12). Aqui Pedro usa o mais momentoso acontecimento de toda a história para concitar-nos ao dever cristão: levar vida santa e *piedosa*.

Certamente, pois, a piedade não é um luxo espiritual opcional para uns poucos cristãos excêntricos de uma era passada ou para algum grupo de supersantos de nossos dias. É, a um tempo, dever e privilégio de cada cristão perseguir a bondade, exercitar-se na piedade e estudar com diligência sua prática. Para isso não temos necessidade de nenhum talento ou equipamento especial. Deus deu a cada um de nós “tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade” (2 Pedro 1.3). O mais comum dos cristãos tem tudo o de que necessita, e o mais talentoso dos cristãos deve usar esses mesmos recursos na prática da piedade.

Que é, pois, a piedade? Quais são as marcas de uma pessoa piedosa? Como a pessoa se torna piedosa? Perguntei a diversas pessoas: “Que tem você em mente quando pensa na piedade?”. As respostas, conquanto variadas, sempre terminavam expressando a mesma ideia de caráter cristão, usando expressões tais como “semelhança de Deus”, “semelhança de Cristo”, ou “o fruto do Espírito”. É certo que o caráter cristão faz parte da piedade, porém é mais do que isso. Ela possui outro aspecto, ainda mais fundamental do que o caráter, e que, de fato, é o fundamento sobre o qual o caráter piedoso é edificado.

DEVOÇÃO EM AÇÃO

Logo em suas primeiras páginas, a Bíblia apresenta algumas pistas acerca da piedade. Gênesis 5.21-24 fala de Enoque, pai de Matusalém. Num resumo muito breve da vida de Enoque — apenas três versículos — duas vezes Moisés o descreve como alguém que “andou com Deus”. O autor de Hebreus dá a Enoque um lugar no grande “Rol de Honra da Fé”, no capítulo 11; porém vê a Enoque de uma perspectiva ligeiramente diferente. Ele o descreve como alguém que havia “agradado a Deus”. Aqui estão, portanto, duas

pistas importantes: Enoque andou com Deus e Enoque agradou a Deus. Essas duas afirmativas deixam claro que a vida de Enoque centralizava-se em Deus; Deus era o ponto focal, a estrela polar de sua existência.

Enoque andou com Deus, gozou de um relacionamento com Deus e agradou a Deus. Poderíamos dizer, com precisão, que ele era devotado a Deus. Este é o significado de piedade. A palavra que o Novo Testamento emprega com referência à piedade, em seu sentido original, transmite a ideia de uma atitude pessoal para com Deus, que resulta em ações agradáveis a ele.^[1] Esta atitude pessoal para com Deus é o que chamamos devoção. Porém, ela é sempre *devoção em ação*. Não se trata apenas de um sentimento cálido, emocional, a respeito de Deus. Não é o tipo de sentimento que nos domina quando cantamos um antigo e majestoso hino de louvor ou um estribilho de adoração dos tempos atuais. A devoção a Deus não é meramente um momento de leitura da Bíblia e oração a sós, prática às vezes chamada de “devoções”. Embora esta prática seja de vital importância para a pessoa piedosa, não devemos defini-la como devoção.

CONCENTRADA EM DEUS

Devoção não é uma atividade; é uma atitude para com Deus. Atitude esta que se constitui de três elementos essenciais:

- O temor de Deus;
- O amor a Deus;
- O desejo de Deus.

No capítulo dois examinaremos com detalhes estes três elementos; por ora, notemos que eles se concentram em Deus. O *exercício da piedade é uma prática ou disciplina que se concentra em Deus*. Desta atitude para com Deus surgem o caráter e a conduta que geralmente consideramos como piedade. Assim, com frequência tentamos desenvolver o caráter e a conduta cristãos sem tomar o devido tempo para o desenvolvimento da devoção centrada

em Deus. Tentamos agradar a Deus sem tomar tempo para andar com ele e estabelecer um relacionamento com ele. Isto é impossível.

Consideremos as exatas exigências da vida piedosa, conforme as expôs William Law, homem que viveu santamente. Law emprega a palavra *devoção* num sentido mais amplo, que inclui tudo o que se relaciona com a piedade — ações bem como atitude:

Devoção significa uma vida dada ou devotada a Deus. Portanto, devoto [piedoso] é o homem que já não vive para a sua própria vontade, ou para o caminho e espírito do mundo, mas para a exclusiva vontade de Deus; que considera Deus em tudo; que serve a Deus em tudo; que faz todas as partes de sua vida comum, partes da devoção [piedade], tudo realizado em nome de Deus, e sob normas tais que se conformam à sua Glória.^[2]

Observe a totalidade da piedade na vida inteira de um indivíduo segundo a descrição que Law apresenta da pessoa piedosa. Não se exclui nada. Deus encontra-se no centro de seus pensamentos. Seus deveres mais corriqueiros são cumpridos com os olhos postos na glória divina. Nas palavras de Paulo aos coríntios, quer a pessoa piedosa coma ou beba, quer faça qualquer outra coisa, tudo faz para a glória de Deus.

Ora, é óbvio que tal estilo de vida centrado em Deus não pode ser desenvolvido e mantido sem um sólido fundamento de devoção a Deus. Só um forte relacionamento pessoal com o Deus vivo pode impedir que tal compromisso se torne opressivo e legalista. João escreve que os mandamentos de Deus não são pesados. A vida piedosa não é cansativa, pois a pessoa piedosa é, antes de tudo, devotada a Deus.

A devoção a Deus é, pois, o manancial do caráter piedoso. E esta devoção é a única motivação que leva o comportamento do crente a tornar-se agradável a Deus.

Esta motivação é o que separa a pessoa piedosa da pessoa moral, da benevolente ou da zelosa. A pessoa piedosa é moral, benevolente e zelosa por causa de sua devoção a Deus. E sua vida assume uma dimensão que reflete a imagem divina.

É pena que muitos cristãos não tenham esta aura de piedade. Podem ser muito talentosos e bem apessoados, ou viver muito ocupados na obra do Senhor, ou até bem-sucedidos em algumas áreas do serviço cristão e ainda não ser piedosos. Por quê? Porque não são devotados a Deus. Podem ser devotados a uma visão, ou a um ministério, ou à sua própria reputação de crentes, mas não a Deus.

Piedade é mais que caráter cristão: é caráter cristão que brota da devoção a Deus. Mas também é verdade que a devoção a Deus *sempre* resulta em caráter piedoso. Ao estudarmos, no próximo capítulo, os três elementos essenciais da devoção, veremos que todos eles, individual e coletivamente, devem expressar-se numa vida agradável a Deus. Portanto, a definição de piedade que usaremos neste livro é *devoção a Deus que resulta numa vida agradável a ele*.

Nos primeiros capítulos deste livro concentrar-nos-emos neste tipo de devoção, buscando compreender o que ela é e por que resulta em caráter cristão. Nos últimos capítulos examinaremos os traços do caráter piedoso. Todavia, jamais devemos perder de vista que a devoção a Deus é o manancial do caráter cristão e o único fundamento sobre o qual ele pode ser edificado com êxito.

2. DEVOÇÃO A DEUS

Quem não te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois tu somente és santo. Todas as nações virão à tua presença e te adorarão, pois os teus atos de justiça se tornaram manifestos.

APOCALIPSE 15.4

Enoque andou com Deus e Enoque agradou a Deus. Esse andar com Deus fala de seu relacionamento com Deus, ou sua devoção a ele; seu agradar a Deus mostra o comportamento oriundo desse relacionamento. É impossível edificar um padrão de comportamento cristão sem o alicerce da devoção a Deus. O exercício da piedade é, antes de tudo, o cultivo de uma relação com Deus, e desta relação o cultivo de uma vida que agrada a Deus. O conceito que temos de Deus e o relacionamento com Deus determinam nossa conduta.

Já vimos que a devoção a Deus constitui-se de três elementos essenciais: temor de Deus, amor a Deus e desejo de Deus. Pense na devoção a Deus como um triângulo com esses três elementos representando cada um dos ângulos.



O temor de Deus e o amor a Deus formam a base do triângulo, enquanto o desejo de Deus é o ápice. Ao estudarmos esses elementos individualmente, veremos que o temor de Deus e o amor a Deus formam o alicerce da verdadeira devoção a Deus, enquanto o desejo de Deus é a mais alta expressão dessa devoção.

O CRISTÃO TEME A DEUS

O falecido professor John Murray disse: “O temor de Deus é a alma da piedade”.^[3] Não obstante, o temor de Deus é um conceito que, para muitos cristãos modernos, parece antiquado e fora de moda. Houve tempo em que o crente sincero era conhecido como um “homem temente a Deus”. Hoje, é possível que fiquemos embaraçados com tal designação. Alguns parecem pensar que o temor de Deus é um conceito estritamente do Antigo Testamento, que desapareceu com a revelação do amor de Deus em Cristo. Afinal de contas, o perfeito amor não lança fora o medo, como o declara João em 1Jo 4.18?

Embora seja verdade que o conceito do temor de Deus é tratado mais extensamente no Antigo Testamento, é erro supor que ele não seja importante no Novo. Uma das bênçãos da nova aliança é o implante do temor do Senhor no coração dos crentes. Em Jeremias 32.40, Deus disse: “Farei com eles uma aliança permanente: Jamais deixarei de fazer o bem a eles, e farei com que *me temam* de coração, para que jamais se desviem de mim” (ênfase adicionada).

“Nada poderia ser mais significativo”, observou John Murray, “do que o temor do Senhor estar acoplado ao conforto do Espírito santo como características da igreja neotestamentária: ‘A igreja... se edificava e, encorajada pelo Espírito Santo, crescia em número, vivendo no temor do Senhor’ (Atos 9.31)”.^[4] Paulo e Pedro usam o temor do Senhor como motivo para um viver santo e justo.^[5] O exemplo do próprio Senhor Jesus, de quem Isaías disse: “Deleitar-se-á no temor do SENHOR” (Is 11.3, ARA), deve colocar a questão fora de qualquer dúvida. Se Jesus em sua humanidade deleitava-se no temor de Deus, certamente precisamos dar maior atenção ao cultivo desta atitude em nossa vida.

É possível que parte da aversão à frase “temor de Deus” se deva a uma compreensão errônea de seu significado. A Bíblia usa a expressão “temor de Deus” de duas formas distintas: medo ansioso e veneração, reverência, respeito. O temor como medo ansioso resulta do reconhecimento do juízo iminente de Deus sobre o pecado. Quando Adão pecou, escondeu-se de Deus porque teve

medo. Embora este aspecto do temor de Deus deva caracterizar toda pessoa não-salva que vive dia a dia como objeto da ira de Deus, raramente assim acontece. Paulo conclui sua acusação contra a humanidade ímpia, dizendo: “Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Romanos 3.18, ARA).

O cristão foi liberto do medo da ira de Deus (veja 1 João 4.18). Todavia, não foi liberto da *disciplina* de Deus contra sua conduta pecaminosa, e neste sentido ele ainda teme a Deus; opera a sua salvação com temor e tremor (Filipenses 2.12) e vive a vida como peregrino aqui em temor reverente (1 Pedro 1.17).

Para o filho de Deus, porém, o significado principal do temor de Deus é veneração e honra, reverência e respeito. Murray diz que este temor é a alma da piedade. É a atitude que suscita de nosso coração adoração e amor, reverência e honra. Ela não se concentra na ira de Deus, mas na sua majestade, santidade e glória transcendente. Pode comparar-se ao respeito que um cidadão comum, mas leal, dedicaria a seu soberano terreno, embora tal respeito a um potentado terreno esteja longe do respeito que temos para com Deus, o bendito e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Os seres angélicos da visão do capítulo 6 de Isaías demonstraram este temor quando, com duas de suas asas, cobriam o rosto na presença do Senhor exaltado. Vemos este mesmo temor da parte do próprio Isaías e de Pedro quando cada um deles reconheceu estar na presença de um Deus santo. Vemo-lo mais vividamente na reação de João, o discípulo amado, em Apocalipse 1.17, quando, ao ver o Mestre em toda a sua glória e majestade celestiais, caiu-lhe aos pés como morto.

É impossível ser devoto a Deus se o coração não estiver cheio do temor de Deus. É este profundo senso de veneração e honra, reverência e respeito, que suscita de nosso coração o culto e a adoração que caracterizam a verdadeira devoção a Deus. O cristão reverente, piedoso, vê a Deus primeiro em sua glória transcendente, em majestade e santidade, antes de vê-lo em seu amor, misericórdia e graça.

Há uma tensão saudável, no coração da pessoa piedosa, entre o respeito reverente à glória de Deus e a confiança simples em Deus como Pai celestial. Sem esta tensão, a confiança filial do cristão pode facilmente degenerar-se em presunção.

Um dos mais graves pecados dos cristãos de nosso tempo bem pode ser a quase petulante familiaridade com que muitas vezes se dirigem a Deus em oração. Nenhum dos homens piedosos da Bíblia jamais adotou uma maneira casual que com frequência adotamos. Sempre se dirigiram a Deus com reverência. O mesmo escritor que nos diz que temos intrepidez para entrar no Santo dos Santos, a sala do trono de Deus, também nos diz que devemos servir a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor, “pois o nosso Deus é fogo consumidor” (Hebreus 10.19 e 12.28-29). O mesmo Paulo que nos diz que o Espírito Santo que habita em nós leva-nos a clamar “Aba, Pai”, também nos diz que este mesmo Deus “habita em luz inacessível” (Romanos 8.15 e 1 Timóteo 6.16).

Devemos começar a recobrar o senso de respeito e profunda reverência a Deus. Devemos começar a vê-lo uma vez mais na infinita majestade que só a ele pertence, ele que é o Criador e Supremo Governante de todo o universo. Há um abismo infinito de valor e dignidade entre Deus, o Criador, e o homem, a criatura, muito embora o homem tenha sido criado à imagem divina. O temor de Deus é um reconhecimento sincero deste abismo — não um rebaixamento do homem, mas uma exaltação de Deus.

Até os remidos no céu temem o Senhor. Em Apocalipse 15.3-4, eles cantam triunfantes o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro:

Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso. Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações. Quem não te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois tu somente és santo. Todas as nações virão à tua presença e te adorarão, pois os teus atos de justiça se tornaram manifestos.

Observe como a veneração dos redimidos se concentra nos atributos divinos de poder, justiça e santidade. Esses atributos, que

particularmente manifestam a majestade de Deus, é que deveriam despertar em nosso coração reverência a ele. Os filhos de Israel revelaram esta mesma reverência quando viram o grande poder do Senhor exercitado contra os egípcios. Êxodo 14.21 diz: “Israel viu o grande poder do Senhor contra os egípcios, temeu o Senhor e pôs nele a sua confiança, como também em Moisés, seu servo”. Juntamente com Moisés, cantaram um cântico de adoração e gratidão. O ponto central desse cântico encontra-se em Êxodo 15.11: “Quem entre os deuses é semelhante a ti, Senhor? Quem é semelhante a ti? Majestoso em santidade, terrível em feitos gloriosos, autor de maravilhas?”. Temer a Deus é confessar sua absoluta unicidade — reconhecer sua majestade, santidade, respeitabilidade, glória e poder.

Faltam-nos palavras para descrever a glória infinita de Deus retratada na Bíblia. E mesmo esse retrato é obscuro e vago, porque agora vemos apenas um fraco reflexo do Senhor. Mas um dia vê-lo-emos face a face, e então o temeremos no mais pleno sentido dessa palavra. Não admira, pois, que tendo esse dia em vista, Pedro nos diga que levemos vidas santas e piedosas no presente. Deus nos está preparando para o céu, para habitar com ele eternamente. Assim, ele deseja que crescamos em santidade e piedade. Deseja que nos assemelhemos a ele, que o reverenciemos e o adoremos por toda a eternidade. Agora é a ocasião propícia para aprendermos isso.

Em nossos dias parece que temos magnificado o amor de Deus quase ao ponto de exclusão do temor de Deus. Devido a esta preocupação, não estamos honrando e reverenciando a Deus como deveríamos fazê-lo. Devemos magnificar o amor de Deus; e conquanto nos deleitemos em seu amor e misericórdia, jamais devemos perder de vista sua majestade e santidade.

Um conceito certo do temor de Deus não só nos levará a adorá-lo como convém, mas também regulará nossa conduta. Como diz John Murray: “O que ou a quem adoramos determina nosso comportamento”.^[6] O Rev. Albert N. Martin disse que os ingredientes essenciais do temor de Deus são (1) conceitos corretos do caráter divino, (2) um senso penetrante da sua presença, e (3)

uma consciência constante de nossa obrigação para com ele.^[7] Se tivermos alguma compreensão da infinita santidade de Deus e de seu ódio ao pecado, emparelhada com este senso penetrante da presença divina em todas as nossas ações e pensamentos, então esse temor de Deus deverá influenciar e regular nossa conduta. Assim como a obediência ao Senhor revela o amor a ele, assim também ela é prova que tememos a Deus. “Desse modo vocês, seus filhos e seus netos temerão o Senhor, o seu Deus, e obedecerão a todos os seus decretos e mandamentos, que eu lhes ordeno, todos os dias da sua vida, para que tenham vida longa” (Deuteronômio 6.2).

Levítico 19 contém uma série de leis e regulamentos para a nação de Israel observar na terra prometida. Este é o capítulo do qual Jesus citou o conhecido segundo mandamento do amor: “ame cada um o seu próximo como a si mesmo” (v. 18; veja também Mateus 22.39). A expressão “Eu sou o SENHOR” ou “Eu sou o SENHOR vosso Deus” aparece dezesseis vezes no capítulo 19 de Levítico. Pela repetição frequente de seu nome sagrado, Deus lembra ao povo de Israel que a obediência às leis e regulamentos divinos deve fluir da revência e temor a ele.

O temor de Deus deve proporcionar a motivação fundamental da obediência a ele, bem como resultar nessa obediência. Se verdadeiramente reverenciarmos a Deus, obedeceremos a ele, visto que todo ato de desobediência é afronta à sua dignidade e majestade.

CAPTURADA PELO AMOR DE DEUS

Só o cristão temente a Deus pode verdadeiramente prezar o amor divino. Ele vê o abismo infinito que há entre um Deus santo e a criatura pecaminosa, e o amor que cobriu esse abismo mediante a morte do Senhor Jesus Cristo. O amor de Deus por nós é multifacetado, mas ele o demonstrou de modo supremo enviando seu Filho para morrer por nossos pecados. Os demais aspectos de seu amor são secundários e, de fato, se tornaram possíveis a nós pela morte de Cristo. Diz o apóstolo João: “Deus é amor” (1 João 4.8). Ele explica esta declaração, dizendo: “Foi assim que Deus

manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4.9-10).

A pessoa verdadeiramente piedosa nunca se esquece de que outrora foi objeto da santa e justa ira de Deus. Jamais se esquece de que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores — e sente, juntamente com Paulo, que ela própria é o pior dos pecadores. Mas depois olha para a cruz e vê que Jesus foi sua propiciação. Vê que Jesus carregou seus pecados em seu próprio corpo, e que a ira de Deus — ira que o pecador, deveria ter sofrido — foi consumida completa e totalmente sobre o santo Filho de Deus. Nesta visão do Calvário, o pecador percebe o amor divino.

O amor de Deus não tem sentido sem o Calvário. E o Calvário não tem sentido sem a santa e justa ira de Deus. Jesus não morreu apenas para dar-nos paz e propósito de vida; ele morreu para salvar-nos da ira divina. Morreu para reconciliar-nos com um Deus santo que estava alienado de nós por causa de nosso pecado. Morreu para resgatar-nos da pena do pecado: a destruição eterna, a exclusão da presença do Senhor. Morreu para que nós, os verdadeiros objetos da ira divina, nos tornássemos, por sua graça, herdeiros de Deus e co-herdeiros com ele.

A medida do apreço que temos pelo amor de Deus é proporcional à profundidade de nosso temor a ele. Quanto mais vemos a Deus em sua infinita majestade, santidade e glória transcendente, tanto mais contemplamos com admiração e espanto seu amor vertido no Calvário. É também verdade que quanto mais profunda for nossa percepção do amor de Deus em Cristo, tanto mais profunda será nossa reverência para com ele. Devemos ver a Deus na glória de todos os seus atributos: sua bondade bem como sua santidade, se quisermos atribuir-lhe a glória e honra e reverência que lhe são devidas. O salmista captou esta verdade ao dizer a Deus: “Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia? Mas contigo está o perdão para que sejas temido” (Salmo 130.3-4). Ele adorava a Deus com reverência e temor por

causa do perdão divino. No exercício da piedade, devemos, pois, buscar crescer tanto no temor de Deus como numa compreensão cada vez maior do seu amor. Juntos, esses dois elementos, formam o alicerce da devoção a Deus.

Esta consciência do amor divino por nós, em Cristo, deve ser *personalizada* a fim de que ela se torne um dos sólidos ângulos fundamentais de nosso “triângulo de devoção” a Deus. Não basta crer que Deus amou ao mundo. É preciso ser capturado pela compreensão de que Deus *me* ama, uma pessoa específica. É esta consciência de seu amor individual que atrai nossos corações em devoção a ele.

Houve um período no começo da minha vida cristã em que meu conceito do amor divino era pouco mais do que uma dedução lógica: Deus ama ao mundo; faço parte do mundo; portanto, Deus me ama. Era como se o amor divino fosse um grande guarda-chuva que protegesse a todos de seu juízo contra o pecado; e eu estava sob o guarda-chuva, junto com milhares de outras pessoas. Nada havia de particularmente pessoal nisso. Um dia, porém, compreendi: “Deus *me* ama! Cristo morreu por *mim*”.

A consciência que temos do amor de Deus por nós deve também crescer constantemente. À medida que nosso viver cristão amadurece, tornamo-nos cada vez mais cômicos da santidade divina e de nossa pecaminosidade. Na primeira carta de Paulo a Timóteo ele fala da misericórdia de Deus em nomeá-lo para o ministério do evangelho. Lembra-se de que outrora foi um homem blasfemador, perseguidor e violento. Esta descrição já não se aplica a Paulo; tudo pertence ao passado. Mas à medida que continua a refletir sobre a graça divina, quase inconscientemente, parece, escorrega para o tempo presente de sua experiência. “Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1 Tm 1.15). Ele já não pensa no passado como perseguidor de Cristo. Pensa agora em sua experiência diária e atual como crente que não corresponde à vontade de Deus para ele. Ele não pensa em outros crentes, cuja devoção a Deus e atingimento de um caráter piedoso estavam bem atrás de Paulo. Não perde tempo tentando justificar-

se, comparando-se favoravelmente com cristãos menos maduros. Ele se compara com o padrão divino, e, por conseguinte, vê a si mesmo como o principal dos pecadores.

Mediante este senso presente de sua pecaminosidade, Paulo vê o amor que Deus tem por ele. Quanto mais cresce no conhecimento da perfeita vontade divina, tanto mais compreende o amor de Deus que enviou a Cristo para morrer por ele. E quanto mais vê o amor de Deus, tanto mais seu coração procura alcançar a devoção adoradora àquele que tanto o amou.

Se o amor de Deus por nós deve ser um alicerce sólido da devoção, precisamos reconhecer que esse amor é *inteiramente* de graça, que repousa de maneira completa sobre a obra de Jesus Cristo e flui para nós através da união que temos com ele. Por causa desta base, seu amor nunca pode mudar, não importa o que façamos. Em nossa experiência diária, passamos por toda sorte de altos e baixos espirituais — pecado, fracasso, desânimo, que têm a tendência de fazer-nos questionar o amor divino. É por isso que continuamos pensando que o amor de Deus é um tanto condicional. Temos medo de crer que seu amor se baseia inteiramente na obra acabada de Cristo a nosso favor.

No fundo da alma devemos apoderar-nos da maravilhosa verdade de que nossos fracassos espirituais não afetam um til, sequer, do amor que Deus tem por nós, que esse amor não flutua segundo nossa experiência. Devemos ser dominados pela verdade de que Deus nos aceita e nos ama pelo único motivo de estarmos unidos ao seu Filho amado. Conforme a *King James Version* traduz Efésios 1.6: “ele nos fez aceitos no Amado”.

Por isso é que Paulo podia regozijar-se tão grandemente no amor de Deus. Ouça o soar triunfante de sua voz em Romanos 8 quando ele faz estas perguntas:

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

“Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus?”

“Quem os condenará?”

“Quem nos separará do amor de Cristo?”

A seguir ouça sua exultante conclusão ao dizer: “Pois estou convencido de que... [nada]... será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Este conhecimento imediato do amor pessoal e incondicional de Deus por nós em Cristo leva-nos a um viver descuidado? De maneira nenhuma. Pelo contrário, tal consciência do amor divino estimula em nós maior devoção a ele. E esta devoção é ativa; não é apenas um sentimento caloroso, afetuoso para com Deus.

Paulo testemunhou que o amor de Cristo por nós constrangia-o a viver, não para si mesmo, mas para aquele que morreu por nós e ressuscitou (2 Coríntios 5.14-15). O verbo “constranger”, usado por Paulo, é muito forte. Significa pressionar de todos os lados; impelir ou forçar alguém a tomar um determinado curso de ação. Provavelmente não são muitos os cristãos que podem identificar-se com a profundidade da motivação de Paulo, mas por certo este deveria ser nosso alvo. Esta é a força constrangedora que o amor de Deus tenciona exercer sobre nós.

Semelhantemente, João fala da força constrangedora do amor de Deus, ao dizer: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 João 4.19). Seja o amor a Deus, seja o amor a outras pessoas, que João tinha em mente, ambos são instigados pelo reconhecimento do amor divino por nós.

Vemos, pois, que a devoção a Deus começa com o temor de Deus — com uma perspectiva bíblica de sua majestade e santidade que suscita reverência e respeito. Vemos também que o temor de Deus conduz naturalmente a uma compreensão do amor divino por nós demonstrado na morte propiciatória de Cristo Jesus. À medida que mais e mais contemplamos a Deus em sua majestade, santidade e amor, somos progressivamente levados ao ápice do triângulo da devoção: desejar o próprio Deus.

SEDE DE DEUS

A verdadeira piedade envolve nossas afeições e desperta dentro de nós um desejo de gozar da presença e da comunhão de Deus. Ela produz um anseio pelo próprio Deus. O autor do Salmo 42 expressou vividamente este anseio ao exclamar: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus”.

Que poderia ser mais intensa do que a sede de uma corça perseguida pelos caçadores? O salmista não hesita em usar esta figura para ilustrar a intensidade de seu próprio desejo da presença e comunhão de Deus.

Davi também expressa este intenso anseio por Deus: “Uma coisa pedi ao Senhor; é o que procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a bondade do Senhor e buscar sua orientação no seu templo” (Salmo 27.4). Davi ansiava intensamente pelo próprio Deus para que pudesse gozar de sua presença e beleza. Visto que Deus é espírito, obviamente sua beleza se refere não a uma aparência física, mas a seus atributos. Davi desejava contemplar a majestade e grandeza, a santidade e a bondade de Deus. Porém ele fez mais do que contemplar a beleza dos atributos divinos: buscou o próprio Deus. Em outra parte dele diz: “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente; a minha alma tem sede de ti! Todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água” (Salmo 63.1).

O apóstolo Paulo também sentiu este anseio de Deus: “para o conhecer [a Cristo]...” (Filipenses 3.10). A *Amplified Bible* [Bíblia ampliada] reforça a intensidade do desejo de Paulo nesta passagem: [Porque meu determinado propósito é] que eu possa conhecê-lo — para que progressivamente eu possa tornar-me mais profunda e inteiramente familiarizado com ele, percebendo, reconhecendo e compreendendo [as maravilhas de sua pessoa] com maior vigor e maior clareza”. Ao contemplar a Deus no temor de sua majestade, poder e santidade infinitos e a seguir demorar-se nas riquezas da sua misericórdia e graça vertidas no Calvário, seu coração é cativado por este Alguém que pôde amá-lo tanto. Ele só se contenta com Deus, e nunca está satisfeito com sua experiência atual de Deus. Sempre anseia por mais.

É possível que a ideia de desejar a Deus pareça estranha a muitos cristãos hoje. Entendemos a noção de servir a Deus, de ocupar-nos na sua obra. Podemos ter, inclusive, uma “hora tranquila” quando lemos a Bíblia e oramos. Mas a ideia de ansiar pelo próprio Deus, do desejo de desfrutar profundamente de sua comunhão e presença pode parecer mística demais, chegando

quase à beira do fanatismo. Preferimos um cristianismo mais prático.

Não obstante, quem poderia ser mais prático do que Paulo? Quem, mais do que Davi, participou das lutas do viver diário? Entretanto, tanto Paulo como Davi, com todas as suas responsabilidades, ansiaram por maior comunhão com o Deus vivo. Desde as primeiras páginas até às últimas, a Bíblia mostra que este é o plano de Deus para nós. No terceiro capítulo do Gênesis Deus anda no jardim, chamando a Adão para ter comunhão com ele. No capítulo 21 do Apocalipse, João tem a visão da nova Jerusalém que descia do céu, e ouve a voz divina dizendo: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá.” (v. 3). Por toda a eternidade Deus planeja ter comunhão com o seu povo.

Na era presente, Jesus ainda repete o que disse à igreja de Laodiceia: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo” (Apocalipse 3.20). Na cultura dos dias de João, cear com alguém significava ter comunhão com essa pessoa; por isso Jesus nos convida a abrir-lhe o coração para que tenhamos comunhão com ele. Ele deseja que o conheçamos melhor; portanto, o desejo e o anseio que sentimos por Deus é algo que ele planta em nosso coração.

Na vida da pessoa piedosa, este desejo de Deus produz uma aura de calor. A ideia de que a piedade é austera e fria provém de um falso senso de moralidade legalista erroneamente chamada de piedade. A pessoa que passa tempo com Deus irradia a glória divina de uma forma sempre calorosa e convidativa, nunca fria e distante.

Este anseio por Deus também produz o desejo de glorificá-lo e agradá-lo. Num só fôlego, Paulo expressa o desejo de conhecer a Cristo e de assemelhar-se a ele. Este é o objetivo supremo de Deus para nós e objeto da obra do Espírito em nós. Em Isaías 26.9, o profeta proclama seu desejo pelo Senhor em palavras muito semelhantes às do salmista: “A minha alma suspira por ti durante a noite; e logo cedo o meu espírito por ti anseia”. Note que logo antes de expressar seu anseio pelo Senhor, ele expressa o desejo de sua glória: “O teu nome e a tua lembrança são o desejo do nosso

coração” (v. 8). Memória tem que ver com a reputação, fama e eminência de alguém. No caso de Deus, com sua glória. O profeta não podia separar em sua alma o desejo da glória de Deus e o desejo do próprio Deus. Esses dois anseios andam de mãos dadas.

Eis o que é devoção a Deus: o temor de Deus, que é uma atitude de reverência e respeito, veneração e honra para com ele, aliadas a uma compreensão profunda, dentro de nossa alma, do amor divino por nós, demonstrado de maneira preeminente na morte propiciatória de Cristo. Essas duas atitudes complementam-se e reforçam-se, produzindo na alma do crente um intenso anseio por aquele que é tão temível em sua glória e majestade, e ao mesmo tempo é tão condescendente em seu amor e misericórdia.

3. EXERCITA-TE NA PIEDADE

Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercita-te, pessoalmente, na piedade.

1 TIMÓTEO 4.7

O apóstolo Paulo não contava como certa a piedade de Timóteo, seu filho espiritual. Embora Timóteo tivesse sido seu companheiro e colaborador durante alguns anos, Paulo ainda achou necessário escrever-lhe: “Exercita-te, pessoalmente, na piedade” (ARA). Se Timóteo necessitava deste estímulo, certamente também dele necessitamos hoje.

Insistindo com Timóteo a que se exercitasse na piedade, Paulo empregou um verbo do mundo dos desportes cuja raiz é traduzida em diferentes versões bíblicas por “exercitar”, “disciplinar” ou “treinar”, e refere-se ao treinamento dos jovens atletas para participação nas competições desportivas da época. Mais tarde esse verbo assumiu um sentido mais geral de treinamento ou disciplina, corporal ou mental em uma habilidade especial.

PRINCÍPIOS DE TREINAMENTO

Há, na exortação de Paulo a Timóteo, diversos princípios para o exercício da piedade aplicáveis a nós, em nossos dias. O primeiro é a *responsabilidade pessoal*. Paulo disse: “Exercita-te pessoalmente”. Timóteo era pessoalmente responsável por seu progresso na piedade. Ele não devia confiar no Senhor para obter esse progresso e então relaxar-se, embora por certo entendesse que o progresso alcançado viria apenas mediante capacitação divina. Ele devia desenvolver este aspecto particular de sua salvação, com a confiança de que Deus operava em sua vida. Diante da mensagem de Paulo, devia exercitar-se na piedade; competia-lhe *buscá-la*.

Nós, cristãos, podemos ser muito disciplinados e industriais em nossos negócios, nossos estudos, nosso lar ou mesmo em

nosso ministério, mas tendemos a ser preguiçosos quando se trata de exercitar a vida espiritual. Preferimos orar, dizendo: “Senhor, faze-me piedoso”, e esperar que ele, de alguma forma misteriosa, “derrame” piedade em nossa alma. De fato, Deus opera de modo misterioso para fazer-nos piedosos, mas primeiro temos de cumprir nossa responsabilidade pessoal. Devemos exercitar-nos pessoalmente na piedade.

O segundo princípio da exortação de Paulo é que *o objeto deste exercício era o crescimento* na vida espiritual de Timóteo. Em outro lugar Paulo incentiva Timóteo a progredir em seu ministério, mas aqui o objetivo é a devoção de Timóteo a Deus e a conduta resultante dessa devoção. Muito embora fosse um ministro cristão experiente, com boas qualidades, Timóteo ainda necessitava crescer nas áreas essenciais da piedade: temor de Deus, compreensão do amor divino e o desejo da sua presença e comunhão.

Exerço o ministério cristão de tempo integral por mais de vinte e cinco anos, e tenho servido no além-mar e aqui nos Estados Unidos. Durante esse tempo conheci muitos cristãos talentosos e capazes, mas acho que conheci poucos cristãos piedosos. A ênfase de nossa época é servir a Deus, realizar coisas para Deus. Enoque foi pregador de justiça num tempo de grosseira impiedade, mas o Senhor achou por bem que o breve relato de sua vida acentuasse que ele andou com Deus. Com que finalidade estamos nos exercitando? Estamos nos exercitando apenas em atividade cristã, por boa que possa ser, ou estamos nos exercitando, antes de tudo, na piedade?

O terceiro princípio da exortação de Paulo a Timóteo é a importância de *um mínimo de características necessárias ao exercício da piedade*. Muitos de nós temos visto na televisão várias competições olímpicas, e ao nos darem os comentaristas um resumo da vida dos atletas, conscientizamo-nos de que há certos mínimos irreduzíveis no treinamento dos competidores olímpicos. É bem provável que Paulo, ao comparar o treinamento físico com o treinamento na piedade, tivesse em mente essas características mínimas.

O CUSTO DO COMPROMISSO

O primeiro desses mínimos irredutíveis é o *compromisso*. Ninguém alcança o nível da competição olímpica, ou mesmo nacional, sem o compromisso de pagar o preço de treinamento diário e rigoroso. Do mesmo modo, ninguém jamais se torna piedoso sem pagar o preço do exercício espiritual diário que Deus planejou para nosso crescimento na piedade.

O conceito de compromisso ocorre repetidamente na Bíblia toda. Encontra-se no clamor de Davi a Deus: “Eu te busco intensamente” (Salmo 63.1). Encontra-se na promessa de Deus aos cativos na Babilônia: “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração” (Jeremias 29.13). Ocorre no esforço de Paulo por conseguir aquilo para o qual Cristo Jesus o havia conquistado (Filipenses 3.12). Está por trás de exortações tais como: “Segui... a santificação” (Hebreus 12.14), e “empenhem-se para acrescentar à sua fé... a piedade” (2 Pedro 1.5-7). Parte alguma desta busca, diligência ou esforço ocorrerá sem nosso compromisso.

A piedade tem bom preço e jamais entra em liquidação. Ela nunca vem de maneira barata ou fácil. O verbo *exercitar*, que Paulo escolheu deliberadamente, denota esforço perseverante, esmerado, diligente. Ele estava bem cômico do compromisso total que os atletas faziam para conquistar uma coroa perecível. Pensando na coroa imperecível: a piedade que para tudo é proveitosa, tanto na vida presente como na vindoura, o apóstolo instou com Timóteo, e admoesta-nos hoje a que assumamos o tipo de compromisso necessário ao exercício da piedade.

APRENDENDO COM UM MESTRE HABILITADO

O segundo mínimo irredutível no exercício da piedade é *um professor* ou *técnico competente*. Nenhum atleta, não importa quanta capacidade natural possa ter, consegue preparar-se para as Olimpíadas sem um técnico competente que o obrigue ao mais alto padrão de excelência e veja e corrija cada pequena falha. Do mesmo modo não podemos exercitar-nos na piedade sem o

ministério de ensino e treinamento do Espírito Santo. Ele nos força ao mais elevado padrão espiritual de excelência à medida que nos ensina, censura, corrige e treina por meio de sua Palavra. Portanto, se desejarmos crescer na piedade, devemos expor-nos regularmente ao ensino da Palavra de Deus.

Em Tito 1.1, Paulo refere-se ao “conhecimento da verdade segundo a piedade”. Não podemos crescer na piedade sem o conhecimento desta verdade, que só pode ser encontrada na Bíblia. Conhecimento esse não apenas de fatos bíblicos, mas de conceitos espirituais que o Espírito Santo ensina à medida que aplica a verdade de Deus aos nossos corações.

Há um tipo de conhecimento religioso prejudicial ao exercício da piedade. É o conhecimento cheio de empáfia espiritual. Os cristãos de Corinto possuíam este tipo de conhecimento. Sabiam que os ídolos não têm valor algum e que comer alimento sacrificado a eles era questão de espiritualidade individual. Desconheciam, porém, a responsabilidade que tinham de amar o irmão mais fraco. Só o Espírito Santo comunica o tipo de conhecimento que conduz à piedade.

É possível o indivíduo ser muito ortodoxo em questão de doutrina, muito correto no comportamento, e não ser piedoso. Muitos praticam doutrinas ortodoxas e corretas, mas não são devotados a Deus. São fiéis à sua ortodoxia e aos seus padrões de conduta moral.

Só o Espírito Santo pode livrar-nos das posições de falsa confiança. Por isso, ao buscarmos crescer na piedade, devemos sinceramente recorrer ao seu ministério de treinamento. Devemos passar muito tempo expostos à sua Palavra, visto como ela é seu instrumento de ensino. Mas esta exposição deve fazer-se acompanhar de um profundo senso de humildade com relação à nossa capacidade de aprender verdades espirituais e de um senso de total dependência de seu ministério em nosso coração.

EXERCÍCIO E MAIS EXERCÍCIO

O terceiro mínimo irreduzível do treinamento é o *exercício* ou prática. É ele que põe o compromisso em ação e aplica o ensino do técnico. É a prática que desenvolve a perícia que torna o atleta competitivo em sua modalidade de esporte. É a prática da piedade que nos capacita a sermos cristãos piedosos. Não há atalhos para a perícia de nível olímpico; não há atalhos para a piedade. É a fidelidade ininterrupta aos meios que Deus preparou, e que o Espírito Santo usa, que nos proporciona crescimento na piedade. Devemos *exercitar* a piedade do mesmo modo que o atleta se exercita na sua modalidade esportiva.

Devemos, por exemplo, praticar o temor de Deus, se quisermos crescer nesse aspecto da devoção piedosa. Se concordarmos com o Rev. Martin que diz que os elementos essenciais do temor de Deus são conceitos corretos de seu caráter, um senso penetrante de sua presença e uma consciência constante de nossa responsabilidade para com ele, então devemos esforçar-nos por encher a mente com as expressões bíblicas dessas verdades e aplicá-las à vida até que nos transformemos em pessoas tementes a Deus.

Se nos convenceremos de que a humildade é um traço do caráter piedoso, meditaremos frequentemente em passagens bíblicas tais como Isaías 57.15 e 66.1-2, nas quais o próprio Deus enaltece a humildade. Oraremos pedindo ao Espírito Santo que as aplique à nossa vida para fazer-nos verdadeiramente humildes. Isto é exercício da piedade. Não é um exercício imaterial. É prático, simples e temos, às vezes, de sujar um bocadinho as mãos quando o Espírito Santo opera em nós. Mas é sempre compensador ao vermos o Espírito Santo transformando-nos mais e mais em pessoas piedosas.

USANDO A PALAVRA DE DEUS

É evidente que a Palavra de Deus desempenha papel decisivo no crescimento da piedade. Uma parte destacada do exercício na piedade é, portanto, o tempo que empregamos no estudo da Palavra de Deus. O modo como gastamos esse tempo varia segundo o método de ingestão. Os Navegadores usam os cinco

dedos da mão como cabides mentais sobre os quais penduram os cinco métodos de ingestão da Palavra de Deus: ouvir, ler, estudar, memorizar e meditar. Esses métodos são importantes para a piedade e precisam ser considerados um por um.

O método mais comum de absorção bíblica é *ouvir* a Palavra de Deus transmitida pelos pastores e mestres. Vivemos numa época em que muitos consideram este método como um meio um tanto ineficaz de aprender verdades espirituais, o que é um grave erro. O próprio Senhor Jesus Cristo concedeu à sua igreja pessoas dotadas para ensinar as verdades de sua Palavra, lembrar-nos das lições que temos a tendência de esquecer, e exortar-nos à constância na aplicação dessas verdades. Precisamos estar atentos àqueles que ele concedeu para este propósito.

Nenhum de nós se torna espiritualmente autossuficiente ao ponto de não necessitar ouvir a Palavra ensinada por outros. E a maioria de nós não tem capacidade ou tempo para investigar, por conta própria, “toda a vontade de Deus” (Atos 20.27). Precisamos submeter-nos ao ensino regular de um homem dotado por Deus e preparado para expor-nos a Palavra divina.

Um motivo por que o ouvir a Palavra de Deus tem caído em tão baixa estima é que não obedecemos ao ensino de Deus de Apocalipse 1.3: “Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem...” (ARA). Hoje, com demasiada frequência ouvimos com o intuito de entreter-nos em vez de instruir-nos; de nos emocionarmos em vez de mover-nos à obediência. Não guardamos no coração aquilo que ouvimos nem o aplicamos ao nosso viver diário.

Nós, cristãos da época presente, não diferimos muito dos judeus do tempo de Ezequiel, dos quais Deus disse: “O meu povo vem a você, como costuma fazer, e se assenta para ouvir as suas palavras, mas não as põe em prática” (Ezequiel 33.31). Deus prossegue dizendo a Ezequiel que para seus ouvintes ele não passa de um cantor que tem bela voz e que toca bem um instrumento. Para os judeus ele era apenas um entretenedor, porque não tinham intenção alguma de pôr em prática o que ouviam.

O tipo de ouvir a Palavra que Deus recomenda é exemplificado pelos cristãos bereanos, os quais “receberam a

mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo” (Atos 17.11). Eles não ouviram e esqueceram; não ouviram apenas para entreter-se. Eles perceberam que estavam em jogo problemas eternos; por isso ouviram a Palavra, estudaram-na e a aplicaram. Considerando que é provável que não tivessem seus próprios exemplares das Escrituras, é notável o estudo que faziam dos ensinamentos de Paulo. É uma censura a nós hoje, que mal transpomos as portas da igreja, nos esquecemos da mensagem do sermão.

Já consideramos brevemente o pensamento expresso em Tito 1.1: o conhecimento da verdade é que conduz à piedade. Mas não é só isso o que o versículo diz. No mesmo trecho, Paulo afirma ser apóstolo de Jesus Cristo para promover a fé que é dos eleitos de Deus, e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade. Paulo foi chamado para ensinar, com o expresso propósito de promover a fé e a piedade entre os eleitos de Deus. Deus chamou a Paulo para essa tarefa; ele chama pastores e mestres hoje para o mesmo propósito. Se, porém, quisermos beneficiar-nos de seu ministério de sorte que cresçamos no conhecimento da verdade que leva à piedade, devemos dar ouvidos às suas palavras, assim como os bereanos deram ouvidos a Paulo: com toda a avidez e intenção de obedecer.

O segundo método de absorção é a *leitura* pessoal da Bíblia. Pela leitura da Bíblia temos a oportunidade de aprender diretamente do Grande Mestre, o Espírito Santo. Por útil e proveitoso que seja aprender mediante o ensino de outros, o ensino recebido do Espírito Santo diretamente das páginas da sua Palavra, é incomparavelmente melhor.

Já vimos que Enoque andou com Deus, o que significa que ele desfrutava de comunhão pessoal com Deus. A leitura da Bíblia capacita-nos, também, a gozar de comunhão com Deus. Ele fala a nós através de sua Palavra, estimulando-nos, instruindo-nos e revelando-se. De Moisés se disse que “O Senhor falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo” (Êxodo 33.11). Hoje não temos esse privilégio especial, mas podemos sentir o mesmo efeito quando Deus nos fala nos momentos de leitura bíblica.

peçoal. Nosso exercício na piedade estaria de todo incompleto sem um programa de leitura regular da Bíblia.

O segundo valor da leitura da Bíblia é a oportunidade de adquirirmos uma perspectiva geral da Bíblia toda. Nenhum pastor poderia, nem deveria, pregar sobre a Bíblia toda no breve espaço de um ou dois anos. Mas todos nós podemos ler a Bíblia inteira em um ano. Para isto, temos ao nosso alcance muitos planos de leitura bíblica. À medida que vamos lendo, as várias partes da verdade espiritual se vão encaixando. O livro de Hebreus não faz sentido, a menos que o leitor tenha um mínimo de conhecimento do sistema sacerdotal e sacrificial do Antigo Testamento. Muitas das alusões que os escritores do Novo Testamento fizeram ao Antigo permanecerão um mistério, a menos que leiamos as passagens em seu contexto original. Não se pode entender a doutrina do pecado original por via de Adão, conforme Paulo a ensina no capítulo 5 de Romanos, sem que se conheçam os acontecimentos registrados no capítulo 3 do Gênesis.

Sem um programa de leitura da Bíblia toda, ficaríamos não apenas espiritualmente ignorantes, mas também espiritualmente empobrecidos. Quem deixaria de tirar lições da fé revelada por Abraão, do amor que Davi tinha por Deus, da justiça de Daniel e das provações de Jó? Como podemos tornar-nos piedosos sem o pulsar de coração dos Salmos e sem a sabedoria prática dos Provérbios? Onde podemos aprender melhor da majestade e da fidelidade divina do que através do profeta Isaías? Se não lermos periodicamente a Bíblia, perderemos essas notáveis passagens do Antigo Testamento bem como outras do Novo.

Toda a Bíblia nos é proveitosa; mesmo passagens que pareçam difíceis de entender. Podemos escolher dentre os vários programas de leitura bíblica que ajudem a manter regularidade em nossa leitura e compreender as passagens mais difíceis.

O terceiro método de ingerir a Bíblia é estudá-la. A leitura bíblica dá-nos amplitude, mas o seu estudo nos dá profundidade. O valor do estudo bíblico reside na oportunidade de cavar mais fundo numa passagem ou tópico, coisa que a simples leitura não proporciona. O estudo requer maior diligência e intensidade mental;

no estudo analisamos uma passagem, comparamos texto com texto, fazemos perguntas, observações e finalmente organizamos o fruto de nosso estudo, apresentando-o de maneira lógica. Fazer anotações no material de estudo ajuda a esclarecer nossos pensamentos, o que fortalece o conhecimento da verdade e ajuda-nos a crescer na piedade.

Todo cristão deveria ser estudante da Bíblia. Os cristãos hebreus foram censurados porque, devendo estar em condições de ensinar a outros, ainda necessitavam de alguém que lhes ensinasse as verdades elementares da Palavra de Deus. Precisavam de leite, e não de alimento sólido! Infelizmente, muitos de nós somos como aqueles cristãos. Há diversos métodos de estudo da Bíblia ao alcance de estudantes de todos os níveis. Mas qualquer que seja o método escolhido, devemos observar certos princípios expostos em Provérbios 2.1-5. Observe os verbos que foram grifados para efeito de destaque:

Meu filho, se você *aceitar* as minhas palavras e *guardar* no coração os meus mandamentos; se *der ouvidos* à sabedoria e *inclinar* o coração para o discernimento; se *clamar* por entendimento e por discernimento *gritar bem alto*; se *procurar* a sabedoria como se procura a prata e *buscá-la* como quem busca um tesouro escondido, então você entenderá o que é temer o Senhor e achará o conhecimento de Deus.

Os verbos grifados dão uma ideia dos princípios envolvidos no estudo da Bíblia, tais como:

- docilidade: aceitar as minhas palavras;
- intenção de obedecer: guardar no coração os meus mandamentos;
- disciplina mental: inclinar o coração;
- dependência devota: clamar, gritar bem alto;
- diligente perseverança: procurar como a um tesouro escondido.

Os resultados da aplicação destes princípios ao estudo da Bíblia encontram-se no versículo 5: “Então você entenderá o que é temer o Senhor e achará o conhecimento de Deus” — dois dos conceitos fundamentais em nossa devoção a Deus. Se quisermos exercitar-nos na piedade, devemos dar ao estudo bíblico prioridade em nossa vida.

Onde encontramos tempo para estudo qualitativo da Bíblia? Certa vez ouvi essa pergunta feita ao chefe de cirurgia de um grande hospital. Vinte e cinco anos se passaram e sua resposta continua a desafiar-me. Ele olhou diretamente nos olhos de seu interlocutor, e disse: “Você sempre encontrará tempo para o que lhe for importante”. Que importância tem para você o exercício da piedade? É importante o suficiente para ter prioridade sobre a televisão, os livros, as revistas, a recreação, e uma série de atividades para as quais todos encontramos tempo? Uma vez mais nos encontramos face a face com o elemento-chave do exercício da piedade, analisado anteriormente: compromisso.

Memorização de passagens importantes é o quarto método de absorção bíblica. Sem dúvida o versículo clássico que fala da memorização da Bíblia é Salmo 119.11: “Guardei no coração a tua palavra para não pecar contra ti”. A palavra que no versículo 11 é traduzida por “guardei”, tem o sentido de “armazenar”, verbo mais descritivo do verdadeiro significado do termo hebraico. Por exemplo, em Provérbios 7.1, Salomão diz: “Meu filho... no íntimo *guarde* os meus mandamentos”. Em Provérbios 10.14, ele diz: “Os sábios *acumulam* conhecimento”. No Salmo 31.19, Davi fala da bondade que Deus *reservou* para os que o temem. Essas passagens deixam claro que a ideia central do salmista no versículo 11 do Salmo 119 era a de entesourar, conservar, armazenar a Palavra de Deus no coração para o tempo de uma futura necessidade, época em que ele toparia com a tentação e a Palavra de Deus o guardaria de ser tentado.

Mas a Palavra de Deus guardada no coração faz mais do que proteger-nos do pecado. Ela possibilita o crescimento em todas as áreas da vida cristã. Especificamente para nosso exercício na

piedade ela nos habilita a crescer em devoção a Deus e em caráter semelhante ao de Deus, que torna nossa vida agradável a ele.^[8]

O quinto método para ingerir a Palavra de Deus é a *meditação*. A palavra *meditar*, empregada no Antigo Testamento, literalmente significa murmurar ou sussurrar, e, por inferência, falar consigo mesmo.^[9] Quando meditamos nas Escrituras, conversamos com nós mesmos a respeito delas, revolvendo na mente os significados, as implicações e as aplicações delas à nossa própria vida.

Embora usemos o Salmo 119.11 em conexão com a memorização da Bíblia, ele pode também apoiar a prática da meditação. O salmista diz que guardava a Palavra de Deus no *coração*, no mais íntimo do ser. A mera memorização apenas introduz as Escrituras em nossa mente. A meditação sobre essas mesmas Escrituras abre-nos o entendimento, toca nossas afeições e fala à nossa vontade. Este é o processo de guardar a Palavra de Deus no coração. Se, porém, o processo de memorização bíblica aplica-se basicamente à meditação, também é verdade que é o primeiro passo para a meditação. A meditação na Palavra de Deus é ordenada em Josué 1.8 e recomendada no Salmo 1.2. Ambos os versículos falam da meditação *de dia e de noite*, e não apenas na hora devocional. É impossível meditar nas Escrituras de dia e de noite sem alguma forma de memorização.

No primeiro capítulo deste livro definimos a piedade como devoção a Deus, que resulta numa vida agradável a ele. Se tivéssemos de escolher um capítulo da Bíblia que retrata o pulsar de coração da pessoa piedosa, provavelmente seria o Salmo 119. Nos seus 176 versículos, com exceção de dois, o autor relaciona sua vida com a Palavra de Deus e com o Deus que está por trás dessa Palavra. Referindo-se às Escrituras ele sempre diz *tua* lei, *teus* estatutos, *teus* desejos, *teus* preceitos etc. Para o salmista, a lei de Deus não eram os mandamentos frios de uma divindade distante, mas a palavra viva do Deus a quem ele amava, buscava e ansiava por agradar.

Andar com Deus implica ter comunhão com ele. Sua Palavra é absolutamente necessária e central à nossa comunhão com ele.

Para agradarmos a Deus é preciso que conheçamos a sua vontade: como ele quer que vivamos, o que ele deseja que façamos. Sua Palavra é o único meio pelo qual ele comunica essa vontade a nós. É impossível exercitarmos a piedade sem constante, regular e equilibrada ingestão da Palavra de Deus em nossa vida.

A ingestão da Palavra é o recurso fundamental do exercício da piedade, porém não o único. No próximo capítulo estudaremos a maneira de desenvolver devoção a Deus. Em capítulos subsequentes examinaremos como crescer em alguns traços individuais do caráter piedoso, incluindo-se o exame de alguns passos práticos para o exercício da piedade.

NATUREZA DO EXERCÍCIO

Paulo disse: “Exercita-te, pessoalmente, na piedade”. Você e eu somos responsáveis pelo exercício na piedade. Embora dependamos da ajuda divina para desenvolvermos esse processo, parte da responsabilidade é nossa, pois ele não é passivo. O objetivo desse processo é a piedade, uma devoção centrada em Deus e um caráter semelhante ao dele e não a proficiência no ministério. Para exercitar-nos na piedade é preciso que nos concentremos no relacionamento com Deus, embora desejemos desenvolver proficiência no nosso ministério.

O exercício da piedade exige compromisso, ministério de ensino do Espírito Santo mediante sua Palavra, e prática de nossa parte. Estamos preparados para aceitar essa responsabilidade e assumir esse compromisso? Enquanto ponderamos essa pergunta, lembremo-nos de que “a piedade... para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura”, e “a piedade com contentamento é grande fonte de lucro” (1 Timóteo 4.8 e 6.6).

4. BUSCANDO UMA DEVOÇÃO MAIS PROFUNDA

Eu te busco de todo o coração; não permitas que eu me desvie dos teus mandamentos.

SALMO 119.10

A Bíblia define os incrédulos como totalmente ímpios. Paulo diz aos romanos que eles não têm nenhum temor de Deus, são-lhe hostis, não querem submeter-se à sua lei e não podem agradá-lo. Isto é tão verdadeiro em se tratando do incrédulo moralmente reto quanto o é do mais corrupto depravado. O primeiro adora um deus que ele próprio forjou, e não o Deus da Bíblia. O último, ao se confrontar com as reivindicações do Soberano Deus do universo, com frequência reage com maior hostilidade do que o incrédulo que vive em franco pecado.

No instante de nossa salvação, Deus, mediante o Espírito Santo, elimina o espírito ímpio que temos dentro de nós. Ele nos dá um coração novo e nos leva a obedecer-lhe; dá-nos singeleza de coração e inspira-nos a temê-lo; derrama seu amor em nosso coração de sorte que começamos a compreender o amor que ele tem por nós. Tudo isto está incluído nas bênçãos do novo nascimento, por isso podemos dizer com certeza que todos os cristãos possuem, pelo menos em forma embrionária, uma devoção básica a Deus. É impossível ser cristão e não tê-la. A obra do Espírito Santo assegura-nos que Deus, no ato da regeneração, concedeu-nos tudo o de que necessitamos para a vida e a piedade.

Conquanto todos nós, como cristãos, possuamos uma centralidade básica em Deus como parte integrante de nossa vida espiritual, devemos crescer nesta devoção a Deus. Devemos exercitar-nos pessoalmente na piedade; devemos esforçar-nos por associar à nossa fé a piedade. Crescer em piedade é crescer em devoção a Deus e em semelhança ao seu caráter.

No capítulo dois exemplificamos a devoção a Deus por meio de um triângulo cujos ângulos representam o temor de Deus, o amor a Deus e o desejo de Deus. Crescer em devoção a Deus é crescer em cada uma dessas três áreas. Visto como o triângulo tem os três lados iguais, assim devemos buscar crescer igualmente nessas três áreas, pois de outro modo nossa devoção se desequilibra.

Buscar crescermos no temor de Deus, por exemplo, sem que crescamos também na compreensão de seu amor pode levar-nos a ver Deus como distante e austero. Ou buscarmos crescer na consciência do amor de Deus sem que igualmente crescamos em reverência e temor a ele pode levar-nos a considerar Deus como um Pai celestial permissivo e indulgente que não se importa com o nosso pecado. Esta visão desequilibrada predomina na sociedade atual. Por isso é que muitos cristãos clamam por uma ênfase renovada sobre o ensino bíblico do temor de Deus.

Uma característica decisiva do crescimento em devoção piedosa deve, pois, ser uma aproximação equilibrada aos três elementos essenciais da devoção: temor, amor e desejo. Outra característica decisiva deve ser uma *vital dependência do Espírito Santo* para provocar este crescimento. O princípio do ministério cristão que Paulo apresenta em 1 Coríntios 3.7, “nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento”, é tão verdadeiro quanto o é o princípio do crescimento na piedade. Devemos plantar e regar mediante quaisquer meios de graça que Deus nos tenha concedido, mas só Deus pode fazer que a devoção piedosa cresça em nosso coração.

ORANDO PELO CRESCIMENTO

Expressamos esta vital dependência de Deus orando para que ele nos faça crescer em devoção a ele. Davi orou: “Dá-me um coração inteiramente fiel, para que eu tema o teu nome” (Salmo 86.11). Paulo orava para que os cristãos efésios pudessem compreender a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade do amor de Cristo (Efésios 3.16-19). E Davi orava para que pudesse morar na casa do Senhor, contemplar a sua beleza e meditar no seu templo

(Salmo 27.4). Cada uma dessas orações reconhece que o crescimento em devoção a Deus provém dele.

Se estivermos comprometidos com a prática da piedade, nossa vida de oração o refletirá. Estaremos regularmente pedindo a Deus que nos aumente o temor dele, que aprofunde a compreensão de seu amor e eleve o desejo de comunhão com ele. Seria bom, por exemplo, que colocássemos os três versículos citados acima, ou passagens semelhantes, na lista de nossos pedidos de oração e orássemos regularmente por deles.

MEDITANDO EM DEUS

Já estudamos a importância da Palavra de Deus no desenvolvimento da piedade. Ela também nos ajuda especificamente nas três áreas de devoção: temor de Deus, amor a Deus e desejo de Deus.

Conquanto toda a Bíblia deva instruir-nos no temor de Deus, tenho verificado que há certas passagens que são particularmente úteis em atrair minha atenção para a majestade e santidade de Deus: atributos apropriados para incentivar-nos o coração no temor de Deus. Eis algumas dessas passagens:

- Isaías 6 e Apocalipse 4 — santidade de Deus;
- Isaías 40 — grandeza de Deus;
- Salmo 139 — onisciência e onipresença de Deus;
- Apocalipse 1.10-17 e Apocalipse 5 — a majestade de Cristo.

Essas seleções bíblicas são apenas sugestões. Você pode encontrar outras que lhe sejam mais significativas. Use-as. O ponto importante é que Deus se utiliza de sua Palavra para criar em nosso coração o senso de reverência e temor a ele que nos leva a temê-lo. É inútil orar pedindo um aumento do temor de Deus em nossos corações sem meditar em textos bíblicos particularmente apropriados para incentivar esse temor.

Há também passagens específicas que nos ajudarão a crescer no conhecimento do amor de Deus por nós. Acho

especialmente úteis: Salmo 103; Isaías 53; Romanos 5.6-11, Efésios 2.1-10; 2 Coríntios 5.14-21; 1 Timóteo 1.15-16 e 1 João 4.9-11.

Ao recomendar-lhe certas passagens bíblicas, devo acentuar, porém, que não é a mera leitura, ou mesmo a memorização dessas passagens que alcança o almejado resultado do crescimento na piedade. Devemos meditar nelas; todavia, isto não é suficiente. O Espírito Santo deve vivificar sua Palavra em nosso coração para produzir o crescimento, por isso devemos meditar dependendo devotamente dele para realizar sua obra. Nem a meditação nem a oração, sozinhas, são suficientes para o crescimento na devoção. Ambas devem ser exercitadas.

ADORANDO A DEUS

Outra parte essencial da prática da devoção a Deus é a adoração. Por adoração quero dizer o ato específico de atribuir a Deus a glória, a majestade, a honra e a dignidade que lhe pertencem. Temos em Apocalipse 4.8-11 e 5.9-14 exemplos claros da adoração no céu, que deveríamos imitar aqui na terra. Quase sempre começo minha hora devocional diária com um período de adoração. Antes de começar minha leitura bíblica do dia, separo alguns minutos para refletir sobre um dos atributos de Deus ou para meditar sobre uma das passagens que falam dele, mencionadas acima; e então lhe dou a glória e a honra devidas a ele por causa desse atributo particular.

Acho útil colocar-me de joelhos para este momento de adoração como um reconhecimento físico de minha reverência, respeito e adoração de Deus. Adoração é assunto do coração, e não de nossa postura física; não obstante, as Escrituras retratam frequentemente o dobrar de joelhos como sinal de homenagem e adoração. Davi disse: “E me prostrarei diante do teu santo templo, no teu temor” (Salmo 5.7, ARA). O autor do Salmo 95 diz: “Venham! Adoremos prostrados e ajoelhemos diante do Senhor, o nosso Criador” (v. 6). Sabemos que um dia todo joelho se dobrará diante de Jesus como sinal de homenagem ao seu senhorio (Filipenses 2.10).

Obviamente, nem sempre nos é possível ajoelhar diante de Deus nos momentos de adoração. Deus o entende e certamente

leva o fato em conta. Mas quando podemos fazê-lo, recomendo fortemente que nos prostremos perante Deus, não apenas como sinal de reverência, mas também pelo que esse gesto representa no preparo de nossa mente para adorar a Deus de maneira aceitável a ele.

Ao acentuar o valor da adoração, tenho tratado exclusivamente da prática da adoração particular: a que devemos praticar em nossa hora devocional. Não quero dizer com isso que ignoremos a oração em público, congregacional. Simplesmente não me sinto qualificado para tratar desse assunto. Cabe aos pastores dar mais instrução sobre a natureza e prática da adoração congregacional. Percebo que muitos cristãos passam pelos atos de um culto de adoração sem realmente adorarem a Deus.

COMUNHÃO COM DEUS

Tudo quanto foi dito até aqui sobre a importância de orar, de meditar na Palavra de Deus e de separar um momento específico de adoração, ressalta o valor de uma hora devocional. A expressão “hora devocional” é empregada para descrever um período regular diário, separado para um encontro com Deus por meio de sua Palavra e pela oração. Um dos grandes privilégios do crente é ter comunhão com o Deus Todo-poderoso. Isto fazemos ouvindo-o falar-nos por intermédio de sua Palavra e falando nós a ele pela oração.

Há vários exercícios espirituais que podemos fazer durante a hora devocional, tais como ler a Bíblia toda em um ano e orar acerca de determinados pedidos. Mas o objetivo primário da hora devocional deve ser a comunhão com Deus: desenvolver um relacionamento pessoal com ele e crescer em devoção a ele.

Depois de iniciada minha hora devocional com um período de adoração, volto-me em seguida para a Bíblia. Enquanto leio um texto das Escrituras (geralmente um ou mais capítulos), falo com Deus acerca do que estou lendo. Gosto de pensar na hora devocional como uma conversação: Deus falando-me por meio da Bíblia e eu respondendo ao que ele diz. Este método ajuda-me a

tornar a hora devocional o que ela pretende ser: um momento de comunhão com Deus.

Havendo adorado a Deus e comungado com ele, tomo tempo para recapitular vários pedidos de oração que desejo apresentar-lhe durante o dia. A observação desta ordem prepara-me para orar com maior eficácia. Tenho pensado a respeito do que Deus é; portanto, não “corro apressado para a sua presença” de maneira casual e exigente. Ao mesmo tempo lembro-me de seu poder e amor e minha fé em sua capacidade e deleite em responder aos meus pedidos se fortalece. Deste modo, até meu período de pedir realmente se torna em um momento de comunhão.

Ao sugerir certos textos bíblicos para meditação, certas formas de adoração ou determinada prática para a hora devocional, não pretendo dar a impressão de que o crescimento na devoção a Deus seja mera observação de uma rotina. Nem desejo sugerir que aquilo que é útil para mim deva ser observado por outros, ou mesmo que lhes será útil. Tudo o que pretendo é mostrar que o crescimento na devoção a Deus, embora resulte de seu ministério em nós, vem como resultado de prática muito concreta de nossa parte. Devemos exercitar-nos na piedade; e como vimos no capítulo três, o treinamento requer prática: o exercício diário que nos capacita a tornar-nos proficientes.

A PROVA FINAL

Até aqui temos examinado atividades específicas que nos ajudam a crescer em devoção a Deus: oração, meditação nas Escrituras, adoração e hora devocional. Há outra área que não é atividade, mas atitude de vida: obediência à vontade divina. Esta é a prova final de nosso temor a Deus e a única resposta verdadeira a seu amor por nós. Deus declara especificamente que tememos a ele guardando todos os seus mandamentos e estatutos (Deuteronômio 6.1-2). Provérbios 8.13 diz que “Temer ao Senhor é odiar o mal”. Posso saber se verdadeiramente temo a Deus se eu detestar o mal e se tiver sincero desejo de obedecer aos seus mandamentos.

Nos dias de Neemias, os nobres e magistrados judeus desobedeceram à lei divina cobrando usura de seus compatriotas.

Ao censurá-los, Neemias disse: “O que vocês estão fazendo não está certo. Vocês devem andar no temor do nosso Deus para evitar a zombaria dos outros povos, os nossos inimigos” (Neemias 5.9). Ele podia igualmente ter dito: “Porventura não devíeis obedecer ao nosso Deus, por causa do opróbrio dos gentios, os nossos inimigos?”. Neemias equiparava o andar no temor de Deus à obediência a Deus. Se não temermos a Deus, não acharemos que valha a pena obedecer aos seus mandamentos; mas se verdadeiramente o tememos, se o reverenciamos e respeitamos, obedeceremos a ele. Nossa obediência é a medida exata de nossa reverência a ele.

De igual maneira, como já vimos no capítulo dois, Paulo afirmou que seu conhecimento do amor de Cristo constrangia-o a viver, não para si mesmo, mas para aquele que morreu por nós. Quando Deus começa a responder à nossa oração por um conhecimento mais profundo do seu amor, um meio que muitas vezes ele emprega é capacitar-nos a ver mais e mais de nossa própria pecaminosidade. Paulo aproximava-se do fim da vida quando escreveu estas palavras: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1 Timóteo 1.15). Percebemos que nossos pecados, agora que somos cristãos, embora exteriormente possam não ser tão grosseiros como dantes, são mais hediondos à vista de Deus porque são pecados cometidos em face do conhecimento e da graça. Temos melhor conhecimento e conhecemos seu amor, não obstante pecamos deliberadamente. Então voltamos à cruz e vemos que Jesus levou em seu corpo sobre o madeiro até aqueles pecados intencionais, e o reconhecimento desse amor infinito constrange-nos a encarar esses mesmos pecados e eliminá-los. O temor de Deus e o amor de Deus motivam-nos à obediência, e esta comprova que eles são autênticos em nossa vida.

UM ANSEIO MAIS PROFUNDO

À medida que nos concentramos no crescimento em reverência e temor de Deus e em compreensão de seu amor por nós, verificamos que cresce nosso anseio por ele. Ao contemplar sua beleza,

desejamos buscá-lo ainda mais. E à medida que nos vamos conscientizando de seu amor redentor, desejamos conhecê-lo de um modo progressivamente mais profundo. Mas também podemos orar para que Deus aprofunde nosso anseio por ele. Lembro-me de ler Filipenses 3.10, faz alguns anos, e de perceber um bocadinho da profundidade do desejo de Paulo de conhecer a Cristo mais intimamente. Enquanto lia, orei: “Ó Deus, não posso identificar-me com o anseio de Paulo, mas gostaria de fazê-lo”. No decorrer dos anos Deus começou a responder a essa oração. Por sua graça, conheço experimentalmente um pouco das palavras de Isaías: “A minha alma suspira por ti durante a noite; e logo cedo o meu espírito por ti anseia” (Isaías 26.9). Sou grato a Deus pelo que ele fez, mas oro para que este anseio por ele continue a crescer.

Uma das maravilhas a respeito de Deus é que ele é infinito em todos os seus gloriosos atributos, por isso em nosso anseio por ele nunca exaurimos a revelação de sua pessoa a nós. Quanto mais o conhecemos, tanto mais o desejamos. E quanto mais o desejamos, tanto mais queremos ter comunhão com ele e sentir a sua presença. E quanto mais queremos ter comunhão com ele, tanto mais desejamos assemelhar-nos a ele.

O clamor sincero de Paulo em Filipenses 3.10 expressa de maneira vívida o seu anseio. Ele deseja conhecer a Cristo e ser semelhante a ele. Deseja experimentar sua comunhão — até mesmo a comunhão do sofrimento — bem como o poder transformador de sua vida de ressurreição. Ele deseja centralidade em Cristo e semelhança de Cristo.

Isto é piedade: centralidade em Deus, ou devoção a ele; e semelhança de Deus, ou caráter cristão. A prática da piedade é ao mesmo tempo a prática da devoção a Deus e a prática de uma vida agradável a Deus, que reflete a outras pessoas o caráter divino.

No restante dos estudos deste livro consideraremos o caráter à semelhança de Deus que deveríamos exhibir. Mas só podemos edificar um caráter semelhante ao de Deus sobre o fundamento de uma devoção total a ele. Deus deve ser o ponto focal de nossa vida se desejamos ter caráter e comportamento piedosos.

Não há como exagerar este ponto. Muitos de nós nos concentramos na estrutura exterior do caráter e da conduta sem reservar tempo à edificação do fundamento interior da devoção a Deus. Com frequência isto resulta numa moralidade ou legalismo frios, ou pior ainda, em autojustiça ou orgulho espiritual. É claro, o fundamento da devoção a Deus e a estrutura de uma vida agradável a ele devem desenvolver-se simultaneamente. Não podemos separar esses dois aspectos da piedade.

Devido à importância de expor adequadamente o fundamento da devoção interior, peço ao leitor que reexamine os elementos essenciais da devoção do capítulo dois. A seguir, leia novamente este capítulo e faça planos específicos para exercitar-se na área da devoção a Deus. Ninguém jamais desenvolveu habilidade mental ou física sem a prática. E ninguém jamais desenvolverá devoção a Deus sem exercitar-se pessoalmente nos elementos fundamentais da devoção.

A ideia de prática pode levar-nos a pensar em esforço penoso, tal como o exercício monótono das escalas de piano quando preferiríamos estar fora brincando com os amigos. Mas a prática de desenvolver nosso relacionamento com Deus não deve ser igualada a lições de música dos dias da infância. Estamos buscando crescer em devoção à mais maravilhosa Pessoa de todo o universo, o Deus infinitamente glorioso e amável. Nada se compara com o privilégio de conhecer aquele em cuja presença há plenitude de alegria e em cuja destra há delícias perpetuamente (Salmo 16.11).

5. REVESTINDO-NOS DO CARÁTER DE DEUS

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência.

COLOSSENSES 3.12

A piedade constitui-se de dois traços distintos, porém complementares, e a pessoa que deseja exercitar-se nela deve buscar ambos com igual vigor. O primeiro traço é a centralidade de Deus, a que chamamos de devoção; o segundo é a semelhança de Deus, a que denominamos caráter cristão. O caráter piedoso flui da devoção a Deus e praticamente confirma a realidade dessa devoção.

Podemos expressar reverência a Deus, elevar o coração em adoração a ele, mas a autenticidade de nossa devoção a ele é o ardente desejo e sincero esforço de assemelhar-nos a ele. Paulo não só desejava conhecer a Cristo, como também assemelhar-se a ele; e avançava com o máximo de intensidade no rumo desse objetivo.

Até aqui, estudando o exercício da piedade, temo-nos concentrado na devoção, na centralidade de Deus. Voltaremos agora a atenção para a semelhança de Deus: o desenvolvimento do caráter semelhante a Cristo. Quais são os traços de caráter que distinguem a pessoa piedosa? Um bom ponto de partida é a lista de agradáveis qualidades a que Paulo chama de fruto do Espírito, em Gálatas 5.22-23. Contudo, parece óbvio que Paulo não tencionava limitar os traços do fruto do Espírito a essa lista especial. Qualquer outro característico recomendado na Bíblia como próprio de um crente é também fruto do Espírito, visto que sua evidência resulta tão-só do ministério do Espírito em nosso coração. Assim, às qualidades arroladas em Gálatas 5 — amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio —, podemos acrescentar também característicos

tais como santidade, humildade, compaixão, paciência, contentamento, gratidão, consideração, sinceridade e perseverança.

Esta é uma lista um tanto espantosa de traços de caráter a perseguir, e nossa primeira reação, se formos de todo realistas, provavelmente será dizer: “Não posso mexer com tudo isso”. Isso é, de fato, verdade, se contarmos apenas com os nossos recursos. Mas esses característicos são o fruto do Espírito, o resultado de sua obra em nós. O que não quer dizer que não arcamos com nenhuma responsabilidade pelo desenvolvimento do caráter cristão; pelo contrário, significa que cumprimos nossa responsabilidade sob sua direção e por sua capacitação. Esta dimensão divina é que torna possível o caráter cristão, e *somente* essa dimensão pode impedir que nos frustremos e sejamos derrotados em nosso desejo de exemplificar na vida os traços do caráter piedoso.

Nos capítulos que se seguem estudaremos alguns desses traços da piedade. Há, porém, alguns princípios básicos que se aplicam a todos os aspectos do caráter piedoso.

O MOTIVO CERTO

O primeiro princípio do caráter piedoso é: *a devoção a Deus é o único motivo aceitável para ações agradáveis a ele*. Esta devoção pode expressar-se de diferentes modos. Podemos ter um desejo sincero de agradar a Deus ou de glorificá-lo; podemos praticar ou não um determinado ato porque amamos a Deus, ou porque achamos que ele é digno da nossa obediência. Qualquer que seja nossa motivação, se estiver centrada em Deus, resultará de nossa devoção a ele e lhe é aceitável.

Infelizmente, na maioria das vezes nossos motivos se centralizam em nós mesmos em vez de centralizar-se em Deus. Desejamos manter nossa reputação perante os outros, ou queremos sentir-nos bem com relação a nós mesmos. Pode ser, também, que procuremos levar uma vida moral e decente, ou praticar boas ações porque tal ética nos foi instilada desde a infância. Mas essa motivação nunca se relaciona com Deus, e desse modo não lhe somos aceitáveis.

Quando a mulher de Potifar tentou seduzir a José, ele não a recusou sob a alegação de que “Se eu fizer isso e meu senhor descobrir, me cortará a cabeça”. Não; o que ele disse foi: “Como poderia eu, então, cometer algo tão perverso e pecar contra Deus?” (Gênesis 39.9). Sua motivação de moralidade centrava-se em Deus, e por isso ela era aceitável a ele.

Lembro-me de certa vez ser tentado pela oportunidade de engajar-me numa transação comercial questionável, uma dessas situações nebulosas em que a tendência é racionalizar nossas ações. Enquanto ponderava o assunto, achei que o melhor seria não envolver-me porque podia incorrer na disciplina de Deus. Todavia, quando falham todos os motivos adequados, certamente é melhor ser obstado pelo temor da disciplina de Deus do que ir em frente com o nosso pecado. Esse, porém, não é o motivo certo. No meu caso, o Espírito Santo veio em meu auxílio e pensei comigo mesmo: Ora, esse [o temor da disciplina de Deus] certamente é um motivo indigno; o verdadeiro motivo pelo qual não devo fazer isso é que Deus é digno de minha mais honorável conduta. O Espírito Santo ajudou-me a reconhecer a centralidade do eu da motivação inicial e a concentrar corretamente minha motivação em Deus.

Quando Deus ordenou a Abraão que oferecesse Isaque como sacrifício, ele provou seu motivo. Ao deter o golpe mortal do cutelo de Abraão, Deus disse: “Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho” (Gênesis 22.12). O temor de Deus, da parte de Abraão, foi que o motivou a levar avante aquele supremo ato de obediência. Geralmente associamos a obediência de Abraão à sua fé. Pela fé Abraão foi *capacitado* a oferecer Isaque como sacrifício, mas foi o temor de Deus que o *motivou*. E foi esta motivação orientada para Deus que o Senhor viu, aceitou e elogiou.

Ao examinarmos o Novo Testamento vemos a motivação orientada para Deus acentuada repetidas vezes. Jesus ensinou que toda a Lei e os Profetas dependiam dos dois mandamentos de amar a Deus e amar ao nosso próximo (Mateus 22.37-40). Ele não estava ensinando meramente que esses dois mandamentos de amor resumiam todos os outros mandamentos mais específicos, e sim,

que o cumprimento de todos os demais mandamentos dependiam da motivação do amor. O medo das consequências pode impedir-nos de cometer atos exteriores de assassinio ou de adultério, mas só o amor nos impede de cometer assassinio ou adultério no coração.

Em 1 Coríntios 10.31, Paulo diz que até o comer ou beber deve ser para a glória de Deus. Como observou alguém, nada há mais comum e rotineiro do que comer e beber; não obstante, até isto deve ser realizado com motivação orientada para Deus. Os servos deviam obedecer aos seus senhores terrenos “temendo ao Senhor” (Colossenses 3.22). Devemos sujeitar-nos à autoridade humana “por causa do Senhor” (1 Pedro 2. 13). Nossas relações interpessoais — a submissão mútua — devem realizar-se “no temor de Cristo” (Efésios 5.21). Para que nossas ações sejam aceitáveis a Deus, devem surgir de um sentido de devoção a ele.

A FONTE DE PODER

O segundo princípio do caráter piedoso é: *O poder ou capacitação para uma vida piedosa provém do Cristo ressurreto*. Paulo disse, com relação ao seu ministério: “a nossa capacidade vem de Deus” (2 Coríntios 3.5), e “me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (Colossenses 1.29). Quanto à capacidade de viver contente em qualquer situação, ele disse: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).

É bem provável que Deus, na soberana vocação e preparação de Paulo para sua tremenda tarefa, o tivesse dotado de nobres qualidades e força de caráter mais do que a qualquer outra pessoa; não obstante, Paulo consistentemente atribui a sua força espiritual e suas realizações ao poder do Senhor. Certa vez ouvi alguém dizer: “Quando faço algo errado, tenho de levar a culpa, mas quando faço algo certo, Deus recebe o crédito”. Esta pessoa estava se queixando, porém tinha razão. É certo que não podemos culpar a Deus por nossos pecados, mas só ele pode prover a força espiritual que nos capacita a levar vidas piedosas.

Como a *fonte* de poder da piedade é Cristo, assim o *meio* de experimentar esse poder é o relacionamento com ele. Esta verdade

é ensino fundamental de Jesus no capítulo 15 de João, ao falar da videira e dos ramos. Só permanecendo nele é que podemos produzir o fruto do caráter piedoso.^[10] A mais proveitosa explicação que já encontrei do que significa permanecer em Cristo vem do teólogo suíço, do século 19, Frederic Louis Godet: “Permanecei em mim’ expressa o ato contínuo pelo qual o cristão põe de lado tudo quanto podia extrair de sua própria sabedoria, força, mérito, para derivar tudo de Cristo”.^[11]

Paulo expressa esta relação como “viver em Cristo”. Diz ele em Colossenses 2.6-7: “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão”. O contexto desta declaração é que toda sabedoria e poder para viver a vida cristã devem ser encontrados em Cristo e não nas filosofias e moralismos de feitura humana (veja os versículos 2-4 e 8-10). É isto que diz Godet. Devemos pôr de lado tudo quanto dependa de nossa própria sabedoria e força de caráter e buscar em Cristo, mediante a fé, aquilo de que precisamos. Esta fé expressa-se concretamente, é claro, quando vamos a ele em oração. O Salmo 119.33-37 constitui bom exemplo de uma oração de dependência.

Também mantemos este relacionamento contemplando a glória de Cristo em sua Palavra. Em 2 Coríntios 3.18 Paulo diz que ao contemplar a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem. Contemplar a glória do Senhor é mais do que observar sua humanidade nos Evangelhos. É observar seu caráter, atitudes e vontade em todas as páginas das Escrituras. E enquanto o observamos, enquanto mantemos este relacionamento com ele por meio de sua Palavra, mais e mais nos transformamos à sua semelhança; o Espírito Santo capacita-nos a, progressivamente, manifestar as graças do caráter piedoso.

É, pois, esta relação com Cristo, que se expressa contemplando-o em sua Palavra e dependendo dele em oração, que nos capacita a extrair dele o poder fundamental para uma vida piedosa. O cristão não é como um automóvel que tem uma fonte de poder contida em si mesmo; é, antes, como um motor elétrico que

deve ser constantemente ligado a uma corrente externa da qual recebe força. Nossa fonte de energia está no Cristo ressurreto, e a ele permanecemos ligados, contemplando-o em sua Palavra e dependendo dele em oração.

RESPONSABILIDADE E DEPENDÊNCIA

O terceiro princípio do caráter piedoso é: *Embora a energia para o caráter piedoso venha de Cristo, cabe-nos a responsabilidade de desenvolver e exhibir esse caráter.* Este princípio parece-nos o de mais difícil compreensão e aplicação. Hoje sentimos a responsabilidade pessoal e buscamos viver uma vida piedosa baseados em nossa própria força de vontade. Amanhã, percebendo a futilidade de confiar em nós mesmos, entregamos tudo a Cristo e abdicamos de nossa responsabilidade que se acha exposta nas Escrituras. Temos de aprender que a Bíblia ensina a responsabilidade total bem como a dependência total em todos os aspectos da vida cristã.

Certa feita li uma declaração de que nada há que o cristão possa fazer para desenvolver o fruto do Espírito em sua vida; a obra é toda do Espírito Santo. Sentindo que, na melhor das hipóteses, tal declaração deixava de apresentar um equilíbrio da verdade bíblica, peguei minha concordância e consultei várias passagens que se referiam a um ou mais dos nove traços de caráter arrolados como fruto do Espírito, no capítulo 5 de Gálatas. Para cada um desses traços encontrei uma ou mais passagens que nos ordena apresentá-los. A ordem é que amemos, que nos regozijemos, que vivamos em paz uns com os outros, e assim por diante. Essas ordens dirigem-se à nossa responsabilidade.

Já vimos que Timóteo era responsável por exercitar-se na piedade; ele devia *perseguir* a piedade. Quando Paulo descreve sua própria busca de uma vida à semelhança de Deus, ele emprega verbos fortes como “prosseguir” e “avançar” (Filipenses 3.12-14). Estes verbos traduzem a ideia de esforço intenso da parte do apóstolo e comunicam obrigatoriamente seu próprio senso de responsabilidade pessoal.

A solução das afirmações aparentemente incompatíveis de que somos totalmente responsáveis e ao mesmo tempo totalmente dependentes, encontra-se em Filipenses 2.12-13: “Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele”.

Comentando esta passagem, diz o Prof. Jac J. Müller: “O crente é chamado para a auto-atividade, para a busca ativa da vontade de Deus, para a promoção da vida espiritual em si mesmo, para a realização das virtudes da vida cristã, para uma aplicação pessoal da salvação”.^[12] Se nos detivéssemos neste ponto, pareceria que somos deixados aos nossos próprios dispositivos, à nossa própria força de caráter e à nossa própria força de vontade. Mas Paulo não se detém em nossa responsabilidade. Ele diz: “É Deus quem efetua em vocês”. A força espiritual que nos capacita a aplicar-nos ao cultivo das graças cristãs é de Deus, que efetua em nós tanto o querer como o realizar.

George W. Bethune, pastor da Igreja Holandesa Reformada, do século 19, di-lo nestes termos:

Conquanto, pois, crescamos na vida cristã pela graça divina, é nosso dever crescer em graça. Além disso, a qualidade da graça é tal que, embora ela seja força proveniente de Deus, devemos usá-la. A graça não concede nenhuma faculdade nova, mas fortalece as faculdades que temos... Daí que os frutos do Espírito são as qualidades e ações do homem renovado, não produzidas sem ele, mas operadas por meio dele... Estejamos, pois, sempre atentos à nossa total dependência do Espírito de Deus... [mas] estejamos sempre atentos ao nosso dever de “manter as boas obras”.^[13]

DESPOJAR E REVESTIR

O quarto princípio do caráter piedoso é: *O desenvolvimento do caráter piedoso implica ao mesmo tempo o despojar e o revestir de traços de caráter*. Paulo diz: “Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a *despir-se do velho homem* que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a *revestir-se do novo homem*, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Efésios 4.22-24, ênfase adicionada).

Nos versículos que vêm logo adiante (4.28-5.4) Paulo faz algumas aplicações muito específicas deste princípio. Devemos despojar-nos da mentira e revestir-nos da veracidade; devemos despojar-nos do furtar e revestir-nos da generosidade. A conversação torpe deve ser abandonada e substituída por palavra útil à edificação dos outros. A amargura, a cólera, a ira e a difamação devem ser substituídas por benignidade, compaixão e perdão. A conversação obscena deve ser substituída por ações de graça. Até a relação que Paulo apresenta no capítulo 5 de Gálatas das qualidades graciosas, chamadas fruto do Espírito, é colocada em contraste com um longo rol de vícios da natureza pecaminosa que o homem piedoso deve abandonar.

Do Senhor Jesus se disse que ele amou a justiça e odiou a iniquidade (Hebreus 1.9). Devemos seguir-lhe o exemplo, porque Paulo nos instrui: “detestai o mal, apegando-vos ao bem” (Romanos 12.9, ARA). Certamente devemos, com o auxílio do Espírito Santo, destruir os atos maus do corpo. Mas devemos também, com a capacitação do Espírito Santo, revestir-nos de compaixão, bondade, humildade, benignidade e paciência.

Assim como precisamos aprender o ensino bíblico do duplo princípio da responsabilidade pessoal e da total dependência, aqui também devemos buscar o equilíbrio das Escrituras quanto a despojar-nos e revestir-nos. Alguns cristãos têm a tendência de enfatizar apenas o despojar-se dos traços da natureza pecaminosa. Em geral são muito retos moralmente, mas lhes faltam as qualidades graciosas de amor, alegria e compaixão. Quando um irmão cai no pecado, não procuram restaurá-lo com bondade; antes, afastam-no de sua comunhão. Um crente arrependido escreveu-me

dizendo que sua igreja sabia alcançar os pecadores perdidos, mas não sabia restaurar um membro errante de sua própria grei. Esta é a atitude que tendemos a desenvolver ao acentuarmos só o crescimento do caráter cristão de despojar-nos dos hábitos pecaminosos.

Há, porém, igual perigo se focalizamos toda a nossa atenção em qualidades tais como amor e compaixão enquanto negligenciamos eliminar os vícios da natureza pecaminosa. Há, hoje, muita ênfase sobre afirmar e incentivar uns aos outros. Dizem que devemos ajudar-nos uns aos outros a “sentir-nos bem com nós mesmos”. Sem dúvida alguma, necessitamos de tal estímulo no corpo de Cristo, mas não devemos negligenciar a ênfase igualmente bíblica de destruir os atos da natureza pecaminosa.

Devemos despojar-nos dos traços do velho homem e revestir-nos dos traços do novo. Se quisermos ser piedosos, não devemos negligenciar nenhuma dessas ênfases bíblicas.

CRESCIMENTO EQUILIBRADO

O quinto princípio do caráter piedoso é: *Devemos buscar o crescimento em todas as graças consideradas como fruto do Espírito*. Isto incluiria traços tais como compaixão, tolerância e humildade, que não se acham incluídos no rol de nove traços do capítulo 5 de Gálatas, mas são, obviamente, resultado de seu ministério em nossa vida. O caráter piedoso é equilibrado. Ele exhibe com igual ênfase todo o espectro de graças expostas nas Escrituras como característicos da pessoa piedosa. Tendemos a acentuar em nossa vida aqueles traços que parecem muitíssimo naturais ao nosso temperamento particular. Mas o fruto do Espírito não é uma questão de temperamento; é o resultado do cristão que busca crescer sob a direção e com o auxílio do Espírito, em todas as áreas do caráter cristão.

O autor Tim LaHaye diz que foi Hipócrates, médico e filósofo grego, quem deu a classificação quádrupla de temperamentos, tão amplamente divulgada em nossos dias. Ele identificou o sanguíneo jovial, o colérico voluntarioso, o melancólico sensível e o fleumático fiel.

O indivíduo sanguíneo reage facilmente à admoestação de regozijar-se no Senhor ou de ser compassivo e bondoso. Ao mesmo tempo, acha difícil exercer autocontrole ou ser fiel nas responsabilidades. Ele deve orar com mais fervor e esforçar-se com maior diligência por obter estas últimas graças. Acima de tudo, deve estar convicto da necessidade das graças de mais difícil demonstração. Não deve querer justificar a falta de fidelidade na base de: “Que posso fazer? Eu sou exatamente assim”.

Semelhantemente, a pessoa fleumática, de temperamento equilibrado, com frequência não-emocional, facilmente reage à necessidade de ser fiel, mas pode ter alguma dificuldade com o fruto da alegria. Pessoalmente me identifico com este tipo. A fidelidade ocupa uma posição muito elevada em meu sistema de valores; quando me responsabilizo por alguma coisa, em geral me conscientizo de seu cumprimento. Mas tenho de dispensar atenção especial à alegria. Faz alguns anos, Deus chamou-me a atenção para o fato de que “o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17). Compreendi que a alegria do Senhor era tão importante como qualquer outro traço do caráter cristão.

Além do mais, até mesmo esses traços com os quais identificamos com maior naturalidade precisam ser desenvolvidos sob o ministério do Espírito Santo. Deus tem um jeito especial de colocar-nos em situações que exercitem as áreas do caráter nas quais nos julgamos fortes, a fim de que o fruto seja do Espírito e não nosso. Por exemplo, a pessoa naturalmente fiel pode, em dado momento, deixar de ser responsável se a responsabilidade trazer alguma inconveniência. Todavia, a pessoa piedosa cumpre sua palavra ainda que lhe custe muito.

O indivíduo colérico não entende por que alguém tem dificuldade com o domínio próprio. Geralmente ele é tão disciplinado que esse traço de caráter parece vir-lhe com naturalidade. Mas quando a pessoa piedosa busca exhibir o fruto do Espírito em todas as suas manifestações, talvez lastime a falta de paciência e afabilidade no relacionamento com os outros.

A pessoa melancólica em geral é sensível às necessidades alheias e com frequência é abnegada em seus relacionamentos. Tem, ao mesmo tempo, a tendência para criticar e não perdoar, daí sua necessidade de recorrer ao Espírito Santo em busca de auxílio nessas áreas.

Não é minha intenção bancar o amador em análise psicológica dos vários tipos de temperamento. Procuro, antes, demonstrar diversas necessidades que cada um de nós tem no exhibir o fruto do Espírito. O princípio a aprender e aplicar é: *Somos responsáveis por exhibir todos os traços do caráter piedoso, de forma equilibrada*. Alguns traços são de crescimento mais difícil do que outros e demandam oração e atenção extras de nossa parte. Mas esse é simplesmente o preço que temos de pagar pelo crescimento na semelhança de Deus.

O CRESCIMENTO É PROGRESSIVO

O sexto princípio do caráter piedoso é: *O crescimento em todas as áreas é progressivo e interminável*. O próprio apóstolo Paulo reconheceu este fato em sua vida. No contexto de seu grande anseio de conhecer a Cristo e ser como ele, disse: “Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo...” (Filipenses 3.12). Na prisão, aproximando-se o fim de sua carreira apostólica, ele ainda prosseguia, esforçando-se por continuar a crescer em conhecimento e semelhança de Cristo.

Mesmo nas áreas em que temos crescido, sempre há necessidade de mais crescimento. Na primeira carta aos cristãos de Tessalônica, Paulo escreveu que Deus lhes ensinara a amar uns aos outros e, na verdade, eles amaram os irmãos de toda a Macedônia. Isso é elogio! Mas Paulo não estava satisfeito. Continuou, dizendo: “Contudo, irmãos, insistimos com vocês que cada vez mais assim procedam” (1Ts 4.9-10).

O crescimento do caráter cristão só terminará quando formos estar com Cristo, ocasião em que seremos completamente transformados à sua semelhança. O crescimento do caráter piedoso não só é progressivo e interminável, mas também absolutamente necessário à sobrevivência espiritual. Se não estamos crescendo

em caráter piedoso, estamos regredindo; na vida espiritual nunca estacionamos. A palavra exercitar, na admoestação de Paulo a Timóteo, “Exercita-te pessoalmente na piedade”, ocorre apenas quatro vezes no Novo Testamento: 1 Timóteo 4.7; Hebreus 5.14 e 12.11, e 2 Pedro 2.14. Em três dessas passagens, o resultado de tal exercício é positivo e conta com a honra divina.

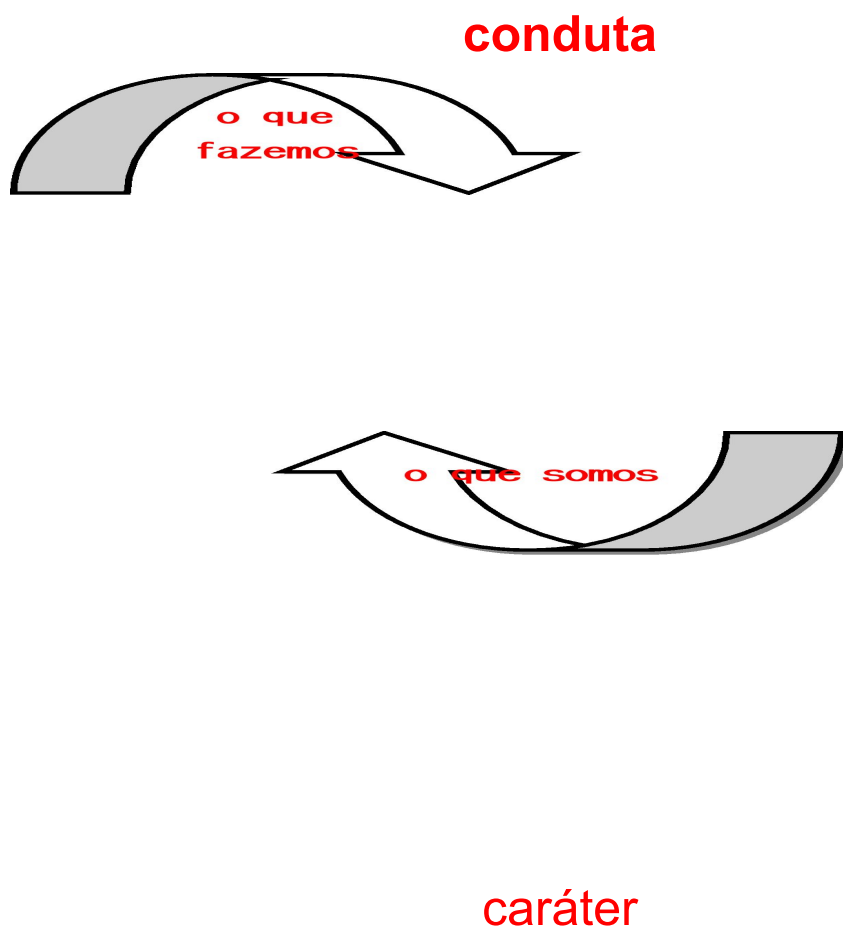
Consideremos, porém, a quarta passagem, 2 Pedro 2.14. O contexto é a severa denúncia e advertência que Pedro faz contra os falsos mestres, referindo-se a eles como tendo “coração exercitado na ganância”.

O uso que Pedro faz da palavra exercitar é muito importante. É possível exercitar-nos na direção errada! Era isso que aqueles falsos mestres haviam feito. Eles haviam exercitado na ganância, e o fizeram tão bem, que se tornaram especialistas no assunto. Havia exercitado o coração na ganância!

Em certo sentido, portanto, crescemos diariamente no caráter. A questão é: em que direção estamos crescendo? Na direção do caráter piedoso ou do caráter ímpio? No amor ou no egoísmo? Na rispidez ou na paciência? Na avareza ou na generosidade? Na honestidade ou na desonestidade? Na pureza ou na impureza? Dia após dia, pelos pensamentos que alimentamos, pelas palavras que proferimos, pelas providências que tomamos, pelos atos que praticamos, exercitamo-nos numa direção ou na outra.

Este sentido de progressão do caráter, numa direção ou na outra, encontra-se também em Romanos 6.19. Aqui Paulo refere-se à antiga escravidão dos cristãos romanos ao pecado e à *maldade*. Eles iam bem na sua forma de exercitar-se na maldade. Mas agora, diz Paulo, tendo sido libertados da escravidão do pecado, deviam oferecer seus corpos em escravidão à justiça *para a santificação*. Nesta passagem, justiça refere-se à obediência a Deus, especificamente “ações retas, justas”. Santidade refere-se ao estado ou caráter resultante dessas ações; as ações justas, ou a obediência, levam à santidade. É claro, tanto as ações como o caráter resultam da obra do Espírito Santo; mas ele trabalha quando trabalhamos, e podemos trabalhar porque ele opera em nós.

Existe uma relação íntima entre conduta e caráter. Por meio de ações repetidas no decorrer do tempo, a conduta produz o caráter. Esse é o ensino de 2 Pedro 2.14 e de Romanos 6.19. Mas também é verdade que o caráter determina as ações. Tornamo-nos naquilo que fazemos. O que somos, isso fazemos. Esta verdade pode ser demonstrada por um círculo formado por duas setas curvas, em que uma alimenta a outra.



A conduta está sempre alimentando o caráter, e o caráter também está sempre alimentando a conduta. A experiência de Paulo durante o naufrágio na ilha de Malta oferece bom exemplo desta relação. Os ilhéus acenderam uma fogueira para proteger os

sobreviventes do naufrágio da chuva e do frio. Lucas relata no capítulo 28 de Atos que Paulo ajuntou um feixe de gravetos, e, ao atirá-los à fogueira, uma víbora saiu do feixe e prendeu-se à sua mão. Por que Paulo teria ido à cata de combustível para uma fogueira acesa e cuidada por outra pessoa? Por que ele simplesmente não ficou junto ao fogo para aquecer-se? Não o fez porque era do seu caráter servir (veja Atos 20.33-35 e 1 Tessalonicenses 2.7-9). Ele aprendera bem a lição que Jesus ensinou ao lavar os pés dos discípulos. Visto como era do caráter de Paulo servir, instintivamente ele ajuntou o feixe de gravetos. É provável que ele nem tenha pensado no assunto. Apenas fez o que seu caráter de servo ditava no momento.

Uma vez que a conduta determina o caráter, e este determina aquela, é de vital importância, extremamente necessário, que pratiquemos a piedade todos os dias. É por isso que Pedro diz: “Reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé... a piedade” (2 Pedro 1.5-6, ARA). Não pode haver pausa na busca do caráter piedoso. Todo dia que não praticamos a piedade estamos nos conformando com o mundo de impiedade que nos cerca. Temos de admitir que nossa prática da piedade é imperfeita e não atinge o padrão bíblico. Não obstante, prossigamos no conhecimento de Cristo e no assemelhar-nos a ele.

FORMAR EXPECTATIVAS RAZOÁVEIS

Há uma verdade muito importante que você precisa conhecer e ter em mente ao buscar a piedade. Caso contrário, ao se deparar com o caráter piedoso nos capítulos seguintes, pode sentir-se esmagado. À medida que estuda os doze diferentes aspectos do caráter piedoso, cada um com aplicações potenciais diversas, você poderia facilmente terminar com uma lista de mais ou menos vinte áreas de necessidade nas quais deveria crescer em caráter cristão.

Não se deixe apanhar nessa armadilha. Ela o obrigaria a distribuir as energias espirituais sobre uma área muitíssimo mais vasta. Seus esforços seriam gerais, espalhados, desperdiçados e provavelmente não haveria progresso em nenhuma área de necessidade. E aí o diabo usaria esse fator para desanimá-lo.

Duas vezes o apóstolo Paulo descreve os cristãos como pessoas *guiadas* pelo Espírito Santo (Romanos 8.14 e Gálatas 5.18). Ambas as passagens referem-se ao Espírito Santo guiando, não em alguma decisão nossa, mas nos problemas de conduta e de caráter que enfrentamos na vida. Se somos guiados pelo Espírito, mortificamos os atos maus do corpo e não satisfaremos aos desejos da natureza pecaminosa.

O Espírito Santo guia-nos *objetivamente* mediante o ensino geral de sua Palavra. É aí que aprendemos sua vontade para todos os cristãos. Mas o Espírito Santo também nos guia *subjetivamente* ao gravar certos textos bíblicos em nossa mente, aplicando-os a situações específicas da vida. Esta é sua maneira de mostrar-nos o que ele deseja que prenda nossa atenção em determinado momento; essa é a forma pela qual ele nos guia no estabelecimento de uma prioridade de aplicações. E esta é a importante verdade a que devemos apegar-nos na busca da piedade.

À medida que for lendo os capítulos seguintes sobre o caráter piedoso, tome nota dos princípios gerais expostos. Procure memorizar pelo menos uma passagem bíblica relacionada com cada traço de caráter para reter a essência do ensino bíblico sobre esse aspecto. Esses textos bíblicos estarão, assim, disponíveis em sua mente para que o Espírito Santo os use em aplicações especiais.

Além dos princípios gerais, peça ao Espírito Santo que grave em sua mente os dois ou três traços do caráter piedoso que ele deseja que você desenvolva e ore a esse respeito agora. Concentre-se neles. Mais tarde o Espírito o levará a desenvolver outros. Lembre-se, ele está incumbido de nosso crescimento no caráter piedoso; ele é nosso mestre e técnico. E ele nunca nos conduzirá de uma forma que nos esmague e confunda.

6. HUMILDADE

Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.

LUCAS 18.14

Devoção a Deus é o primeiro aspecto da piedade; caráter semelhante a Deus é o segundo. Pode haver alguma dúvida quanto à humildade ser ou não uma qualidade que se assemelhe a Deus, visto que a humildade é um característico que convém à criatura, e não ao Criador. Mas não há dúvida de que Deus recomenda a humildade e deleita-se quando seu povo a manifesta.

Duas passagens do livro de Isaías mostram com muita clareza o apreço que Deus tem pela pessoa humilde. Lemos em Isaías 57.15:

Pois assim diz o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo: “Habito num lugar alto e santo, mas habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito”.

Depois lemos em Isaías 66.1-2:

Assim diz o Senhor: “O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés. Que espécie de casa vocês me edificarão? É este o meu lugar de descanso? Não foram as minhas mãos que fizeram todas essas coisas, e por isso vieram a existir?”, pergunta o Senhor. “A este eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra”.

Deus não só recomenda a humildade para seu povo; nosso Senhor exibiu-a em sua condição humana. “E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!” (Filipenses 2.8). Jesus Cristo exemplificou a

humildade ao máximo mediante sua morte por nós. Mas também ele exemplificou a humildade em toda a sua vida. Ele nasceu na mais humilde das circunstâncias; foi obediente aos seus pais terrenos; chamou as pessoas a aprenderem dele, “porque sou manso e humilde de coração”; ele disse: “Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve”; lavou os pés dos discípulos na noite em que foi traído; e ensinou: “O que se humilha, será exaltado”. Se duvidarmos de que, tecnicamente, a humildade seja um traço *semelhante a Deus* (conforme vemos Deus em sua majestade), certamente não podemos pôr em dúvida que é um traço *semelhante a Cristo*. E devemos imitá-lo no seu viver humano sobre a terra.

As promessas de Deus para os verdadeiramente humildes são quase de tirar o fôlego. O infinitamente Alto e Sublime, que vive para sempre, promete habitar com eles, para estimá-los, para dar-lhes graça, para vivificá-los e exaltá-los (veja Isaías 57.15 e 66.2; Tiago 4.6; 1 Pedro 5.6, e Lucas 18.14). A humildade abre a porta para todos os demais aspectos do caráter piedoso. Ela é solo no qual crescem os demais característicos do fruto do Espírito.

A humildade manifesta-se em nossos relacionamentos, com Deus, com nós mesmos e com os outros. Devemos ser humildes para com Deus e sua Palavra, humildes com relação às provações e bênçãos que encontramos pelo caminho, ou habilidades e realizações com as quais somos abençoados, e humildes para com outras pessoas. A humildade é a atitude apropriada com a qual consideramos todas essas relações e circunstâncias. Como o amor, ela não comporta uma definição adequada; só podemos descrevê-la e compreendê-la quando aplicada ao viver diário.

HUMILDADE PERANTE DEUS

A humildade para com Deus mantém afinidade com o temor de Deus: começa com um elevado conceito da pessoa de Deus. Quando vemos Deus em sua majestade, reverência e santidade, humilhamo-nos perante ele. Na Bíblia, toda vez que o homem teve o privilégio de ver a Deus em sua glória, ele se humilhou na presença divina. Moisés inclinou-se até ao chão e adorou; Isaías clamou: “Ai de mim!”; Ezequiel prostrou-se; João caiu-lhe aos pés como morto.

Mesmo os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos no céu, conforme relato do Apocalipse, prostraram-se perante o trono do Cordeiro glorificado.

A humildade em todas as áreas da vida, em todos os relacionamentos com outras pessoas, começa com um conceito justo de Deus como aquele que é infinito e eterno em sua majestade e santidade. Devemos humilhar-nos sob a poderosa mão de Deus, considerando cada relação e cada circunstância em referência a ele. Quando as relações com outras pessoas são boas e as circunstâncias favoráveis, devemos receber humildemente essas bênçãos de sua graciosa mão. Quando as pessoas nos maltratam e as circunstâncias são difíceis, devemos aceitá-las humildemente como vindas de um infinitamente sábio e amoroso Pai celestial.

Esta humildade perante Deus é fundamental a todos os nossos relacionamentos. Não podemos começar a experimentar a humildade em nenhum outro relacionamento enquanto não tivermos uma intensa e profunda humildade em nossa atitude para com Deus. Quando estivermos cômicos de nosso relacionamento de criatura (pecaminosa) com um Deus infinitamente majestoso e santo, não desejaremos egoisticamente comparar-nos com outras pessoas. E à medida que a consciência de nosso humilde lugar perante Deus for permanente, evitaremos as tentações do orgulho e da competição.

TREMENDO DIANTE DE SUA PALAVRA

A pessoa verdadeiramente humilde diante de Deus é humilde também diante da sua Palavra. O Senhor Deus diz que olha para a pessoa humilde e abatida de espírito, que treme diante de sua Palavra. Quando o rei Josias ouviu as palavras do Livro da Lei, rasgou as vestes, e disse: “A ira do SENHOR contra nós deve ser grande, pois nossos antepassados não obedeceram às palavras deste livro, nem agiram de acordo com tudo que nele está escrito a nosso respeito” (2 Reis 22.13). Josias reconheceu que a Palavra de Deus era a expressão da vontade divina; que ela devia ser obedecida, e que o fracasso em obedecer-lhe incorreria no juízo de Deus. Pelo fato de Josias haver tremido diante da Palavra divina,

seu coração foi responsivo, ele humilhou-se, reconheceu o pecado do povo, e Deus ouviu-o. Ele não resistiu à Palavra de Deus; simplesmente lhe obedeceu.

Devemos, também, desenvolver este tipo de humildade para com a Bíblia. Quando examinamos as Escrituras, devemos permitir que elas nos examinem, que julguem nosso caráter e nossa conduta. Não devemos tratar a Bíblia apenas como uma fonte de conhecimento acerca de Deus, mas também como uma expressão de sua vontade para nossa vida diária. Como disse alguém: “A Bíblia foi dada não apenas para aumentar nosso conhecimento, mas também para guiar nossa conduta”. Com demasiada frequência parece que vamos à Bíblia apenas para aumentar nosso conhecimento de fatos bíblicos. Precisamos aumentar nosso conhecimento espiritual, mas com o propósito de obedecer à vontade de Deus. Paulo orava no sentido de que Deus enchesse os cristãos colossenses com o conhecimento de sua vontade a fim de que pudessem levar uma vida digna do Senhor e agradá-lo em tudo. Ele queria que conhecessem a vontade de Deus para que obedecessem a ela e dessa maneira agradassem a Deus.

Não somente devemos desenvolver um espírito de humildade para com a Bíblia com vistas à nossa *conduta*, mas também desenvolver tal espírito com vistas às nossas *doutrinas*. Nós, evangélicos, não somos notados pela humildade de nossas doutrinas: crenças acerca do que a Bíblia ensina em diversas áreas da teologia. Seja qual for a posição que tomemos numa área específica da teologia, nossa tendência é achar que essa posição é invulnerável, e que qualquer pessoa que sustente opinião diferente está totalmente errada. Tendemos a impacientar-nos com quem quer que difira de nós. Por ironia da sorte, quanto mais nossas opiniões se originam dos ensinamentos de outros, e não da própria Bíblia, tanto mais rígida é a tendência de agarrar-nos a elas.

Uma coisa é ter a convicção de que aquilo que cremos é correto segundo entendemos as Escrituras; outra, muito diferente, é crer que nossas opiniões são *sempre* corretas. Duas vezes na vida tive de fazer significativas mudanças em minhas doutrinas como resultado de adicional entendimento das Escrituras. Não quero com

isso sugerir que vacilemos em nossas crenças de sorte que sejamos “levados ao redor por todo vento de doutrina”, mas que devemos sustentar nossas crenças num espírito de verdadeira humildade. Lembremo-nos de que Deus não fez de nossa mente, ou mesmo de uma determinada igreja, o depositário da soma total de seu ensino.

Em certa ocasião, durante seu ministério, Jesus orou, dizendo: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lucas 10:21). Comentando esta passagem, Norvel Geldenhuys observou, com muita propriedade:

O contraste apontado pelo Salvador não é aquele entre “instruídos” e “não-instruídos”, mas entre os que se imaginam sábios e sensíveis e os que vivem sob a profunda impressão de que por seu próprio discernimento e seus próprios raciocínios são de todo impotentes para compreender as verdades de Deus e aceitá-las.^[14]

Que Deus nos ajude a ser bastante humildes para com as Escrituras de modo que nos encontremos no grupo que Jesus chamou de “pequeninos”.

AQUI PELA GRAÇA DE DEUS

Quando o crente é verdadeiramente humilde diante de Deus e de sua Palavra, também é humilde com respeito aos seus dons, capacidades e realizações. Ele compreende, e com gratidão reconhece, que tudo quanto é e tudo quanto possui vem das mãos de Deus.

Este aspecto da humildade realmente começa com a compreensão da salvação pessoal. Os evangélicos concordam em que somos salvos exclusivamente pela graça de Deus, sem ajuda de nenhuma de nossas obras. Mas não será que cremos, ainda que de forma indefinida, que contribuímos com algo para nossa salvação, algo que signifique que fomos um pouco mais sábios, ou

um pouco mais inteligentes, ou um pouco mais responsivos a Deus do que os outros?

Algum tempo atrás li uma declaração na qual o autor dizia reconhecer que a única diferença entre ele e outro grupo de pessoas era que ele tinha um pouco mais de confiança na graça de Deus. Estou certo de que o autor de tal declaração queria expressar humildade, mas isso me deixou numa situação incômoda. De certo modo não posso imaginar o apóstolo Paulo vendo em si mesmo alguma diferença distintiva, ainda que seja um pouco mais de confiança na graça de Deus. Em vez disso, vejo-o dizendo: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior” (1 Timóteo 1.15). Paulo nunca se comparou favoravelmente com os incrédulos que o rodeavam. Ele estava por demais dominado pelo fato de que a graça de Deus era suficiente para alcançar até mesmo ele.

A atitude de humildade com referência à salvação deveria conduzir-nos a um reconhecimento de que qualquer de nossas habilidades e realizações é igualmente resultado da graça de Deus. Na primeira epístola aos cristãos coríntios, Paulo não mede as palavras sobre este assunto: “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?” (4.7). Toda habilidade e toda vantagem que temos vêm de Deus e nos foram dadas como mordomia para serem usadas no serviço divino. Durante algum tempo depois que entrei no trabalho cristão de “tempo integral” e vivia com uma parca renda de subsistência, muitas vezes me vi lutando com os pensamentos da soma de dinheiro que eu poderia estar ganhando se tivesse seguido a profissão para a qual me preparara na faculdade. Finalmente comecei a compreender que foi Deus quem me deu a vantagem do estudo, e eu não estava fazendo a ele favor algum por estar em seu serviço de tempo integral. Tudo isso viera dele e devia ser usado para sua glória.

Paulo recusou-se a receber crédito por suas capacidades ou mesmo por seus diligentes esforços. Ainda em sua primeira carta aos coríntios ele declara: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou;

e a sua graça, que me foi concedida, não se tomou vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo” (15.10). Esta passagem costumava deixar-me perplexo. Parecia-me que Paulo tentava ao mesmo tempo ser humilde e orgulhoso. Como poderia alguém atrever-se a declarar publicamente que havia trabalhado muito mais do que todos os outros apóstolos? Mas depois percebi que Paulo atribuía seu duro trabalho à graça de Deus. Às vezes ouvimos um cristão cansado descrever seus duros esforços no serviço de Deus, como professor da Escola Dominical durante dez anos ininterruptos, ou dirigente de um difícil grupo de juvenis, ou ser um dos poucos fiéis que vão às reuniões de oração nas noites de quarta-feira. Talvez nós mesmos tenhamos sido um desses cristãos cansados. Se assim for, lembremo-nos de creditar nosso trabalho duro e nossos fiéis esforços à graça de Deus.

Deveríamos atribuir à graça de Deus quaisquer realizações, sejam elas seculares ou espirituais. Quando Moisés dava as instruções finais aos filhos de Israel antes de entrarem na terra prometida, especificamente os advertiu contra o orgulho de receber o crédito pelo êxito: “Não digam, pois, em seu coração: ‘A minha capacidade e a força das minhas mãos ajuntaram para mim toda esta riqueza’. Mas, lembrem-se do SENHOR, o seu Deus, pois é ele que lhes dá a capacidade de produzir riqueza, confirmando a aliança que jurou aos seus antepassados, conforme hoje se vê” (Deuteronômio 8.17-18). Paulo ressaltou igualmente o êxito espiritual, ao escrever: “De modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento” (1 Coríntios 3.7). O profeta Isaías expressou de modo sucinto a atitude que devemos ter para com as realizações: “SENHOR...todas as nossas obras tu as fazes por nós” (26.12, ARA).

Enquanto escrevia este capítulo, tive oportunidade de expressar apreço a um membro de nossa igreja por um serviço bem feito. Gostei de sua resposta simples, humilde: “Foi o Senhor quem o fez”. A humildade com relação a nós mesmos consiste, pois, em atribuir a Deus que nos dá a graça, tudo o que temos e tudo o que realizamos.

SUBMISSÃO, SERVIÇO E HONRA

O crente que é humilde diante de Deus também será humilde para com outras pessoas. Uma forma como esta humildade se expressa é a submissão mútua. Paulo nos instrui: "Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo" (Efésios 5.21). Pedro diz, igualmente: "Sejam todos humildes uns para com os outros" (1 Pedro 5.5), e Tiago diz que a submissão é característica da sabedoria que vem do alto (Tiago 3.17). O que significa sujeitar-nos uns aos outros? Será o ceder sempre às exigências e opiniões alheias? De maneira nenhuma. Significa submeter-nos à *instrução* bem como à *correção* de outros crentes; sermos dóceis ou humildes bastante para admitirmos o erro quando outro crente nos corrige ou nos instrui.

Apolo e Pedro são bons exemplos de homens que se submeteram a outros crentes. Apolo submeteu-se à instrução de outros. Lucas diz que Apolo era homem instruído, com excelente conhecimento das Escrituras, que fora instruído no caminho do Senhor, falava com grande fervor e ensinava com precisão a respeito de Jesus. Obviamente, Apolo era um homem dotado e capaz, e parece que era "obreiro cristão de tempo integral" , mas tinha um defeito. Seu conhecimento de Cristo era preciso, mas incompleto; ele conhecia apenas o batismo de João. Quando Priscila e Áquila, casal piedoso, "leigos", da igreja de Éfeso, ouviram Apolo, convidaram-no a acompanhá-los à sua casa, e lhe expuseram com mais exatidão o caminho de Deus (Atos 18:24-26). É evidente que Apolo recebeu a instrução que lhe deram, porque logo depois, desejando visitar as igrejas da Acaia, a igreja de Éfeso não só o animou mas também escreveu uma carta aos cristãos daquela região pedindo-lhes que o recebessem.

Que elogio da humildade de Apolo! Que sermão, mediante o exemplo, do que significa sujeitar-nos uns aos outros! Apolo era um ministro capaz, dotado; não obstante, não julgou demérito receber instrução de Priscila e Áquila. (Não é difícil demais imaginar, de passagem, com que carinho e consideração Priscila e Áquila devem ter instruído Apolo. Esse é o outro lado da submissão recíproca.

Falaremos mais a esse respeito quando tratarmos da benignidade, no capítulo quinze.)

Pedro dá um exemplo do que é sujeitar-se à correção de outro crente. Paulo registra que quando Pedro chegou a Antioquia, achou necessário censurá-lo por causa de sua hipocrisia com relação aos cristãos gentios. A censura de Paulo não foi apenas severa, foi também feita abertamente, perante os outros crentes. As Escrituras não nos dizem qual foi a reação de Pedro, mas evidentemente ele não abrigou nenhum ressentimento contra Paulo. Em uma de suas cartas, mais tarde ele se refere a Paulo como "o nosso amado irmão" e fala das cartas de Paulo como Escrituras, isto é, como parte dos escritos divinamente inspirados da Palavra de Deus (2 Pedro 3:15-16). Evidentemente, Pedro aceitou a censura de Paulo. Com humildade se submeteu à correção de outro crente, muito embora esse crente fosse "mais jovem no Senhor" do que ele.

Não resta dúvida de que a submissão ao ensino ou correção não solicitados é difícil para nossos corações orgulhosos por natureza. Mas o contexto da instrução de Paulo sobre a sujeição mútua, no capítulo 5 de Efésios, indica que ela é uma das demonstrações da plenitude do Espírito. A humildade é fruto do Espírito, resultado de seu ministério em nosso coração. Mas este ministério não ocorre sem que haja esforço deliberado, consciente, de nossa parte. O Espírito não nos faz humildes; ele capacita-nos a humilhar-nos em situações difíceis.

Embora a submissão seja, provavelmente, a mais difícil aplicação da humildade com relação a outros, não é de forma alguma a única. Uma oportunidade muito comum de mostrar humildade é *servir uns aos outros*. Nesta área Jesus é nosso maior mestre e precursor. Embora o exemplo supremo seja a lavagem dos pés aos discípulos na noite em que foi traído, a vida toda de Jesus foi de serviço aos outros. Ele disse que não veio para ser servido mas para servir; ele andou por toda parte fazendo o bem. Parece mesmo que Jesus indica que ainda estará a servir-nos na eternidade (Lucas 12:37), por incrível que isso pareça.^[15]

Além do exemplo que nos deixou, Jesus também nos ensinou, por preceito, a importância de servir uns aos outros. Ele

disse que a verdadeira grandeza no reino de Deus não consiste em posição, mas em serviço; e prometeu bênçãos aos que lhe seguirem o exemplo no serviço aos outros.

Esta demonstração de humildade no serviço a outros exige também a graça de Deus. Pedro diz que "se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que em todas as coisas seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo" (1 Pedro 4: 11) . Todos nós conhecemos pessoas, inclusive incrédulos, que parecem ser servos naturais. Estão sempre, de uma forma ou de outra, servindo ao próximo. Mas Deus não recebe a glória; elas é que a recebem. A reputação delas é que cresce. Mas quando nós, servos naturais ou não, servimos na dependência da graça divina, com a força que ele supre, Deus é glorificado.

A dependência da graça de Deus não somente resulta em ser ele glorificado, mas também nos possibilita, a nós que não somos servos naturais, praticar este aspecto da humildade. A graça divina é suficiente para todas as nossas necessidades, sejam elas quais forem. Podemos, mediante esta capacitação, *aprender* a servir uns aos outros.

O terceiro modo de demonstrar esta humildade é *honrando* uns aos outros. Paulo diz em Romanos 12: 10: "Preferindo-vos em honra uns aos outros", e em Filipenses 2:3: "considerando cada um os outros superiores a si mesmo" . Devemos colocar a outra pessoa acima de nós mesmos em questões de posição, interesses, ou necessidades.

Jesus censurou os fariseus por buscarem os lugares de honra numa festa, dizendo-lhes que buscassem antes o lugar mais humilde. Podemos condenar o egoísmo infantil dos fariseus, mas que diremos de nossa própria atitude? Costumamos furar a fila para obter o primeiro lugar? Procuramos os melhores assentos nas reuniões públicas? Afirmamo-nos a nós mesmos, com frequência, em detrimento de outros, ou consideramos seus interesses tão bem quanto os nossos?

Se quisermos gozar as bênçãos prometidas aos humildes devemos exibir este tipo de humildade em nossos relacionamentos diários. Devemos aprender a sujeitar-nos uns aos outros, a servir

uns aos outros, e honrar ou preferir uns aos outros acima de nós mesmos. Lembremo-nos: o Espírito não nos faz humildes, mas capacita-nos a humilhar-nos. Devemos *aprender* a humildade, como Paulo aprendeu o contentamento, e para nossos esforços temos a segurança do mesmo poder capacitador que ele experimentou (veja Filipenses 4: 11-13).

Praticando a humildade

Eis algumas sugestões práticas para a aprendizagem da humildade. Comece renovando a mente. O melhor modo de fazê-lo é memorizar uma ou mais passagens bíblicas, escolhendo as que você acredita falem mais diretamente às áreas de maior necessidade em sua vida.

Ao memorizarmos e depois meditarmos nas Escrituras, o Espírito Santo nos transforma interiormente, mudando nossos valores. Por exemplo, podemos começar dando maior importância à precedência de outros sobre nós. O Espírito Santo também usará esses textos' que memorizamos para convencer-nos em situações específicas quando deixamos de viver à altura dos novos valores.

Confesse quaisquer formas de orgulho à medida que o Espírito Santo o convence, e ore pedindo sensibilidade para ver-se a si através dos olhos de Deus. Ore também para que o Espírito Santo o transforme interiormente.

Por fim, tome as providências específicas necessárias a fim de obedecer à direção de Deus no sentido de humilhar-se a si mesmo. Devemos humilhar-nos diante de Deus. O verbo humilhar, quando usado desta forma, denota ação. Devemos fazer algo. Pode ser um ato específico de colocar outrem em primeiro lugar, tal como numa fila de um supermercado, ou na escolha de uma posição no emprego. Pode ser até mesmo tão drástico como dizer a amigos que temos recebido o crédito pelo êxito que por direito pertence a Deus. Seja qual for a área de necessidade na qual devamos trabalhar, é importante que o façamos na dependência daquele que opera em nós.

7. CONTENTAMENTO

De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro.

1 TIMÓTEO 6.6

Contentamento é um dos traços mais distintivos da pessoa piedosa, porque tal pessoa tem o coração concentrado em Deus e não nas posses, posição ou poder. Como bem observou William Hendriksen: “A pessoa verdadeiramente piedosa não está interessada em enriquecer-se. Ela possui recursos interiores que fornecem riquezas muito além daquilo que a terra pode oferecer”.^[16]

As palavras traduzidas como “contente” ou “contentamento”, realmente significam “suficiência”.^[17] A mesma palavra traduzida por “contentamento” em 1 Timóteo 6.6 é traduzida por “tudo o que é necessário” ou “ampla suficiência” em 2 Coríntios 9.8. Quando Deus disse a Paulo: “Minha graça é suficiente para você” (2 Coríntios 12.9), empregou a mesma palavra alhures traduzida como “estar contente” (veja Lucas 3.14; 1 Timóteo 6.8; Hebreus 13.5).

A pessoa contente goza da suficiência da *provisão* de Deus para suas necessidades, e da suficiência da *graça* de Deus para suas circunstâncias. Ela crê que Deus, em verdade, satisfará todas as suas necessidades materiais e que em todas as circunstâncias Deus operará para seu bem. Por isso Paulo podia dizer: “A piedade com contentamento é grande fonte de lucro”. A pessoa piedosa encontra o que o avarento, ou invejoso ou descontente sempre procura em vão. Ela encontra satisfação e descanso para a alma.

Na Bíblia, a ideia de contentamento, na maioria das vezes, está associada com posses ou com dinheiro; mas há outras áreas da vida nas quais necessitamos de estar contentes. Depois das posses, provavelmente a necessidade mais comum é aprender a contentar-nos com o lugar que ocupamos na sociedade ou no corpo de Cristo. Ainda uma terceira área que exige a prática do contentamento é a providência de Deus em circunstâncias tão variadas como limitações e aflições físicas, privações, vizinhos

desagradáveis ou situações da vida, provações e até perseguições. Essas circunstâncias, muitas vezes levam o homem natural a murmurar, queixar-se, e questionar a bondade de Deus.

A primeira tentação na história da humanidade foi o descontentamento. Deus havia provido para Adão e Eva muito além do que necessitavam. Declara o livro do Gênesis: “Então o Senhor Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento”. Deus reteve de Adão e Eva somente uma árvore para provar-lhes a obediência. E Satanás usou essa árvore para tentar Eva. Ele lançou dúvida no seu coração acerca da bondade de Deus, semeando, assim, sementes de descontentamento. O descontentamento é exatamente isso — *duvidar da bondade de Deus*.

Satanás tentou a mesma tática com Jesus no deserto. Ele procurou tornar Jesus descontente com a falta de alimento e cobiçoso de posição e poder dos reinos do mundo. Se Isaías 14.13-15 é uma referência velada a Satanás, como muitos eruditos creem, então podemos concluir que a queda do próprio Satanás foi ocasionada pelo descontentamento e má vontade em aceitar a posição que Deus lhe ordenara na hierarquia dos seres angélicos.

Deveríamos notar com cuidado esses incidentes. O descontentamento é um dos mais satânicos de todos os pecados; sermos indulgentes com ele é rebelar-nos contra Deus do mesmo modo que Satanás se rebelou.

Contentamento com as posses

Contentar-se alguém com aquilo que possuir é uma das exortações mais vigorosamente registradas na Bíblia. Deus julgou importante incluir uma proibição contra a cobiça ao lado de proibições contra pecados tão detestáveis como homicídio, furto e adultério (Êxodo 20.13-17). No Sermão da Montanha, Jesus deteve-se mais sobre o tema de que não podemos servir a Deus e às riquezas do que sobre qualquer outro assunto. Mais tarde, tratando de uma disputa acerca de uma herança, ele disse: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na

quantidade dos seus bens” (Lucas 12.15). Sua dupla advertência — “Cuidado! Fiquem de sobreaviso” — alerta-nos para o extremo perigo de descontentar-nos com aquilo que possuímos.

Paulo tem para nós uma advertência semelhantemente forte na primeira carta a Timóteo, ao exortar-nos a estar contentes tendo o que comer e vestir, porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Ele adverte Timóteo a “fugir” do amor ao dinheiro e do descontentamento com as posses (6.11). O escritor de Hebreus destaca a admoestação na forma de estímulo ao exortar-nos a livrar-nos da avareza e a contentar-nos com o que temos, porque o próprio Deus prometeu nunca abandonar-nos (13.5). Assim, a Bíblia adverte-nos dos perigos do descontentamento e também nos anima a buscar o contentamento na base da promessa divina de suprir as nossas necessidades.

Na carta aos Romanos, Paulo diz que tudo o que outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito (15.4). Os acontecimentos históricos registrados no Antigo Testamento não são, pois, meramente lendas interessantes. Foram registrados para que pudéssemos tirar lições deles. Com esta verdade em mente, convém-nos atentar com cuidado para o resultado da cobiça na vida de Acã e de Geazi, conforme os capítulos 7 de Josué e 5 de 2 Reis. A cobiça de Acã, na batalha de Jericó, resultou na derrota do exército de Israel em Ai e em sua própria morte por apedrejamento. A cobiça de Geazi, servo de Eliseu, resultou na terrível doença da lepra que o atingiu e à sua descendência para sempre. No Novo Testamento, a cobiça foi a raiz do pecado que trouxe o juízo de Deus sobre Ananias e Safira (Atos 5.1-11).

Pode ser verdade que o juízo de Deus sobre a cobiça e o descontentamento não seja tão severo ou óbvio em nossos dias como o foi nos dias de Acã, de Geazi e de Ananias e Safira. Não obstante, a *atitude* de Deus para com o descontentamento não mudou, e o perigo espiritual de amar as coisas do mundo é muito mais grave do que o juízo de uma temida moléstia ou de uma morte prematura. João diz com clareza que se alguém ama ao mundo, o amor do Pai não está nele. Em outras palavras, ele não é cristão!

João deixa claro que o ardente desejo das posses é amor ao mundo.

Em face de tão fortes advertências bíblicas contra a cobiça e diante das sérias exortações dos escritores do Novo Testamento sobre contentar-nos com as coisas que temos, devemos levar a sério a necessidade de buscar com afinco o contentamento como traço dominante do caráter. Não se trata de um luxo espiritual. Contentar-nos com o que temos é absolutamente vital para a saúde espiritual.

Como podemos, então, buscar uma atitude de contentamento com as coisas que temos? Quais são as medidas práticas que podemos tomar? Como acontece com qualquer outro traço de caráter, comecemos renovando a mente mediante a memorização e meditação de uma ou duas passagens das Escrituras que julgemos especialmente proveitosas nesta área, como Lucas 12.15, 1 Timóteo 6.6-8, ou Hebreus 13.5; ou outras passagens extraídas do estudo pessoal. Enquanto meditamos nesses versículos, devemos pedir a Deus que nos traga à mente quaisquer áreas específicas da vida nas quais estamos descontentes com o que temos. Descubramos que passos definidos podemos e devemos dar para lidar com essa área, e comecemos a andar.

Tenhamos em mente, porém, que só o Espírito Santo pode operar uma duradoura e fundamental mudança de atitude em nosso coração; por isso é preciso que façamos do contentamento um assunto de oração regular e fervorosa. Muitas vezes oro como Davi no Salmo 119.36-37: *“Inclina o meu coração para os teus estatutos, e não para a ganância. Desvia os meus olhos das coisas inúteis; faze-me viver nos caminhos que traçaste”* (ênfase adicionada).

Oração e meditação sobre textos da Bíblia são essenciais para desenvolver o contentamento com o que possuímos. Os seguintes princípios bíblicos também são muito úteis nesta área.

Nosso foco deve estar nos verdadeiros valores da vida. No capítulo 8 de Marcos, Jesus ensina que a vida eterna vale mais do que o mundo inteiro. Davi declara, no Salmo 19, que a Palavra de Deus é mais preciosa do que o ouro. Salomão diz que a sabedoria (compreensão e aplicação dos princípios morais de Deus) é mais

rendosa do que a prata, ou ouro, ou pérolas (Provérbios 3.13-15). Todas essas declarações refletem os juízos de valor de Deus acerca do que é verdadeiramente importante na vida. Temos de decidir se os aceitamos e fazemos deles nossos próprios valores. Na medida que o fizermos, estaremos no caminho certo para experimentar o contentamento com o que temos.

Servir a Deus mediante serviço à humanidade é a única motivação aceitável a Deus pela diligência e trabalho árduo em nosso chamado vocacional. Devemos evitar a ambição egoísta (o desejo de possuir mais dinheiro ou prestígio). Nossa ambição deve ser agradar a Deus em tudo quanto fazemos. O emprego ou os negócios devem ser vistos não em termos de maiores salários, maiores comissões, aumento nas vendas, mas em termos do melhor modo de agradar a Deus. O êxito vocacional não deve ser medido em termos de conta bancária ou de bens materiais, mas em serviço ao próximo que seja aceitável a Deus. Tal atitude, em vez de incrementar a indiferença para com o trabalho, deve promover maior diligência. Paulo disse aos colossenses que os escravos eram mais responsáveis perante Deus por seu trabalho do que eram para com seus senhores. Este princípio aplica-se, obviamente, às relações de emprego de nossos dias.

Tudo quanto temos vem de Deus como resultado de sua graça. Davi reconheceu com muita sabedoria: “A riqueza e a honra vêm de ti... Nas tuas mãos estão a força e o poder para exaltar e dar força a todos” (1 Crônicas 29.12). Humildade para com Deus e contentamento com o que tenho são coisas que, de fato, dependem uma da outra. Se aceito o que tenho agora como dádiva da graça de Deus e sou grato por isso, não fico achando que mereço mais e ansiando por maiores posses.

Deus, em sua soberana e boa vontade, achou por bem dar a algumas pessoas mais riquezas e posses do que a outras; por conseguinte, não devemos invejá-las. Para ensinar que toda recompensa provém da graça, Jesus contou a parábola dos trabalhadores na vinha. Ele descreveu a situação dos que trabalharam apenas a última hora do dia e receberam paga igual à dos que trabalharam o dia todo. Os que haviam trabalhado o dia

tudo sentiram inveja do tratamento generoso concedido aos que vieram mais tarde, e começaram a queixar-se. Mas o dono da vinha silenciou-os com a declaração: “Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?”. Com esta parábola Jesus nos ensina que Deus, que tudo possui, tem direito de distribuir os bens materiais deste mundo como lhe apraz, e não nos cabe questioná-lo ou sentir inveja dos recipientes dos favores divinos.

Àqueles aos quais Deus abençoou com riquezas ou abundância de bens, tais privilégios trazem consigo responsabilidade. “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido” (Lucas 12.48). Paulo disse a Timóteo: “Ordene aos que são ricos... que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir” (1 Timóteo 6.17-18).

Este princípio aplica-se à maioria das pessoas, porque somos, de fato, ricos quando comparados com a vasta população do mundo.

Descobriremos que o contentamento vem quando repartimos com os outros aquilo que temos. É neste contexto de repartir com os necessitados que Paulo declarou no capítulo 9 de 2 Coríntios que Deus pode fazer-nos abundar em toda graça, de sorte que nos sintamos suficientes — ou contentes — em tudo.

Alguém pode achar que deveríamos estimular-nos uns aos outros no sentido de um “estilo de vida simplificado”, ou um estilo de vida tão desligado dos bens materiais quanto possível. Este assunto, contudo, pode facilmente degenerar-se em legalismo, no qual começamos a julgar-nos uns aos outros por padrões talvez arbitrários acerca do que é e do que não é aceitável na forma de bens e posses materiais. Deveríamos, antes, concentrar-nos em viver de maneira agradável a Deus, contentes em todas as circunstâncias. O resultado deste tipo de enfoque será que nossos estilos de vida serão do agrado de Deus.

Contentamento com a posição

Havendo, de certo modo, ganho a batalha do contentamento com referência às posses, muitos cristãos, com demasiada frequência, fracassam na batalha do contentamento com vistas à posição que ocupam no corpo de Cristo. Como Diótrefes, gostamos de ter o primeiro lugar (veja 3 João 9). E se não somos os primeiros, ou, pelo menos, preeminentes, invejamos os que se acham nessa posição, ou então adotamos a atitude de “sou apenas um João-ninguém. Deus não pode usar-me” . Guardar-se desta maneira de pensar foi que levou Paulo a escrever aos cristãos de Roma: “Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu” (Romanos 12.3).

Paulo reconhecia, e queria que os cristãos de Roma também reconhecessem, que Deus colocou cada um de nós no corpo de Cristo como lhe aprouve. Não nos cabe decidir o que desejamos ser ou fazer, mas descobrir, na base de nossas aptidões e dons, o que Deus deseja que sejamos e façamos. O contentamento não está em sermos os primeiros, mas em sermos fiéis ao cumprimento da função que Deus nos designou no corpo de Cristo.

A maior ajuda que recebi na aprendizagem de estar contente com a minha posição foi aceitar o fato de que todas as posições na igreja são dadas pela soberana graça de Deus. Paulo disse que “temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada” (Romanos 12.6). Não temos apenas diferentes dons, mas também diferentes capacidades para o uso desses dons. Na parábola dos talentos, um servo recebeu cinco talentos, outro dois, e o terceiro somente um. A prestação de contas foi proporcional ao número de talentos. O servo que recebeu dois talentos e usou-os para conseguir mais dois, recebeu o mesmo elogio e a mesma recompensa daquele a quem foram confiados cinco talentos e com eles conseguiu mais cinco. Com toda a certeza, o servo que recebeu apenas um talento teria sido recompensado da mesma maneira se tivesse sido fiel em usá-lo para ganhar mais um que fosse, em vez de enterrá-lo.

Quer tenhamos diversos dons quer apenas um; quer nossos dons nos coloquem numa posição de destaque quer sempre nos mantenha nos bastidores, o importante é que esses dons nos foram concedidos pela graça. Não os merecíamos; nada fizemos para ganhá-los; foram-nos soberanamente concedidos. Não mereço estar onde estou no corpo de Cristo, assim como a pessoa que ocupa lugar proeminente também não merece estar onde está. Cada um de nós encontra-se no seu lugar pela graça de Deus.

E Deus é soberano na concessão de sua graça. Paulo deixa bem claro este ponto no capítulo 9 de Romanos, ao perguntar: “O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso?”. Embora Paulo não estivesse fazendo a pergunta no contexto da concessão de dons, ainda assim se aplica o princípio. Deus tem o direito de colocar cada um de nós onde lhe apraz. Ele não só tem o direito, mas o exercita, conforme vemos no capítulo 12 de 1 Coríntios. “Todas essas coisas [dons], porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito realiza, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer”.

Como é que o conhecimento que tenho da soberana graça de Deus em colocar cada um de nós no corpo de Cristo me ajuda a estar contente? Primeiro, reconhecendo que estou onde estou não por mero acaso, nem pelo favor ou desfavor de outras pessoas, mas pela decisão de um Pai celestial todo-sabedoria e todo-amor. E ele tem planos para mim, planos para fazer-me prosperar, e não para prejudicar-me; planos de esperança e futuro (veja Jeremias 29.11).

Segundo, reconhecendo não merecer estar onde estou. Conquanto a posição possa ser obscura, identifico-me com Paulo ao dizer: “Embora eu seja o menor dos menores de todos os santos, foi-me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo” (Efésios 3.8). Posso não ser um missionário como o foi Paulo, mas qualquer que seja minha posição no corpo, ela me foi dada pela graça de Deus.

Terceiro, reconhecendo que cada parte do corpo é importante. Paulo diz que o corpo cresce “na medida em que cada parte realiza a sua função” (Efésios 4.16). Sou importante para Deus

e importante para o corpo. Isto é verdade com relação a cada cristão no mundo!

À medida que reconheço e aceito essas verdades, encontro contentamento e estímulo. Paulo diz, em Efésios 2.10, que Deus preparou de antemão boas obras para que andemos nelas. Ao aceitar nosso lugar no corpo de Cristo e buscar a realização dessas boas obras, encontramos o cumprimento e o contentamento de uma vida vivida segundo o propósito de Deus.

Paralelamente à aceitação de nosso lugar no corpo de Cristo, precisamos também aprender a contentar-nos com a posição que ocupamos na sociedade — nosso chamado vocacional. O chamado vocacional geralmente determina status bem como abastança. E por causa da preocupação do mundo com status, muitas vezes enfrentamos a tentação de ficar descontentes com a posição que ocupamos na sociedade. Assim como somos tentados a cobiçar posses, também somos tentados a cobiçar posição.

Aqui, igualmente, devemos voltar à soberania de Deus em todas as coisas. Deus, em última análise, governa no reino natural, como o faz no espiritual, muito embora este aspecto da soberania divina nem sempre nos seja evidente.

Foi Deus quem criou alguns para serem fazendeiros, médicos, construtores, vendedores, motoristas de ônibus, pilotos de avião. Se Deus não governasse desta maneira, inclusive na vida dos incrédulos, o mundo seria um lugar caótico. Teríamos excesso de operários em algumas profissões e carência em outras. Os desequilíbrios vocacionais que Deus permite, originam-se da ganância do homem em buscar constantemente empregos e profissões de remuneração mais elevada.

Os princípios do contentamento com a posição que ocupamos no corpo de Cristo, se é que reconhecemos que nossa vocação é um depósito que Deus nos confiou, do mesmo modo que nossa responsabilidade espiritual, aplicam-se com igual vigor à nossa posição vocacional.

Num excelente artigo sobre a ética puritana de trabalho, Leland Ryken disse:

Os puritanos declararam que todo trabalho honrado era santo. Em assim fazendo, rejeitaram a antiquíssima divisão de vocações em “sagradas” e “seculares”... Esta rejeição puritana da dicotomia entre trabalho sagrado e secular tem implicações de longo alcance. Ela diz que todo trabalho honrado tem valor intrínseco, e integra toda vocação com a vida espiritual do cristão. Ela toma todo trabalho consequencial em virtude de considerá-lo como a arena para glorificar e obedecer a Deus e para expressar amor (mediante o serviço) ao próximo.^[18]

Não só alguns serviços são mais prestigiosos do que outros; alguns são mais desafiadores e excitantes do que outros. Que devemos fazer se Deus nos coloca numa responsabilidade vocacional que parece maçante e não traz desafio? Voltamos de imediato aos princípios do contentamento no corpo de Cristo: estou onde estou pela soberana mas amorosa indicação de Deus; não mereço estar nem mesmo aqui; e meu serviço, conquanto maçante, é necessário ao bom andamento da sociedade. Se eu recorrer a Deus, ele me dará a graça (no sentido de capacitação divina) de ser fiel e estar contente numa situação obscura e sem desafios.

Significa isto que o contentamento é incompatível com a ambição, que nunca deveríamos aspirar a serviços mais responsáveis e desafiadores? De maneira nenhuma. O conselho de Paulo aos escravos cristãos em Corinto proporciona um princípio que serve para nós hoje: “Foi você chamado sendo escravo? Não se incomode com isso. Mas, se você puder conseguir a liberdade, consiga-a” (1 Coríntios 7.21). Seja qual for a situação, esteja contente, não se preocupe. Se, porém, tiver a oportunidade de melhorar de posição, faça-o (a menos, é claro, que ao fazê-lo, viole a vontade de Deus em algum outro respeito).

Todo crente deve buscar a excelência da habilidade e do serviço, seja qual for o chamado vocacional em que se encontre. Deve fazê-lo, porém, não pela ambição pessoal, mas para agradar a Cristo e glorificá-lo. Em muitos casos, o serviço fiel *resultará* em promoção, porque mesmo os incrédulos respeitam e recompensam a excelência. Todavia, o serviço fiel não é garantia de melhor

posição. Deus é soberano sobre nossa posição na sociedade. Ele nos coloca e mantém onde deseja que estejamos. Como diz a Bíblia: “Não é do oriente nem do ocidente nem do deserto que vem a exaltação. É Deus quem julga: Humilha a um, a outro exalta” (Salmo 75.6-7).

O segredo de Paulo do contentamento

O cristão pode ganhar a batalha do contentamento com vistas às posses e posição, e ainda perder a luta do contentamento com a providência de Deus. Vivemos num mundo amaldiçoado pelo pecado, onde até a própria criação está sujeita à frustração (Romanos 8.20). Os cristãos não são imunes às frustrantes, irritantes, e muitas vezes esmagadoras circunstâncias da vida.

Todavia, como cristãos cremos que todas as circunstâncias nos atingem, não por acaso, mas pela inescrutável vontade de um Pai celestial que é todo sabedoria, todo poder e todo amor. Por isso dizemos que as circunstâncias estão sob a providência de Deus, sendo que a palavra providência significa, basicamente, o cuidado de Deus e seu controle sobre todo o universo.^[19] A Bíblia, repetidas vezes, ensina tal cuidado e controle. Por exemplo, o Salmo 33.10-11, diz: “O SENHOR desfaz os planos das nações e frustra os propósitos dos povos. Mas os planos do SENHOR permanecem para sempre, os propósitos do seu coração, por todas as gerações”.^[20]

Mas a providência de Deus nem sempre favorece a seus filhos. Achamos difícil entender eventos e circunstâncias que parecem lançar dúvida sobre sua sabedoria e amor. Como disse o próprio Deus, por meio de Isaías: “Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos... assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos” (Isaías 55.8-9).

Outras circunstâncias, embora nem tão severas ou trágicas, podem causar perplexidade e frustração: sofremos limitações físicas diversas, enfermidades crônicas e danos importunos. Podemos ter

um colega de quarto imprudente ou vizinhos maçantes. Pode ser que vivamos numa cidade grande demais, apinhada de gente, ou numa comunidade distante, pacata e enfadonha. O clima pode ser seco demais ou úmido demais. Há mil e uma dessas circunstâncias que podem tornar-nos irritantes e descontentes.

Para piorar as coisas, às vezes parece que nossos vizinhos incrédulos não têm problemas. Como Asafe do passado, olhamos para eles e dizemos: “Assim são os ímpios; sempre despreocupados, aumentam suas riquezas. Certamente foi-me inútil e lavar as mãos na inocência” (Salmo 73.12-13).

Com situações semelhantes a cercar-nos, como podemos aprender, com Paulo, a “viver contente em toda e qualquer situação” (Filipenses 4.11)? “Aprendi o segredo de viver contente”, disse Paulo, “em toda e qualquer situação”. Que “segredo” havia Paulo aprendido?

A Bíblia não diz qual foi, mas é possível que a resposta se encontre no capítulo 12 de 2 Coríntios, que registra a experiência de Paulo de ser arrebatado até ao céu e ouvir coisas inefáveis que ao homem não é permitido contar. Para que Paulo não se envaidescesse por causa dessas tremendas revelações, foi-lhe dado “um espinho na carne”, mensageiro de Satanás, para atormentá-lo. Três vezes Paulo rogou ao Senhor que o afastasse, mas Deus lhe disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Conforme observamos anteriormente, a palavra traduzida por “suficiente” é a mesma que em outro lugar é traduzida por “viver contente”.

Deve ser este o segredo que Paulo havia aprendido: *A graça de Deus é suficiente*, seja qual for a circunstância. E porque a graça de Deus é suficiente, podemos estar contentes. Mas para sentirmos o contentamento devemos, como Paulo, *aceitar* que a graça de Deus é, de fato, suficiente. Por aceitação quero dizer não apenas assentimento teológico a uma verdade, mas uma fé autêntica na graça divina em face de circunstâncias penosas.

Desde menino sofro de um enfraquecimento da vista que às vezes me decepçiona, e uma perda total de audição de um ouvido, que me embaraça. Como quando as pessoas falam comigo e não

as ouço, parecendo, assim, que as ignoro. Esses, porém, não são meus únicos problemas físicos. Um dia me pus diante do espelho do quarto e observei sete coisas “erradas” em meu corpo, a respeito das quais muitas vezes fiquei irritado e que me levaram ao queixume. Naquele dia eu disse: “Senhor, aceito o fato de que me fizeste como sou, e que tua graça é suficiente para todas essas limitações”. Não posso dizer que deixei de irritar-me com esses problemas a partir desse dia; mas posso dizer agora que sei como estar contente com eles: aceito que a graça de Deus é suficiente. Nem sempre consigo aplicar este fato maravilhoso, mas sei que ele é verdadeiro e está sempre disponível. A escolha de aceitá-lo e de experimentar o contentamento é minha. E a escolha é sua em suas circunstâncias particulares.

Em todas as áreas em que somos chamados para estar contentes, sejam elas posses, posição, ou a providência de Deus, a solução suprema para o descontentamento é a graça divina. Graça, conforme o termo é empregado no Novo Testamento, expressa duas ideias complementares: o imerecido favor de Deus a nós mediante Jesus Cristo e a divina assistência de Deus a nós por intermédio do Espírito Santo. É necessário que compreendamos e apreciemos esses significados a fim de estarmos contentes. Primeiro, devemos aprender a viver pelo reconhecimento de que seja qual for nossa situação na vida, ela é muito melhor do que merecemos. Na realidade, merecemos o juízo eterno de Deus. Alguém disse: “Qualquer coisa deste lado do inferno é pura graça”. Esta afirmativa é verdadeira, e devemos aceitá-la e ajustar nossa atitude de acordo com ela.

Segundo, devemos aprender que por mais difíceis e decepcionantes que sejam nossas circunstâncias, a assistência de Deus, por intermédio do Espírito Santo, está disponível para ajudar-nos a reagir de uma maneira piedosa e a estar contentes. Quando Paulo disse: “tudo posso naquele que me fortalece”, ele se referia à capacitação da parte de Deus. Se ele tivesse dito: “Tudo posso pela sua graça”, estaria dizendo a mesma coisa.

Eis o segredo de viver contente: aprender e aceitar que vivemos diariamente pelo favor imerecido de Deus concedido

mediante Cristo, e que podemos reagir a toda e qualquer situação pela capacitação divina por intermédio do Espírito Santo.

8. GRATIDÃO

Entrem por suas portas com ações de graças, e em seus átrios, com louvor; deem-lhe graças e bendigam o seu nome. Pois o SENHOR é bom e o seu amor leal é eterno; a sua fidelidade permanece por todas as gerações.

SALMO 100.4-5

Algumas virtudes do caráter cristão, tais como santidade, amor e fidelidade, são característicos piedosos porque *refletem* o caráter de Deus. São qualidades divinas. Outras virtudes são característicos piedosos porque *reconhecem e exaltam* o caráter de Deus. São qualidades centradas em Deus que robustecem nossa devoção a ele. São as virtudes da humildade, do contentamento e da gratidão. Na humildade reconhecemos a majestade de Deus; no contentamento, a sua graça; e na gratidão, a sua bondade.

Gratidão a Deus é o reconhecimento de que ele, em sua bondade e fidelidade, proveu para nós e cuidou de nós, tanto física como espiritualmente. É o reconhecimento de que dependemos totalmente dele — que tudo quanto somos e temos vem de Deus.

Honrando a Deus

Deixar de ser grato a Deus é um pecado muitíssimo grave. Quando, no capítulo 1 de Romanos, Paulo relata a trágica queda moral da raça humana, ele começa, declarando: “Porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se”. Glorificar a Deus é reconhecer a majestade e dignidade de sua pessoa. Dar graças a Deus é reconhecer a generosidade de suas mãos em suprir-nos e cuidar de nós. E quando a raça humana, em seu orgulho, deixou de dar a Deus a glória e as ações de graça a ele devidas, Deus a entregou à imoralidade e à maldade sempre crescentes. O juízo de Deus veio

porque os homens deixaram de honrá-lo e de dar-lhe graças. Se a falha em dar graças é pecado tão opressivo, então convém que cultivemos um espírito de gratidão que permeie toda a vida.

Uma das mais instrutivas passagens sobre a gratidão é Lucas 17.11-19: o relato da cura de dez leprosos. Aqui estavam dez homens na mais lamentável de todas as misérias humanas. Não só eram eles afligidos por uma terrível e repugnante moléstia, como também eram expulsos da sociedade por causa de sua doença. Não tinham ninguém para aliviar-lhes o sofrimento físico nem o emocional. Então Jesus os curou.

Quando esses homens foram mostrar-se ao sacerdote para serem restaurados ao convívio da família e dos amigos, apenas um deles, reconhecendo o que havia acontecido, voltou para agradecer a Jesus. Dez homens foram curados, mas somente um deu graças. Quão propensos somos a assemelhar-nos aos outros nove. Estamos ansiosos por receber, mas descuidados demais para agradecer. Oramos, pedindo a intervenção de Deus em nossa vida, depois congratulamo-nos a nós mesmos em vez de dar graças a Deus pelos resultados. Quando uma das missões lunares norte-americanas se viu em sérias dificuldades, há alguns anos, o povo norte-americano foi solicitado a orar pelo retomo seguro dos astronautas. Tendo eles voltado à terra em segurança, o crédito foi dado às realizações tecnológicas e à habilidade da indústria espacial. Nada de agradecimentos ou crédito foi dado publicamente a Deus. Isto não é incomum. É a tendência natural da humanidade.

Além de instruir-nos acerca da natureza humana, o relato dos dez leprosos também nos instrui acerca de Deus. Agradecer-lhe as bênçãos que recebemos é muito importante para ele. Jesus perguntou: “Não foram purificados todos os dez? Onde estão os outros nove?”. Jesus estava muito cômico de que apenas um voltara para dar-lhe graças. E Deus está muito cômico hoje quando deixamos de agradecer-lhe as bênçãos comuns e as incomuns que sua mão nos dispensa diariamente.

Até os seres angélicos que cercam o trono de Deus dão-lhe graças. Apocalipse 4.9 fala deles dando glória, honra e ações de graça ao que se encontra sentado no trono e vive para todo o

sempre. Deus criou anjos e homens para glorificá-lo e dar-lhe graças. Quando falhamos neste ponto, deixamos de cumprir um dos propósitos para o qual ele nos criou.

A Bíblia ensina a gratidão por preceito e por exemplo. No primeiro livro de Crônicas, os levitas que participavam da adoração do templo deviam pôr-se de pé todas as manhãs para dar graças e louvar ao Senhor. Os salmos contêm cerca de trinta e cinco referências à dar graças a Deus. Dezoito vezes em suas cartas, Paulo expressa gratidão a Deus, e há dez outros casos em que ele nos instrui a dar graças. No todo, há cerca de 140 referências bíblicas sobre dar graças a Deus. Gratidão não é, de forma alguma, princípio de menor importância aos olhos divinos. É absolutamente necessária à prática da piedade.

Um incidente da vida de Daniel mostra a importância que este homem de Deus dava à gratidão. Todos conhecemos a história de Daniel na cova dos leões; lembramo-nos, porém, de como ele foi parar lá? Alguns oficiais, com inveja da posição de Daniel, persuadiram ao rei Dario a promulgar um decreto, segundo o qual, pelo prazo de trinta dias todo aquele que orasse a qualquer deus ou homem que não o rei, seria lançado na cova dos leões.

Quando Daniel ficou sabendo do decreto, dirigiu-se ao seu quarto e três vezes por dia ajoelhava-se e orava, dando graças ao seu Deus, como o fazia antes.

Ora, se você e eu orássemos sob *todas* essas circunstâncias, haveríamos de pedir a Deus o livramento. Sem dúvida Daniel orou nesse sentido; mas também deu graças. Nossa situação nunca é tão desesperada que não comporte ações de graça. Paulo ensina este princípio em Filipenses 4.6, ao dizer: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e *com ação de graças*, apresentem seus pedidos a Deus” (ênfase adicionada).

Ao escrever a carta aos cristãos colossenses, Paulo tentava lidar com a infiltração de uma filosofia e conhecimento de feitura humanos naquela igreja. Depois de declarar que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos em Cristo, ele exorta os colossenses, dizendo: “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e

edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão” (2.6-7). Paulo trata de problemas fundamentais da vida cristã, e inclui neles o conceito de ações de graça. Ele diz que devemos *crescer* em ações de graça. Ações de graça são o resultado normal de uma união vital com Cristo, e uma medida direta da extensão da realidade dessa união em nosso viver diário.

Propósitos das ações de graça

O propósito primário de dar graças a Deus é reconhecer sua bondade e honrá-lo. Deus diz no Salmo 50.23: “Quem me oferece sua gratidão como sacrifício, honra-me”. O Salmo 106.1-2 diz: “Aleluia! Deem graças ao SENHOR porque ele é bom; o seu amor dura para sempre. Quem poderá descrever os feitos poderosos do SENHOR, ou declarar todo o louvor que lhe é devido?”. Quando damos graças ao Senhor proclamamos seus atos poderosos; reconhecemos sua bondade.

A bondade de Deus para todas as suas criaturas é infinita. “Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” e “a sua compaixão alcança todas as suas criaturas” (Mateus 5.45; Salmo 145.9).

Ele é muitíssimo digno de nosso louvor e ações de graça, especialmente se somos redimidos seus, pois ele nos tem abençoado não só no reino temporal, mas também com toda bênção espiritual nas regiões celestiais (veja Efésios 1.3).

As ações de graça promovem não só a glória de Deus, mas também a humildade em nós. A tendência do coração humano pecaminoso, e às vezes até mesmo do coração regenerado, é de usurpar o crédito que por direito pertence somente a Deus. Em diversas ocasiões Deus advertiu os filhos de Israel contra esta tendência (veja Deuteronômio 8.11-14, 17-18, e 9.4-7). Na oração de ações de graça de Davi pelas dádivas para o templo, ele reconheceu que a abundância que o povo trouxe provinha de Deus e a ele pertencia. Paulo dava graças a Deus constantemente pelo

progresso espiritual das igrejas sob seu cuidado. Ele nunca recebeu o crédito para si próprio.

As ações de graça também nos estimulam a fé. No Salmo 50.14-15, Deus liga as ofertas de gratidão com invocá-lo no dia da angústia. A lembrança das misericórdias de Deus estimula-nos a confiar nele quanto às misericórdias de que precisamos hoje. É possível que esta ideia esteja incluída no tratamento da ansiedade receitado por Paulo em Filipenses 4.6-7.

Finalmente, as ações de graça promovem o contentamento. Poucas coisas incitam o descontentamento quanto a luta espiritual interior entre a natureza pecaminosa e o Espírito Santo. Sua intensidade levou Paulo a clamar: “Miserável homem que eu sou!”. Mas depois ele encontra alívio e contentamento em dar graças a Deus pelo livramento que nos foi prometido mediante Jesus Cristo (Romanos 7.24-25). As ações de graça também promovem o contentamento com as posses, posição e providência quando concentramos os pensamentos nas bênçãos de Deus já recebidas, obrigando-nos a parar de gastar nosso tempo almejando coisas que não temos. O contentamento e as ações de graça fortalecem-se mutuamente.

Cultivando um coração agradecido

O alicerce de uma atitude agradecida é uma vida vivida em comunhão com Cristo. Conforme sugere Colossenses 2.6-7, a gratidão cresce em virtude de estarmos arraigados e edificados em Cristo. Permanecendo nele, vendo seu poder operando em nós e por nosso intermédio, invocando-o quanto às nossas necessidades e experimentando sua provisão, responderemos com ações de graça. Como qualquer outro traço do caráter piedoso, a gratidão resulta do ministério do Espírito Santo em nosso coração. Ele nos dá um espírito agradecido, e isto ele faz mediante nossa comunhão com Cristo.

Embora a atitude de gratidão seja obra do Espírito Santo, ela também resulta de esforço de nossa parte: Devemos cultivar o hábito de sempre dar graças a Deus por tudo (Efésios 5.20). Um modo de fazer isto é ampliar nossa expressão de agradecimento à

hora das refeições a fim de incluir outras bênçãos além do alimento que está perante nós. Outra forma é terminar o dia com momentos de ações de graça. O Salmo 92.1-2, diz: “Como é bom render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã o teu amor leal e de noite a tua fidelidade”. Ao levantar-nos de manhã, podemos agradecer a Deus o seu amor, que nos é assegurado no decorrer do dia, e ao deitar-nos, agradecer-lhe as demonstrações específicas de sua fidelidade durante o dia.

Outra ajuda prática é anotar os pedidos de oração que fazemos a Deus; depois manter os pedidos respondidos em nossa lista até que percebamos que demos suficientes graças a Deus por sua resposta. Juntamente com os meus pedidos de oração escritos, também conservo uma lista de bênçãos significativas pelas quais sou sempre grato. Tento rever esta lista duas ou três vezes por semana a fim de expressar meus agradecimentos a Deus por sua bondade para comigo. Minha lista de ações de graça inclui os seguintes itens:

- a salvação
- oportunidades que tenho de crescer espiritualmente
- ter a Bíblia ao meu alcance
- a instrução e comunhão de nossa igreja
- a abundância de livros cristãos úteis
- oportunidades de ministério e serviço
- pais piedosos
- esposa piedosa
- filhos que conhecem a Cristo e estão crescendo nele
- saúde de minha família
- liberdade política
- provisão para as necessidades da família.

Pode ser que sua lista de ações de graça não inclua todos os itens da minha, mas é provável que incluirá outros. O importante é fazer a lista, e depois usá-la. Separe um período somente para

agradecer a Deus as bênçãos dessa lista, bem como as bênçãos de natureza mais passageira.

As ações de graça devem também fazer parte regular de nossa hora de oração intercessora. Parece que Paulo sempre fazia isto. Em suas cartas ele faz frequentes declarações tais como: “Sempre agradecemos a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vocês” (Colossenses 1.3). Mais adiante, nessa carta, ele instrui os colossenses: “Dediquem-se à oração, estejam alerta e sejam agradecidos” (4.2). Quando oramos sem dar graças, empobrecemos nossa própria alma e tornamos nossas orações ineficazes.

Juntamente com os passos práticos para cultivar uma atitude de gratidão e o hábito de dar graças, é preciso que nos lembremos do lugar da Palavra de Deus e da oração no desenvolvimento de traços do caráter piedoso. Um coração não agradecido (como é o nosso por natureza) deve ser transformado pela renovação da mente. Esta transformação é obra do Espírito Santo à medida que enchemos a mente com a Palavra de Deus. Volto a incentivar o leitor no sentido de memorizar versículos-chave sobre ações de graça, usando as passagens citadas neste capítulo ou outras de sua preferência. Enquanto medita nesses versículos, peça a Deus que lhe dê uma verdadeira atitude de ações de graça, de sorte que você, também, possa fazer como o leproso que voltou para dar graças a Deus.

9. ALEGRIA

Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

ROMANOS 14.17

Durante alguns anos a virtude da alegria não foi muito evidente em minha vida nem muito elevada em meu sistema de valores. No que concernia a Romanos 14.17, eu me considerava um homem de paz e achava estar seguindo a justiça ética referida nessa passagem. Mas na realidade eu não pensava muito na importância que Deus dá ao fruto da alegria.

Então, um dia, lendo o capítulo 14 de Romanos, compreendi que Deus não se contentava que tivéssemos apenas justiça e paz. Paulo diz com muita clareza que o reino de Deus não é uma questão somente de justiça e paz, mas também de alegria. Além do mais, aprendi, no versículo 18, que sem alegria minha vida não era realmente agradável a Deus.

A verdade é que só os cristãos têm motivo de alegria, por isso todo cristão *deveria* ser alegre.

A verdadeira alegria cristã é, ao mesmo tempo, privilégio e dever. Jesus disse: “Eu vim para que [as ovelhas] tenham vida, e a tenham plenamente” (João 10.10). Ele veio para que nossa vida fosse cheia de alegria. Duas vezes em sua conversa com os discípulos na noite em que foi traído, Jesus referiu-se à alegria que ele desejava que tivessem. Ele fez tudo para possibilitar-nos ter vidas alegres.

Mas não devemos ficar à espera de que as circunstâncias nos façam alegres. Foi-nos *ordenado* regozijar-nos sempre (1 Tessalonicenses 5.16). Devemos alegrar-nos sempre (Filipenses 4.4). Paulo dá ênfase à alegria: “Novamente direi: alegrem-se!”. Como os demais traços de caráter que temos examinado, a alegria

não é uma opção ao alcance apenas daqueles cujo temperamento induz a ela. É intenção de Deus que todos os seus filhos exibam o fruto da alegria.

Não basta, porém, ser alegre; devemos crescer continuamente em alegria. É uma contradição que o cristão professe ser filho do único Deus, que criou o universo e o governa para sua glória e para o bem do seu povo, e mostre um semblante triste. Como diz John W. Sanderson: “É ateísmo prático, porque ignora a Deus e seus atributos”.^[21]

Não obstante, se formos honestos, muitos de nós admitiremos que a vida, com frequência, nada tem de alegre. Parece, muitas vezes, que na melhor das hipóteses, a vida é maçante, e na pior das hipóteses, é cheia de ansiedade, conflitos e tensão. Que é que bloqueia a alegria em nossa vida?

Pedras de tropeço

Um dos obstáculos mais comuns à alegria é o *pecado*, ou atitudes pecaminosas. A alegria cristã é a que gozamos em Deus, fruto da comunhão com ele. O pecado, obviamente, interrompe essa comunhão e o gozo da presença divina. Confessando Davi o seu pecado de adultério com Bate-Seba, ele orou: “Devolve-me a *alegria* da tua salvação” (Salmo 51.12).

O Salmo 32.3-4 descreve vividamente a falta de alegria de Davi ao agonizar por seu pecado. Se não sentimos alegria, convém examinar nosso coração e nossa vida. Estamos fazendo ou fizemos algo desagradável a Deus, que temos de confessar e abandonar? Ou, como muitas vezes se dá o caso, estamos presos a alguma atitude pecaminosa tal como inveja ou ressentimento, ou a um espírito crítico e irreconciliável? O fruto da alegria não pode existir quando tais atitudes nos controlam o coração. Todo pecado, seja por atitude ou ação, deve ser eliminado se quisermos exibir a virtude da alegria.

Outra pedra de tropeço no caminho da alegria é a *confiança mal colocada*. Paulo disse aos cristãos filipenses: “Alegrai-vos no Senhor” (3.1). A seguir ele deixou claro que o contrário de alegrar-se

no Senhor é confiar na carne, em nossas boas obras ou realizações religiosas. Para os crentes contemporâneos de Paulo era o legalismo judaico. Para nós, hoje, podem ser disciplinas pessoais tais como uma hora devocional regular, um consistente programa de memorização de textos bíblicos, ou a fidelidade no testemunho aos não crentes. Seja lá qual for, se nossa fonte de confiança é alguma coisa que não Jesus Cristo e sua graça, trata-se de uma falsa e muitas vezes interrompida alegria. Como diz Sanderson, “mesmo o êxito no trabalho do Senhor é uma cana quebrada se nossa segurança depende dela”.^[22]

Se quisermos ter alegria consistente, nossa atitude deve ser aquela expressa nas palavras do velho hino:

Em nada ponho a minha fé;
Senão na graça de Jesus;
No sacrifício remidor,
No sangue do bom Redentor.

No relato que Lucas faz dos setenta que Jesus enviou a pregar, ele diz que regressaram possuídos de alegria, dizendo: “Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome”. Jesus respondeu: “Contudo, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque seus nomes estão escritos nos céus” (10.17-20). Não parece que Jesus estava desestimulando a alegria no ministério, mas acautelando contra a base de a alegria estar no êxito do ministério. O êxito do ministério vem e passa, mas nossos nomes estão escritos no céu para sempre. As circunstâncias desta vida levantam-se e caem, mas a certeza de estar com Cristo um dia é imutável. É neste fato que nossa alegria deve fundar-se.

Já me referi, anteriormente, ao livro *A busca da santidade*, que tive o privilégio de escrever há alguns anos. Deus tem abençoado o ministério desse livro muito além de minhas expectativas, e ele o tem feito puramente por sua graça. Às vezes me sinto como o menino que deu a Jesus os cinco pães e dois peixinhos, e ficou a observar, com total espanto, como Jesus os usou para alimentar cerca de cinco mil homens. Embora eu me regozije com o que Deus tem feito por intermédio desse livro, a

razão fundamental de minha alegria não deve estar nele e no seu ministério, mas no fato de ter meu nome escrito no céu.

Talvez você ache que não tem muito que mostrar de sua vida. Você não escreveu um livro, não tem visto pessoas virem a Cristo pelo seu testemunho, não fez nada que pareça significativo. Mas está seu nome escrito no céu? Se está, você tem tanto motivo para alegrar-se como o mais renomado e bem-sucedido cristão. Nada que façamos pode comparar-se com o fato de termos nossos nomes escritos no céu. O mais humilde cristão, assim como o mais famoso, estão juntos nessa base comum.

Uma terceira área que pode fazer calar a alegria em nossa vida é o *castigo* ou *disciplina* que Deus muitas vezes administra a seus filhos. A Bíblia diz: “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza” (Hebreus 12.11). A disciplina nunca é uma experiência alegre; e não pretende ser, pois do contrário não alcançaria os resultados visados.

Se perdemos de vista esses resultados, ou achamos que não a merecemos, a disciplina pode levar à autocompaixão. John Sanderson novamente nos proporciona uma valiosa compreensão do relacionamento que há entre disciplina e alegria, ao dizer:

Se ao menos soubéssemos quão maus nós somos, de bom grado receberíamos o castigo, porque este é o modo que Deus usa para livrar-nos do pecado e seus hábitos. Porém nos ressentimos do castigo porque não podemos crer que tenhamos feito algo digno dele. [\[23\]](#)

O segredo de manter a aparência de alegria em meio à disciplina é lembrar-nos de que “o Senhor disciplina a quem ama”, e que, “mais tarde, porém, [a disciplina] produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados” (Hebreus 12.6 e 11).

Passar por provas de fé é o quarto obstáculo à alegria. As provas, cujo propósito é exercitar a fé, e não eliminar o pecado em nossa vida, diferem da disciplina. Em sua infinita sabedoria, Deus permite as provas a fim de desenvolver a perseverança em

nós e levar-nos a depositar nossas esperanças na glória que ainda está para ser revelada.

As provações podem vir de muitas formas: problemas importunos de saúde, contratempos financeiros, crítica e rejeição, perseguição aberta etc. Seja qual for a forma que a provação assuma, e por severa que seja, a intenção é o fortalecimento do nosso caráter. Certa vez li numa placa à entrada de uma praça de esportes: “Sem penar, nada se consegue”. Para os levantadores de peso que entravam por essa porta, a mensagem era clara. Sabiam que tinham de suportar a agonia de erguer mais do que seus músculos podiam aguentar se quisessem aumentar a resistência. Dá-se o mesmo com a fé. Nossa fé e perseverança só podem crescer sob a dor da provação.

Amiúde, nossa reação às provações é como a de Jó. No começo da provação ele reagiu de modo positivo: “O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor” (Jó 1.21). Mas à medida que o tempo passava e as provações, agravadas pelas falsas acusações dos amigos, continuavam, sua fé e paciência se esgotaram. Finalmente, ele viu-se reduzido a dizer: “De nada aproveita ao homem o comprazer-se em Deus” (34.9, ARA). Todavia, embora sua fé se tenha esgotado, não aconteceu o mesmo com a fidelidade divina. Ele permaneceu com Jó até que este aprendeu a lição da soberania de Deus, e então deu a Jó o dobro do que ele possuía antes.

A fidelidade divina também deve servir-nos de consolo nos momentos de provação. “Embora ele [o Senhor] traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é o seu amor infalível” (Lamentações 3.32).

Passos práticos

Antes de considerarmos quaisquer dos passos práticos que podemos dar para cultivar um espírito alegre, lembremo-nos de que a alegria é fruto do Espírito, resultado de seu ministério em nosso coração. Paulo disse, na carta aos Romanos: “Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele,

para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo” (15.13). É mediante o Espírito Santo que gozamos a alegria da salvação e recebemos o poder de regozijar-nos mesmo no meio de provações.

O Espírito Santo usa sua Palavra para criar alegria em nosso coração. O capítulo 15 de Romanos contém uma interessante ligação entre Deus e as Escrituras. O versículo quatro desse capítulo fala da paciência e da consolação das Escrituras; o versículo cinco diz que Deus concede paciência e consolação. Não deve surpreender-nos o fato de que Deus conceda paciência e consolação. Ele é a fonte; as Escrituras são os meios. A mesma verdade aplica-se à alegria. O versículo 13 fala do Deus da esperança enchendo-nos de alegria e paz quando cremos nele. Como esperar que Deus nos encha de alegria e esperança? A resposta razoável é: por meio da consolação das Escrituras.

Quando experimento a disciplina do Senhor, a passagem de Hebreus 12.6, que diz “O Senhor disciplina a quem ama”, tem sido uma fonte de consolo e um meio de restituir-me a alegria. Quando certa vez passei por algo que era para mim uma provação um tanto severa, o Salmo 50.15 se tomou uma fonte de conforto: “Clame a mim no dia da angústia; eu o livrarei, e você me honrará”. Noutra ocasião, quando achei que meu futuro parecia sombrio, pude regozijar-me no Senhor pela certeza de Jeremias 29.11: “‘Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês’, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro’”.

Essas são palavras que o Espírito Santo usa para promover a alegria em nosso coração. Contudo, para que ele use as Escrituras, é preciso que elas estejam em nosso coração mediante a leitura regular delas e a meditação nas suas palavras. Esta é nossa responsabilidade, além de ser um meio prático para demonstrar o fruto da alegria.

Será que a Palavra nos assiste sempre em tempos de necessidade? Não há ocasiões em que as Escrituras nos parecem estéreis e sem vida, de todo impotentes para suscitar o espírito de alegria em face de duras provações? Sim, há essas ocasiões, mas

devemos lembrar-nos de que o Espírito Santo é quem nos consola e nos dá poder para regozijar-nos. Sua Palavra não passa do instrumento de que ele se vale. Ele opera quando e como lhe apraz, por isso devemos buscá-lo com fé e paciência para vivificar sua Palavra e aplicá-la ao nosso coração.

Lembro-me bem de uma ocasião em que nossa família lutava com uma série de contratempos financeiros. Era um problema após o outro: ferimentos, tratamento hospitalar de emergência, aparelhos enguiçados no lar e frequentes consertos de automóvel. A última gota foi quando o carro enguiçou numa viagem e tivemos de deixá-lo para conserto numa oficina desconhecida durante quatro dias. Admitindo o pior, perdi todo o senso de alegria no Senhor porque me estava concentrando nas circunstâncias em vez de concentrar-me nele. Mas em dado momento, durante esses quatro dias, o Espírito Santo capacitou-me a descansar na promessa de Romanos 8.28. Deus estava no controle e operava nessas circunstâncias para o meu bem. Esse versículo me era familiar havia muito tempo, mas só me foi útil depois que o Espírito Santo o aplicou ao meu coração e deu-me poder para crer nessas palavras.

Assim, vemos de novo o princípio exposto no capítulo cinco: somos responsáveis e ao mesmo tempo dependentes. Eu era responsável por exibir o fruto da alegria durante aquele tempo de reveses financeiros, mas dependia por completo do Espírito Santo quanto ao poder para fazê-lo. Porém, ao recorrermos a ele, lembremo-nos de que o propósito de regozijar-nos não é para que nos sintamos melhor emocionalmente (embora isto venha a acontecer). O propósito da alegria é glorificar a Deus, demonstrando a um mundo incrédulo que nosso Pai celestial, amoroso e fiel, cuida de nós e supre todas as nossas necessidades.

Vamos dar agora algumas medidas práticas e específicas para termos alegria na vida: uma medida óbvia é: *Confessar e abandonar o pecado*. Já me referi à falta de alegria, ou forte espírito de opressão, que Davi sentiu por não eliminar o seu pecado (Salmo 32.3-4). Mas ao confessar ele o pecado, houve uma interessante progressão em seus pensamentos, partindo do livramento da culpa

e indo até à fé no livramento divino, ao testemunho do amor infalível de Deus, ao regozijo e cântico (veja vv. 5-11).

Para mim, o perdão divino é sempre uma fonte de surpresa. Parece incrível que a despeito de repetidos pecados, se os confessarmos, Deus é fiel e justo para perdoá-los. E a contínua fidelidade divina para perdoar-me e restaurar-me à sua comunhão é, para mim, uma fonte de alegria. Estou pronto para cantar, como o fez Davi.

A segunda medida específica para produzir alegria é: *Confiar em Deus*. Romanos 15.13 fala de Deus enchendo-nos de gozo e paz quando cremos nele. É Deus quem está por trás de sua Palavra. As promessas da Bíblia nada mais são do que o pacto divino de ser fiel ao seu povo. Seu caráter é que torna válidas tais promessas. Lembro-me de um amigo que, no meio de uma grande provação, não encontrava consolo nas Escrituras. Pediu a Deus algumas palavras de consolação, e nada de recebê-las. Por fim, concluiu que embora as promessas das Escrituras lhe parecessem mortas, ele podia confiar no caráter divino. Deus enche-nos de alegria quando confiamos nele.

Considere a declaração espantosa de Romanos 8.28, de que em todas as coisas Deus opera para o bem dos que o amam. Essa declaração é verdadeira, quer creiamos nela quer não. Nossa fé, ou falta de fé, não determina a operação divina. Ele opera em todas as circunstâncias da vida para proporcionar-nos o bem, ainda que nunca tenhamos ouvido falar de Romanos 8.28. A obra divina não depende de nossa fé. Mas o consolo e a alegria que essa declaração tenciona dar-nos dependem de cremos e confiarmos naquele que opera, muito embora não possamos ver o resultado dessa operação. Deus nunca explicou a Jó o motivo de suas provações. Ele simplesmente levou-o ao ponto em que este confiou em Deus sem nenhuma explicação.

Outro recurso para se ter alegria é: *Tenha da vida uma visão de longo alcance*. As Escrituras afirmam repetidas vezes que o ponto focal de nossa alegria deve ser a esperança da eterna herança que nos aguarda em Jesus Cristo e a revelação final de sua glória. Considere, por exemplo, as seguintes passagens:

Nisso [a esperança] vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. (1 Pedro 1.6)

E nos gloriamos na esperança da glória de Deus. (Romanos 5.2)

Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno. (2 Coríntios 4.18)

E aceitaram alegremente o confisco dos próprios bens, pois sabiam que possuíam bens superiores e permanentes. (Hebreus 10.34)

Ter uma visão de longo alcance é regozijar-nos porque nossos nomes estão escritos no céu; é regozijar-nos no Senhor, em quem somente temos a esperança de uma herança eterna que supera de muito quaisquer dificuldades que estejamos enfrentando. Ter uma visão de longo alcance é seguir o exemplo do próprio Jesus que, “pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus” (Hebreus 12.2).

O quarto passo para a alegria é: *Em tudo dar graças a Deus* (1 Tessalonicenses 5.18). Isto se refere, naturalmente, tanto às circunstâncias agradáveis como às desagradáveis. Devemos ser gratos todo o tempo. Não quer isso dizer que devemos ser gratos *por* uma circunstância difícil, considerada em si mesma. Devemos, porém, dar graças *em qualquer* situação, boa ou má. Devemos ser gratos porque Deus está operando nessa situação para nosso bem. Devemos ser gratos pelos livramentos de provas passadas. Devemos ser gratos porque, na presente provação, Deus não permitirá uma carga maior do que podemos suportar, e que sua graça é suficiente para que a suportemos. Ao dar graças a Deus, começaremos a sentir uma vez mais a alegria que é nossa herança em Cristo.

Frutos da alegria

Um dos resultados dessa alegria é que ela agrada a Deus (Romanos 14.17-18). Se Cristo veio para que tivéssemos alegria (vida plena); se o Espírito Santo está operando em nós para produzir alegria, então estamos contraditando o propósito de Deus para nós quando não estamos alegres. Por certo, algumas pessoas são, por natureza, mais alegres do que outras, mas os cristãos devem exibir um conjunto equilibrado das virtudes do caráter cristão, seja qual for seu temperamento. Devemos buscar a Deus e aplicar os recursos que ele nos deu até que possamos alegrar-nos sempre no Senhor.

O segundo resultado da alegria é que somos fortalecidos física, emocional e espiritualmente. Neemias disse aos que retornaram do exílio: “Não se entristeçam, porque a alegria do Senhor os fortalecerá” (8.10). Sanderson pergunta: “Quanto de nossa fraqueza física, apatia e enfermidade provavelmente se deve a um espírito pesado?”.^[24] Tenho sentido a relação direta da força física com a alegria em meu programa de exercício pessoal. Quando me regozijo no Senhor, sinto que a força está presente, e o exercício de correr, ou qualquer outro, é muito mais fácil. Se me desanimo, parece que perco a energia.

O que é verdade no domínio físico ou no emocional, é também no espiritual. Lembro-me de uma manhã entrar na sala para começar minha hora devocional. Pouco antes disso eu estivera pecando por alimentar pensamentos de mágoa contra um irmão em Cristo. Quando ia ajoelhar-me, veio-me este pensamento: “Você não pode entrar na presença de Deus nessas condições”. Pensando em Hebreus 10.19-22, eu disse: “Senhor, reconheço meu pecado; é verdade, não posso entrar em tua presença por meus próprios méritos. Venho pelo único caminho: por meio do sangue de Jesus”. Ao proferir essas palavras (e crer nelas), pensei: “Que coisa maravilhosa! Eu, um pecador, que havendo consentido no pecado de ressentimento, posso, pelo sangue de Jesus, chegar à presença

de um Deus santo”. Depois pensei: “Isso não é tudo! Não só posso chegar à sua presença; posso, também, chamá-lo de Pai”.

Esse pequeno episódio mudou o meu dia. Mudou-me de uma pessoa desanimada, ressentida, para uma pessoa alegre, perdoada. A alegria do gracioso perdão de Deus capacitou-me a arrancar pela raiz aquele ressentimento. A alegria dá força espiritual. A alegria de descobrir a suficiência da graça de Deus capacitou Paulo a gloriar-se nas fraquezas, nas injúrias, nas dificuldades (2 Coríntios 12.9-10).

Portanto, a escolha é nossa. Podemos ser cristãos sem alegria, ou cristãos alegres. Podemos passar pela vida aborrecidos, mal-humorados e queixosos, ou podemos alegrar-nos no Senhor, no fato de nossos nomes estarem escritos no céu, na esperança de uma herança eterna. Temos o privilégio e ao mesmo tempo o dever de ser alegres. Não ter alegria é desonrar a Deus, negar seu amor e seu controle sobre nossa vida. É ateísmo prático. Ser alegre é sentir o poder do Espírito Santo em nós, e dizer a um mundo que nos observa: “Nosso Deus reina”.

A alegria é fruto do Espírito. É resultado de sua obra, mas também é algo que devemos praticar. Devemos, pelo poder de Deus, regozijar-nos. Isto faz parte do exercício da piedade.

10. SANTIDADE

Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nele não há treva alguma.

1 João 1.5

A manifestação exterior da piedade é um caráter semelhante ao de Deus. Embora seja este caráter que geralmente consideramos como piedade, conforme vimos nos capítulos anteriores, a semelhança com o caráter de Deus edifica-se sobre o fundamento da centralidade de Deus: devoção e ele.

Se quisermos desenvolver caráter piedoso, temos de aprender o que a Bíblia diz sobre o caráter do próprio Deus. O apóstolo João faz duas declarações acerca de Deus, que, juntas, resumem a revelação bíblica do caráter divino: “Deus é luz” (1 João 1.5) e “Deus é amor” (1 João 4.8). O crente que deseja exercitar-se na piedade deve entender o significado dessas declarações a respeito do caráter de Deus e assimilar seus ensinamentos na vida diária.

Que é que João pretendia dizer sobre o caráter de Deus ao declarar que “Deus é luz”? O professor Howard Marshall explica: “Duas noções se associaram com Deus como luz. Uma, a de revelação e salvação... a outra, a de santidade; a luz simboliza a absoluta perfeição de Deus”.^[25] Em 1 João 1.5, o que se tem em mira é a ideia da santidade divina. Ele é absolutamente santo, nele não há o mais leve indício de qualquer falha moral. Há um sabonete muito conhecido que é anunciado como sendo “99,44% puro”. Conquanto possa ser uma estupenda realização para um sabonete, seria uma afirmativa blasfema em se tratando de Deus. Ele é infinitamente perfeito em sua santidade. Nem o mais leve grau de pecado lhe macula o caráter.

Ser semelhante a Deus em caráter é, pois, acima de tudo, sermos santos. O exercício da piedade abrange a busca da santidade, porque Deus disse: “Sejam santos, porque eu sou santo” (1 Pedro 1.16). Paulo diz que fomos chamados para uma vida santa;

fomos redimidos para essa finalidade. Qualquer cristão que não esteja ardentemente buscando santidade em todos os aspectos da vida está desmentindo o propósito de Deus em salvá-lo.

Que é a santidade? A melhor definição prática que já ouvi, diz simplesmente: “sem pecado”. Essa declaração foi feita acerca da vida do Senhor Jesus na terra (Hebreus 4.15), e deveria ser esse o alvo de todos aqueles que desejam ser piedosos. Admitamos: jamais atingiremos esse alvo na presente vida; não obstante, deve ser nosso alvo supremo e objeto de nossos mais ardentes esforços e orações.

João disse que escreveu a primeira carta para que seus leitores não pecassem (1 João 2.1). A maioria dos cristãos parece contentar-se em não pecar muito, mas o alvo de João era que não pecássemos de maneira nenhuma. Todo pecado, não importa quão pequeno possa parecer-nos, é uma afronta à autoridade de Deus, um desrespeito à sua lei, um repudio de seu amor. Daí que não se pode tolerar o pecado em nenhuma forma, em nenhum grau. Essa mentira que não traz “maiores consequências”, esse “bocadinho de desonestidade”, esse ar fugaz de sensualidade, ofende ao Deus santo e guerreia contra nossa própria alma (1 Pedro 2.11).

Ao instruir Timóteo acerca de seu procedimento com as mulheres jovens, Paulo disse-lhe que as tratasse “como a irmãs, com toda a pureza” (1 Timóteo 5.2). Todo pensamento, olhar e atitude para com elas devia ser condicionado por um perfeito padrão de santidade: toda a pureza. Ao instruir os cristãos efésios sobre a importância da santidade, Paulo disse: “Assim, eu lhes digo, e no Senhor insisto, que não vivam mais como os gentios” (Efésios 4.17). Ele *insistia* na santidade, e o fazia com a autoridade do Senhor. A santidade não é uma opção mas um dever de todo crente.

Até mesmo os mais piedosos cristãos falham na busca da santidade. Diz o apóstolo João: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1 João 1.8). Ainda temos dentro de nós uma natureza pecaminosa, e ainda vivemos num mundo quebrado, influenciado por um diabo maligno. A tentação ronda por todos os lados, e nossa velha natureza se rende a ela. Mas qual é o desejo de nosso coração?

Qual é o objeto de nossas mais fervorosas orações? Qual é a principal tendência de nossa vida? Se desejamos exercitar-nos na piedade, deve ser santidade em todas as áreas de nosso viver.

Todavia, sejamos específicos. Quando Paulo exortou os cristãos efésios a uma vida de santidade, a deixar de viver como os gentios, ele referiu-se a três áreas gerais de moralidade: honestidade (recusar-se a mentir, furtar ou enganar de qualquer maneira); índole pacífica (livre de amargura, ira ou desavença de qualquer natureza); e pureza (nem mesmo insinuação de imoralidade sexual na palavra, no olhar, no pensamento ou na ação).

Reconhecemos a necessidade de andarem os cristãos com toda prudência em todas essas áreas. Reconhecemos, ao mesmo tempo, que cada vez mais, é difícil fazê-lo. Honestidade e pureza já não são elementos essenciais de nossa cultura. Mentir, trapacear e furtar tornaram-se lugar-comum nos negócios, na educação, nos esportes. A imoralidade sexual já não constitui problema; é prática aceita em quase todas as áreas da sociedade. O índice de divórcio, que é altíssimo, e a sociedade litigiosa (tendência para recorrer aos tribunais) são sintomas de quanto necessitamos de pacatez.

Os cristãos contemporâneos de Paulo viviam no mesmo tipo de sociedade; é possível que fosse até pior. Paulo disse dos incrédulos de Éfeso: “Tendo perdido toda a sensibilidade, eles se entregaram à depravação, cometendo com avidez toda espécie de impureza” (Efésios 4.19). A situação não podia ter sido pior na cultura em que viviam os cristãos do primeiro século. Entretanto, no meio de impiedade tão grosseira, os cristãos deviam despojar-se dos traços de sua natureza pecaminosa e revestir-se dos traços de justiça e santidade.

Deus não espera menos de nossa parte hoje em dia. Nossa responsabilidade de buscar a santidade, mesmo numa sociedade pervertida, é tão grande quanto era a dos cristãos do primeiro século. E a situação fica mais difícil a cada ano que passa; as tentações parecem mais numerosas; a zombaria que os ímpios fazem dos que procuram viver piedosamente torna-se mais abusiva.

Contudo, ainda somos chamados a ser santos porque ele é santo. Não podemos, e não devemos, evitar o padrão de Deus para nós.

Como buscar a santidade? Algum tempo atrás ouvi um professor de uma faculdade de teologia contar de um amigo que frequentemente escrevia, nas margens dos livros que estava lendo, as letras “SMC”. Indagado sobre o que representavam, ele respondeu: “Concordo com o desafio do autor no sentido de levar uma vida cristã mais regular, porém meu coração diz: ‘Sim, mas como?’”. É possível que alguns dos leitores façam a mesma pergunta a respeito da santidade: “Sim, mas como?”.

Já fiz referência, em páginas anteriores, ao privilégio que Deus me concedeu de descrever um livro sobre santidade. Isso foi há alguns anos, e desde sua publicação tenho tido muitas oportunidades de falar sobre o tema, muitas vezes numa única mensagem de quarenta e cinco minutos. Devido à necessidade de abranger assunto tão vasto num tempo limitado, tenho dado muita atenção ao que penso serem os elementos mais essenciais da santidade. Podem ser resumidos em cinco palavras: convicções, compromisso, disciplina, dependência, desejo.^[26]

CONVICÇÕES: CONHECIMENTO DA VERDADE

Na passagem que vimos considerando no capítulo 4 de Efésios, Paulo diz: “[Sejam] renovados no modo de pensar”. Aos cristãos de Roma ele escreveu: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente” (Romanos 12.2). Este processo de renovar a mente implica firmes convicções. Quando lemos as Escrituras em espírito de oração, começamos a entender qual é a vontade de Deus com vistas à nossa conduta e ao nosso caráter. Depois, à medida que o Espírito Santo aplica sua Palavra a áreas específicas de nossa vida, e à medida que obedecemos aos seus impulsos, começamos a formar convicções baseadas na Bíblia. Nossos valores começam a mudar, de sorte que o padrão de Deus passa a ser nosso deleite e nosso desejo.

Basta que, em espírito de oração, meditemos sobre o que diz Efésios 4.25-5.7, por exemplo, para percebermos que Deus

estabeleceu padrões muito claros com referência à honestidade, concórdia e pureza. Contudo, à medida que progredimos na vida cristã, começamos a compreender mais e mais a extensão desses padrões. A princípio podemos convencer-nos de mentira grosseira; mais adiante, percebemos que a veracidade no falar com o nosso próximo exclui toda intenção de enganar direta ou indiretamente; depois o Espírito Santo nos convence das mentiras “brancas” ou mentiras sociais proferidas para salvar as aparências ou evitar embaraços a alguém.

Cada ano que nos exercitamos na piedade o Espírito Santo continua a renovar-nos a mente, dando-nos cada vez compreensão maior de sua Palavra e poder para desenvolvermos convicções que se conformem cada vez mais à sua vontade. Sem tais convicções, baseadas na Bíblia, e desenvolvidas pelo Espírito, facilmente nos tornamos presa de convicções de feitura humana, que tendem para um de dois extremos. Num destes, um código estrito e legalista de “proibições” que muitas vezes deixa de lado os problemas mais importantes do caráter cristão; no outro extremos está uma permissividade frouxa que com demasiada frequência se conforma aos valores e costumes do mundo.

Cada ano que nos exercitamos na piedade o Espírito Santo continua a renovar-nos a mente, dando-nos cada vez compreensão maior de sua Palavra e poder para desenvolvermos convicções que se conformem cada vez mais à sua vontade. Sem tais convicções, baseadas na Bíblia, e desenvolvidas pelo Espírito, facilmente nos tornamos presa de convicções de feitura humana, que tendem para um de dois extremos. Num destes, um código estrito e legalista de “proibições” que muitas vezes deixa de lado os problemas mais importantes do caráter cristão; no outro extremo está uma permissividade frouxa que com demasiada frequência se conforma aos valores e costumes do mundo.

O único caminho seguro é permitirmos que o Espírito Santo estabeleça convicções mediante sua Palavra. Todavia, mesmo com relação a este caminho, precisamos ser cuidadosos para não firmar convicções sobre um entendimento errôneo de algum texto isolado das Escrituras. É neste ponto que o discernimento de outros cristãos

pode ajudar-nos. Um dos valores dos grupos de estudo bíblico é a oportunidade que nos oferecem de verificarmos a compreensão e a aplicação das Escrituras que temos em face do pensamento de outros crentes. Pastores e professores piedosos, que têm elevado discernimento da Bíblia, podem ajudar-nos a entendê-la corretamente. Paulo declarou que uma parte de sua vocação era ajudar o povo de Deus a crescer no conhecimento da verdade divina que conduz à piedade.

Neste ponto é que começa a santidade: com o conhecimento da verdade que renova nosso entendimento e nos capacita a compreender como Deus quer que vivamos.

COMPROMISSO COM A OBEDIÊNCIA

Alguém disse: “Crença é aquilo que você segura; convicção é aquilo que segura você”. Uma convicção não será verdadeira se não incluir um compromisso de viver de acordo com o que a pessoa alega crer. Compromisso não é um voto, mas uma resolução, um propósito de viver segundo a Palavra de Deus, à medida que ele a aplica à vida da pessoa. Primeiro, precisamos comprometer-nos com a santidade como um meio de vida total. É preciso que sintamos que a santidade é tão importante para Deus que ela merece atenção prioritária em nossa vida. Precisamos comprometer-nos a obedecer a todos os mandamentos de Deus. Não podemos fazer uma seleção de acordo com nossos próprios valores. Dourar um bocadinho a pílula da declaração de imposto de renda para obter maior restituição é pecado igual ao furto; um espírito irreconciliável para com alguém é tão pecado quanto o assassinio. Não estou sugerindo que todo pecado é de igual modo ofensivo a Deus; o que estou dizendo é que *todo* pecado é ofensivo a Deus. A medida do pecado não é apenas o seu efeito sobre nosso próximo, mas também sua afronta à majestade e santidade de um Deus soberano.

O pecado é um negócio sério para Deus, e se torna um negócio sério para nós quando refletimos no fato de que todo pecado, não importa quão aparentemente insignificante nos pareça, é expressão de desprezo à soberana autoridade de Deus. Nada há que me motive tanto no sentido de uma confissão sincera de pecado

e de séria resolução de apartar-me dele, como a reflexão sobre o fato de que o pecado, qualquer que seja o grau, é uma afronta à dignidade divina e uma rejeição de sua lei.

O salmista reconheceu a gravidade de todo e qualquer pecado, ao dizer: “Tu mesmo ordenaste os teus preceitos para que sejam fielmente obedecidos” (Salmo 119.4). Ele reconhecia que a obediência parcial, por exemplo, refrear-se alguém do furto aberto da propriedade alheia enquanto permite que o coração a cobice é, na realidade, desobediência. Os preceitos de Deus devem ser cumpridos à risca. E, no Sermão da Montanha, Jesus ensinou claramente que é tão necessário mostrarmos obediência no que pensamos quanto no modo de agirmos.

A reação do salmista, ao reconhecer a gravidade de todo pecado foi fazer um compromisso de obediência. Ele deseja que seus passos sejam firmes em obedecer aos preceitos de Deus (v. 5). Ele chega a jurar que guardará os retos juízos divinos (v. 106). Ele solidificou suas convicções acerca da vontade de Deus com um compromisso de obedecer a ela.

Precisamos não apenas de um compromisso com a santidade como um estilo de vida total, mas com frequência de um compromisso com vistas a áreas específicas de tentação. Jó fez uma aliança pessoal de não olhar sensualmente para uma donzela (31.1). Daniel resolveu não contaminar-se com alimento proibido, ainda que viesse da mesa do rei (1.8). Esses santos do Antigo Testamento são elogiados pelo próprio Deus como dois dos mais justos que já viveram (Ezequiel 14.14); não obstante, ambos julgaram necessário assumir compromisso com vistas a alguma área específica de tentação. Jó descobriu a tentação em seu próprio íntimo; Daniel a encontrou em suas circunstâncias particulares. Ambos responderam com o compromisso de obedecer a Deus. Viveram à altura de suas convicções.

A DISCIPLINA DAS ESCOLHAS

O terceiro dos cinco elementos fundamentais da santidade é a disciplina das escolhas diárias. Já examinamos, no capítulo cinco, as graves consequências das escolhas diárias; com o tempo,

revelamos aquilo que somos. A fim de experimentarmos a santidade para a qual Deus nos chama, é preciso que aprendamos a fazer a escolha certa em face de cada tentação específica. Paulo disse que a graça de Deus educa-nos para que reneguemos a impiedade e as paixões mundanas (Tito 2.11-12). Embora seja provável que ele se referisse a uma atitude geral para com o pecado, e dessa forma renunciar a ela como estilo de vida, acho útil tomar a mesma atitude para com ocorrências específicas de tentação. Vou até mais longe para verbalizar (suavemente ou para mim mesmo) um firme *não*, ao mesmo tempo que profiro uma oração pedindo a ajuda do Espírito Santo para levar essa escolha até ao fim.

Em Romanos 8.13, Paulo diz que mortifiquemos as más ações do corpo. Realizamos isto pelas escolhas que fazemos, não só dizendo “não” às tentações, mas também dizendo “sim” aos passos positivos que devemos dar em busca da santidade. Temos de exercitar-nos nas disciplinas de escolher nutrir-nos das Escrituras de sorte que nossas convicções se conformem mais e mais à vontade de Deus para nós; de escolher orar constantemente por sua graça que nos capacita a dizer “não” à tentação; de escolher tomar todas as medidas práticas para evitar conhecidas áreas de tentação e fugir daquelas que nos apanham de surpresa. Esses são alguns passos práticos que devemos dar para disciplinar-nos na santidade. Podemos facilmente ver que esta disciplina envolve nada menos do que esforço *total* para desviar-nos de todo pecado e fazer a vontade de Deus em qualquer área de nossa vida.

DEPENDÊNCIA DO ESPÍRITO

Contudo, toda vez que acentuamos a responsabilidade pessoal de ações práticas, corremos o risco de pensar que a busca da santidade depende tão-só de nossa própria força de vontade, de nossa própria força de caráter. Nada está mais longe da verdade. Somos ao mesmo tempo *pessoalmente responsáveis e totalmente dependentes* em nosso exercício da piedade. Não podemos mudar o coração; essa obra é exclusiva do Espírito Santo. Mas podemos, e devemos, valer-nos dos meios que ele usa.

Em Romanos 12.2; a ordem é para *transformar-nos* pela renovação de nossa mente. A palavra *transformar* significa “mudar interiormente”. John Murray diz: “O termo aqui usado dá a entender que estamos em contínuo processo de metamorfose, através da renovação daquilo que é a sede dos pensamentos e do entendimento”.^[27] É nada menos do que uma renovação total de nossos valores e desejos. Essa renovação é obra exclusiva do Espírito Santo. Por intermédio de seu ministério somos transformados mais e mais à semelhança de nosso Senhor. Concebe-se, pois, que mesmo uma pessoa não salva pode mudar certas ações; mas só o Espírito Santo pode transformar- nos no íntimo; só ele pode dar-nos novos valores e desejos.

É ainda o autor do Salmo 119 quem reconhece esta dependência do Espírito Santo para mudar seus pensamentos e desejos interiores. Ele ora: “Inclina o meu coração para os teus estatutos, e não para a ganância. Desvia os meus olhos das coisas inúteis; faze-me viver nos caminhos que traçaste” (vv. 36-37). Este mesmo homem que em outro lugar neste salmo expressa com tanto vigor seu senso de responsabilidade pessoal, aqui reconhece sua total dependência de Deus no que tange à obra da transformação interior. Paulo disse que havia aprendido a viver contente em toda e qualquer situação. Não havia dúvida de que ele se sentia responsável por esta mudança de atitude para com as circunstâncias variantes. Mas ele disse claramente que dependia por completo do Espírito Santo operando no seu íntimo para realizar tal mudança (Filipenses 4.11-13).

Este princípio simultâneo de responsabilidade pessoal e total dependência de Deus é um dos mais importantes princípios no exercício da piedade. Não progrediremos na piedade sem aplicação regular deste princípio em nossa vida.

UM DESEJO CENTRADO EM DEUS

O quinto elemento fundamental na busca da santidade é o desenvolvimento de um *desejo centrado em Deus*. No capítulo cinco consideramos a necessidade de uma motivação voltada para Deus no desenvolvimento de todas as graças do caráter cristão. A

necessidade de tal motivação é, contudo, especialmente importante na busca da santidade, o despojar-nos dos traços pecaminosos da velha natureza. Desejamos ser vitoriosos, seja numa partida de pingue-pongue, seja na luta contra o pecado. Desejamos sentir-nos bem com nós mesmos, e sabemos que isso não acontecerá enquanto permitirmos que algum pecado nos domine.

Parafraseando um escritor do século passado, na maioria das vezes, quando pecamos, ficamos mais aborrecidos com o rebaixamento de nossa autoestima do que tristes com a desonra divina. Ficamos irritados com nossa falta de autocontrole em sujeitar-nos a algum hábito inconveniente. Somos incapazes de suportar o desapontamento de ver-nos fracassar.

Deus não honra esses desejos centrados no ego. Este é um motivo pelo qual não experimentamos mais do seu poder capacitador nas lutas do dia a dia contra os assim chamados pecados costumeiros. Deus não nos concede poder para que possamos sentir-nos bem com nós mesmos; ele no-lo concede para que possamos obedecer-lhe por amor a ele, para sua glória. Não é errado sentir-nos bem, mas este sentimento deveria ser um subproduto da obediência motivada pelo desejo de agradar a Deus.

Já aprendemos, em capítulos anteriores, que a piedade é, antes de tudo, centralidade em Deus. Este conceito é de suma importância na área da santidade. O desejo de santidade, a motivação para buscá-la devem ser desejo e motivação que tenham Deus como centro. O desenvolvimento desta motivação centrada em Deus demanda prática ou treinamento; não acontece sem mais nem menos. Somos, por natureza, centrados no eu. Se examinarmos-nos com diligência, verificaremos que, muitas vezes, nossa motivação está centrada no eu. Devemos confessar esta falha e renunciar a ela, bem como a qualquer ato de desobediência, e então buscar uma motivação que tenha Deus como centro.

11. DOMÍNIO PRÓPRIO

Como a cidade com seus muros derrubados, assim é quem não sabe dominar-se.

PROVÉRBIOS 25.28

Nos tempos antigos os muros de uma cidade eram sua principal defesa; sem eles, a cidade era presa fácil do inimigo. Para o piedoso Neemias, judeu cativo na distante cidade de Susã, a notícia de que o muro de Jerusalém estava derribado significava a destruição final de sua amada cidade. Ouvindo ele a notícia, assentou-se e chorou.

O domínio próprio é o muro de defesa do crente contra os desejos pecaminosos que guerreiam a sua alma. Charles Bridges observou que a pessoa que não tem domínio próprio é presa fácil do invasor: “Ela se rende ao primeiro assalto de suas paixões desgovernadas, sem oferecer resistência... Não tendo controle de si mesma, a tentação se torna ocasião para o pecado, e impele-a a extensões terríveis que não havia esperado... A ira tende para o assassinio. A falta de vigilância sobre a luxúria mergulha-a no adultério”.^[28]

O domínio próprio é o controle *do* eu do indivíduo. Talvez seja melhor definido como *o governo dos desejos*. D. G. Kehl descreve-o como “a capacidade de evitar excessos, de permanecer dentro de limites razoáveis”.^[29] Bethune chama-lhe “a regulação saudável dos desejos e apetites, prevenindo seus excessos”.^[30] Ambas as descrições indicam o que todos sabemos ser verdadeiro: temos a tendência de fazer excessiva concessão aos nossos vários apetites e, por conseguinte, necessitamos restringi-los.

Todavia, o domínio próprio envolve uma área muito mais ampla de vigilância do que o mero controle de apetites e desejos corporais. Devemos, também, exercer autodomínio sobre os

pensamentos, as emoções e as conversações. Há uma forma de autodomínio que diz “sim” ao que deveríamos fazer, e diz “não” ao que não deveríamos fazer. Por exemplo, raramente *desejo* estudar a Bíblia quando começo os primeiros estudos do dia. Há um grande número de outras coisas que são mentalmente muito mais fáceis de executar, tais como ler o jornal, uma revista, ou um bom livro evangélico. Uma expressão necessária de domínio próprio é, portanto, assentar-me à mesa da sala de jantar com a Bíblia e um caderno na mão, e dizer a mim mesmo: “Comece com ela!”. Isto pode não parecer muito espiritual, mas também não o parece a exclamação de Paulo: “Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo” (1 Coríntios 9.27).

O domínio próprio é necessário porque estamos em guerra com os nossos desejos pecaminosos. Tiago diz que esses desejos atraem-nos e seduzem-nos ao pecado (1.14). Pedro afirma que eles guerreiam a alma (1 Pedro 2.11). Paulo refere-se a eles como concupiscências do engano (Efésios 4.22). O que torna esses desejos pecaminosos tão perigosos é que eles habitam nosso próprio coração. As tentações externas não seriam tão perigosas se não fosse o fato de elas encontrarem um aliado no desejo interior.

O domínio próprio é um traço essencial de caráter da pessoa piedosa, que a capacita a obedecer às palavras do Senhor Jesus: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me” (Lucas 9.23). É impossível seguir a Jesus sem dispensar diligente atenção à graça do autocontrole.

Os tradutores da Nova Versão Internacional da Bíblia empregaram a expressão *autocontrole* para traduzir duas diferentes palavras da língua original. A primeira palavra, que Paulo usou em seu rol chamado fruto do Espírito, refere-se antes de tudo à moderação ou temperança na gratificação dos desejos e apetites. Um amigo meu, ex-professor de grego, diz que ela tem o sentido literal de “força interior”, e refere-se àquela força de caráter que capacita o indivíduo a controlar suas paixões e desejos.

A segunda palavra que os tradutores da NVI traduziram por *autocontrole*, denota correção ou juízo sadio. Esta palavra traz a

ideia de permitir que o juízo sadio controle nossos desejos e apetites, nossos pensamentos, emoções e atos.

Podemos ver desde logo que essas duas ideias se complementam no significado bíblico de autocontrole. O juízo sadio capacita-nos a determinar o que deveríamos fazer e como deveríamos agir; a força interior proporciona-nos a vontade de fazê-lo. Tanto o juízo sadio como a força interior são necessários ao autocontrole dirigido pelo Espírito.

O juízo sadio é decisivo para o exercício do domínio próprio. Capacita a pessoa piedosa não só a distinguir entre o bem e o mal, mas também a separar o bem do mal. O juízo correto possibilita-nos a determinar as fronteiras da moderação em nossos apetites, desejos e hábitos; ajuda-nos a regular os pensamentos e manter sob controle as emoções.

Mas o juízo correto sozinho não é suficiente para levar-nos à prática do domínio próprio. A força interior também é fundamental. Com demasiada frequência sabemos muito bem *o que* fazer, mas não o fazemos. Permitimos que os sentimentos ou desejos dominem nosso juízo. Em última instância, *o domínio próprio é o exercício da força interior sob a direção do juízo sadio que nos permite fazer, pensar e dizer as coisas que agradam a Deus.*

Visto como a graça do domínio próprio afeta tantos aspectos de nossa vida, convém concentrarmos seu estudo em três importantes áreas: corpo, pensamentos e emoções.

Honre a Deus com o seu corpo

“O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento” (Gênesis 2.9). Deus criou o homem para desfrutar dos prazeres sensuais; isto é, as coisas agradáveis aos sentidos e apetites físicos. As árvores que ele criou não só eram boas para alimento, mas também agradáveis à vista. Não há dúvida de que Deus tenciona que gozemos das coisas físicas desta vida que tão graciosamente ele proveu. Como diz Paulo, em 1 Timóteo 6.17: “Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação”.

Mas o homem, no pecado, corrompeu todas as bênçãos naturais que Deus lhe concedeu. Por causa de desejos corrompidos, as coisas que Deus tencionou para nosso uso e aprazimento tendem a tomar-se nossos senhores. Paulo teve de advertir os crentes de Corinto contra esta tendência, quando disse: “Tudo me é permitido, mas eu não deixarei que nada domine” (1 Coríntios 6.12). A moderação resultante do domínio próprio impedem que as coisas permissíveis se tornem senhores de nossos corpos.

Na carta em que Paulo apresenta os deveres pastorais de Tito para com os cristãos de Creta, frequentemente o apóstolo se refere à graça do domínio próprio. É uma exigência para os presbíteros, é importante para homens idosos, para moços, para mulheres idosas e para moças; deve ser, com efeito, característica de todos os crentes. Por que Paulo acentua tanto o traço do autodomínio? Porque os cretenses eram “sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos” (1.12). Evidentemente, necessitavam da graça do domínio próprio. Alguém caracterizado como ventre preguiçoso por certo necessita aprender a controlar o corpo.

O autocontrole corporal deveria ter em mira, antes de tudo, três áreas de tentação física: glotonaria (tanto de alimento como de bebida), preguiça e imoralidade ou impureza sexual. Embora a embriaguez seja um pecado generalizado na cultura não cristã de nossos dias, não parece ser um grande problema entre os cristãos. Mas a glotonaria certamente o é. Muitos de nós temos a tendência de ser mais do que indulgentes com o alimento que Deus tão graciosamente nos proveu. Permitimos que a parte sensual de nosso apetite, concedida por Deus, escape ao controle e nos induza ao pecado. Precisamos lembrar-nos de que até mesmo nosso comer e beber devem ser feitos para a glória de Deus (1 Coríntios 10.31).

Que dizer da preguiça? Muitos de nós não teríamos dúvida em assentir na ampla necessidade de autocontrole com respeito a alimento e bebida entre os cristãos hoje. Mas, e a preguiça? Suspeito que não nos julgamos coletivamente preguiçosos como os

cristãos cretenses. Trabalhamos com afinco, mantemos nossas casas pintadas e a grama podada. Será que temos problema com a preguiça?

Para responder a essa pergunta, examinemos um incidente na vida de Jesus. Marcos registra que “de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde ficou orando” (Marcos 1.35). Que Jesus se levantasse para orar enquanto ainda estava escuro é bastante desafiador. Observe, porém, o que aconteceu na noite anterior. Marcos diz que na tarde anterior, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados, para que os curasse; na verdade, a cidade toda reuniu-se à porta (vv. 32-34). É provável que Jesus estivesse muito cansado no fim daquela tarde.

Ora, você e eu, em tais circunstâncias, teríamos a tendência de dormir na manhã seguinte, achando que após uma noite cheia de serviço, merecíamos algum descanso e elogio. Mas Jesus não. Ele conhecia a importância daquela hora de comunhão com o Pai, e disciplinou o corpo físico a fim de fazê-lo.

Imagino que o número de cristãos que têm um momento regular, produtivo, de comunhão com Deus todos os dias é uma diminuta minoria. Para alguns, essa hora não existe; para outros, na melhor das hipóteses é esporádica. Isto porque tendemos a ser preguiçosos no corpo e indisciplinados no uso do nosso tempo.

Há outros cristãos que aprenderam o autocontrole de levantar-se de manhã para ter comunhão com Deus, mas não aprenderam o autocontrole de cuidar de seus corpos. Alguns abusam de seus corpos pela constante falta do necessário descanso e recreação; outros estão deixando que seus corpos se tornem moles e flácidos por não praticarem algum exercício. Ambos os grupos precisam aprender o piedoso autocontrole de seus corpos.

O domínio próprio do sexo pertence tanto ao corpo como à mente. Houve tempo, uma geração ou tanto no passado, em que mal teríamos achado necessário exortar os cristãos a exercerem controle na área da imoralidade sexual. Controle de pensamentos impuros, sim; mas até o segmento mais moral da sociedade não

cristã condenava os reais atos físicos de imoralidade. Esta situação não mais existe. As autoridades nas áreas sociais e psicológicas hoje nos estão dizendo que a atividade sexual pré-matrimonial ou extramatrimonial está o.k. enquanto não for prejudicial emocionalmente.

É lamentável que muitos cristãos estão se deixando levar por essa forma de pensar. A imoralidade tanto entre solteiros como entre casados está se tomando uma grande preocupação na comunidade cristã. A necessidade de autocontrole sexual entre cristãos provavelmente nunca foi maior desde que, do grosseiro paganismo, surgiu a igreja gentia do primeiro século.

O padrão divino para o autocontrole sexual é *abstinência absoluta* fora da relação matrimonial. Se, como sugere Kehl, o domínio próprio é a capacidade de permanecer dentro de limites razoáveis, então devemos reconhecer que a fronteira da atividade sexual está limitada estritamente ao casamento. Como diz Hebreus 13.4: “O casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros”. As palavras de Paulo aos crentes tessalonicenses também não deixam margem à transigência neste ponto: “A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual. Cada um saiba controlar o próprio corpo de maneira santa e honrosa, não com a paixão de desejo desenfreado, como os pagãos que desconhecem a Deus” (1 Tessalonicenses 4.3-5).

O cristão deve exercer domínio próprio não só na área da atividade sexual, mas também na área dos pensamentos impuros, olhares lascivos, bem como conversação sugestiva. Jesus disse: “Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração” (Mateus 5.28). Um olhar lascivo se torna rapidamente em pensamento impuro. Se os *atos* de imoralidade estão se tomando um problema entre os cristãos, os *pensamentos* de imoralidade são um problema muito maior. A luxúria sexual jaz latente no coração de cada cristão. Até o justo Jó achou necessário eliminar decisivamente esta tentação; ele fez aliança com os seus olhos para não fixá-los numa donzela, ou seja, não olhá-la com lascívia (31.1). Se Jó achou necessário fazer

este tipo de compromisso na época em que viveu, quanto mais precisamos dele na sociedade hodierna, em que a lascívia é explorada até nas propagandas de velas de ignição!

Portanto, o assunto do controle de nossos corpos, de modo especial na área da pureza sexual, leva, naturalmente, a uma segunda área de autocontrole: nossos pensamentos.

Levando cativo todo pensamento

Paulo disse: “Levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2 Coríntios 10.5). Embora o contexto indique que ele se referia aos pensamentos de seus oponentes em Corinto, ainda permanece como objetivo digno para o controle de nossos próprios pensamentos hoje. O domínio próprio de nossos pensamentos significa entreter na mente só os pensamentos aceitáveis a Deus.

A melhor diretriz para avaliar o controle de nossos pensamentos é aquela que Paulo dá em Filipenses 4.8: “Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas”. O autodomínio de nossos pensamentos é, pois, mais do que simplesmente recusar-nos a admitir na mente pensamentos pecaminosos, tais como luxúria, avareza, inveja, ou ambição egoísta. O controle dos pensamentos inclui também a concentração da mente naquilo que é bom e agradável a Deus.

Salomão advertiu-nos: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida” (Provérbios 4.23). A palavra “coração”, no hebraico, geralmente se refere à pessoa inteira: compreensão, emoções, consciência e vontade. A advertência, contudo, aplica-se de modo especial à vida pensante. É aí que começam as emoções e ações, e onde os desejos pecaminosos lançam raízes e nos induzem ao pecado.

A mente é a estufa onde os pensamentos ilícitos, uma vez plantados, são nutridos e regados antes de serem transplantados para o mundo real das ações ilícitas. É raro as pessoas caírem

repentinamente na glotonaria ou na imoralidade. Essas ações são degustadas na mente muito antes de serem saboreadas na realidade. A vida pensante é, pois, a primeira linha de defesa que temos na batalha do domínio próprio.

As portas da vida de pensamento são, antes de tudo, os olhos e os ouvidos. O que vemos, ou lemos, ou ouvimos, determina, em grande parte, aquilo que pensamos. A memória, é claro, também desempenha grande papel no que pensamos, porém ela só armazena e devolve o que entra na mente por via dos olhos e dos ouvidos. A guarda do coração começa pela guarda dos olhos e dos ouvidos. Não devemos permitir que as coisas que estimulam a lascívia sexual, a ganância (que a atual sociedade chama de materialismo), a inveja e a ambição egoísta nos entrem na mente. Devemos evitar programas de televisão, artigos de revistas e jornais, comerciais e conversações que suscitem tais pensamentos. Devemos não só evitá-los, mas também fugir deles, como disse Paulo a Timóteo, “foge destas coisas”. Vale a pena notar que em ambas as cartas a Timóteo, Paulo achou prudente adverti-lo a *fugir* da tentação. Embora Timóteo fosse um líder piedoso, ele não estava isento da necessidade de exercer domínio próprio.

Salomão disse *guardar*, Paulo disse *fugir*. Ambos os verbos dão a ideia de uma reação muito mais forte à tentação do que a maioria dos cristãos pratica. Em vez de guardar as portas da mente, na realidade as abrimos à enxurrada de material ímpio que nos chega por meio da televisão, dos jornais e revistas e pelas conversações mundanas que muitas vezes nos cercam. Em vez de fugir das tentações, muitas vezes lhes damos guarida no pensamento.

Permitimos na mente o que não permitiríamos nas ações, porque o que se passa em nosso pensamento não pode ser visto. Mas Deus vê. Davi disse: “De longe percebes os meus pensamentos”, e “antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor” (Salmo 139.2, 4). O cristão que teme a Deus controla seus pensamentos, não por causa do que os outros possam pensar dele, mas por causa de Deus. Sua oração é: “Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração

sejam agradáveis a ti, Senhor, minha Rocha e meu Resgatador!” (Salmo 19.14).

A televisão e a imprensa não são os únicos culpados no desvio de nossos pensamentos. A lista de Paulo para o controle dos pensamentos, conforme Filipenses 4.8, inclui exigências tais como “verdadeiro”, “nobre”, “puro”. O cristão pode não ser particularmente importunado por pensamentos impuros, mas pode ser tentado a entreter os que não são verdadeiros ou nobres. Dar ouvidos a mexericos, difamação ou crítica de outros tem de ser rejeitado com tanta energia como a tendência de passá-los adiante.

É impossível ouvir, de uma maneira indulgente, boatos ou críticas a respeito de outrem e então pensar apenas o que é verdadeiro e nobre acerca de tal pessoa. E se guardamos os pensamentos, mais facilmente guardamos a língua, pois Jesus disse: “Pois a boca fala do que está cheio o coração” (Mateus 12.34).

Refreando as emoções

As emoções que precisam ser controladas incluem ira e raiva (o assim chamado “temperamento quente”), ressentimento, autocomiseração e amargura. Os sentimentos podem ser explosivos, como no caso de um temperamento descontrolado, ou podem estar apenas cozinhando em fogo lento, como no caso da autocompaixão. Todavia, em qualquer dos casos, essas emoções desagradam a Deus e precisam ser incluídas em nossos esforços por exercer domínio próprio.

Um temperamento descontrolado é uma contradição na vida da pessoa que busca exercitar-se na piedade. As explosões de temperamento são prejudiciais não só porque liberam nossas próprias paixões desgovernadas, pecaminosas, mas pior ainda, porque magoam as vítimas de tais explosões.

Neste aspecto, o temperamento é um desafio ímpar na área do domínio próprio. Pensamentos e emoções desgovernados são pecados mentais; prejudicam só a nós mesmos, a menos, é claro, que nos levem a palavras ou ações pecaminosas. O temperamento

descontrolado, porém, prejudica o auto-respeito de outros, cria amargura e destrói amizades.

Naturalmente, estamos falando aqui do temperamento *descontrolado*. Muitos crentes têm, por temperamento, a tendência de censurar severamente os que, de alguma maneira, incorrem no seu desagrado. Mas a pessoa piedosa aprende a controlar esta tendência. Salomão disse: “Melhor é o homem paciente do que o guerreiro, mais vale controlar o seu espírito do que conquistar uma cidade” (Provérbios 16.32). Ter um temperamento que exige controle não é sinal de impiedade; deixar de controlá-lo, sim. Ter êxito, pela graça de Deus, em controlar um temperamento rebelde é demonstrar autodomínio piedoso.

Alguém disse de Provérbios 16.32: “Observe-se o preço que o Espírito Santo atribui a um temperamento controlado; deve-se buscá-lo mais do que uma decisiva vitória na guerra”. Charles Bridges comentou: “A tomada de uma cidade é brinquedo de criança em comparação com esta luta... Aquela é apenas a batalha de um dia. Esta, o cansativo e incessante conflito de uma vida”.^[31] A pessoa que penosamente luta, muitas vezes com fracasso, para controlar o temperamento, deveria levar a sério a avaliação divina de sua luta e dispor-se a pagar o preço necessário da vitória.

Embora não sejam tão prejudiciais aos outros, emoções descontroladas tais como ressentimento, amargura e autocompaixão podem ser mais destrutivas para nós mesmos e para nossa relação com Deus. O temperamento descontrolado logo se dispersa sobre outras pessoas. Ressentimento, amargura e autocomiseração crescem em nosso coração e corroem a vida espiritual como um câncer que se espalha lentamente.

Todas essas emoções interiores e pecaminosas têm em comum o enfoque sobre o eu. Elas colocam os desapontamentos, o orgulho ferido, os sonhos desfeitos no trono do coração, onde eles se tornam ídolos. Nutrindo ressentimento e amargura, e nos chafurdamos na autocompaixão. Temos o conhecimento intelectual de que em todas as coisas Deus opera para nosso bem e que nada pode separar-nos do seu amor. Mas em desafio às promessas

divinas, *escolhemos* pensar sobre aquilo que desonra a Deus e destrói a saúde espiritual.

Assim como o apóstolo Paulo esmurrava seu corpo (figurativamente falando, é claro), assim devemos subjugar nossas emoções pecaminosas. Devemos eliminá-las decisivamente em face de sua primeira manifestação em nossos pensamentos. Manter rédea curta de nossas emoções é tão necessário à piedade como manter sob controle os apetites e desejos corporais.

Rompendo os grilhões da autoindulgência

A ênfase na luta pelo domínio próprio deve estar na palavra *crescer*. Nunca atingiremos o autodomínio pleno em todas as áreas da vida. Além do mais, devemos reconhecer que a batalha do domínio próprio é diferente para cada um de nós. Uma pessoa pode não ter problema algum com o autodomínio corporal, mas pode lutar contra os pensamentos do orgulho espiritual. Pode ser que outra nunca seja importunada por pensamentos impuros, mas pode mostrar-se indulgente com seus ressentimentos ou autocomiseração. Visto como somos tentados a julgar os outros por sua falta de domínio próprio em áreas nas quais não temos problemas, lembremo-nos de nossas próprias áreas de luta e sejamos caridosos em nossas opiniões.

O juízo correto é o começo do domínio próprio, e a Bíblia é de suma importância para seu exercício. O juízo correto deve basear-se num conhecimento completo do padrão de Deus para nossos corpos, pensamentos e emoções, conforme revelado nas Escrituras. Há alguns anos, quando comecei a crescer como cristão, li estas palavras: “A Palavra de Deus afastará você do pecado, ou o pecado afastará você da Palavra de Deus”. Isto não é um simples chavão, nem é a Bíblia alguma varinha mágica para afugentar a tentação. É o juízo sadio, resultante da meditação na Palavra de Deus, que nos adverte quando o inimigo, o desejo pecaminoso, assalta a cidadela de nosso coração.

O juízo correto também nos leva a estimar com precisão as necessidades particulares na área do domínio próprio. A admoestação de Paulo, “ninguém tenha de si mesmo um conceito

mais elevado do que deve ter” (Romanos 12.3), é bom conselho, não só para avaliar os dons espirituais, mas também para avaliar as necessidades espirituais. Diz Provérbios 27.12: “O prudente percebe o perigo e busca refúgio”. A prudência espiritual exige que nos conheçamos a nós mesmos, nossas fraquezas e pontos vulneráveis. Somente quando estudarmos as Escrituras e a nós mesmos é que poderemos exercer juízo correto.

A seguir, o problema que temos de enfrentar é saber se verdadeiramente estamos dispostos a abrir mão dos prazeres fugazes em favor de vidas que agradam a Deus. Kehl ressalta: “O começo do domínio do eu é ser dominado por Cristo, render-se ao seu senhorio. ‘Quereis que vossa carne obedeça ao vosso espírito?’ perguntou Agostinho. ‘Então deixai que vosso espírito obedeça ao vosso Deus. Deveis ser governados para que possais governar’”.^[32] Está você disposto a reconhecer Jesus Cristo como Senhor de seus apetites e desejos, de seus pensamentos e emoções? Se o domínio próprio começa com o juízo correto, é preciso levá-lo avante mediante submissão à autoridade de Cristo em todas as áreas da vida.

Então devemos reconhecer que a batalha pelo domínio próprio é travada, antes de tudo, em nossa própria mente; é uma batalha contra nossas próprias paixões, pensamentos e desejos. Nas áreas em que temos falhado em refrear os apetites e emoções, parece que temos sensibilidade de antenas invisíveis sintonizadas com as tentações correspondentes.

A proverbial “índole agressiva” descreve a pessoa cuja antena está constantemente em busca de incidentes menores de sorte que possa magnificá-los e dar margem para perder as estribeiras. A pessoa que habitualmente cede a algum apetite físico ou à lascívia, está sempre alerta às oportunidades de entregar-se a esse desejo carnal. Devemos aprender a dizer não a essas paixões quando entram em nossa mente.

Acima de tudo, devemos orar pedindo força de vontade necessária para refrear as paixões e desejos. É Deus quem opera em nós o querer e o efetuar. As áreas em que somos particularmente vulneráveis devem ser objeto de oração fervorosa,

rogando que a graça de Deus opere em nossa vontade. Devemos, ao mesmo tempo, compreender que a vontade é fortalecida pela obediência. Quanto mais dizemos não aos desejos pecaminosos, tanto mais temos o poder de dizer não. Todavia, para experimentarmos isto, é preciso perseverar através de muitos fracassos. Grande parte da aprendizagem do domínio próprio está em quebrar os maus hábitos e substituí-los por hábitos bons. Este processo sempre exige certa soma de fracassos.

Finalmente, como ressalta Kehl: “A verdadeira autodisciplina espiritual limita os crentes mas nunca os aprisiona; seu efeito é ampliar, expandir e libertar”.^[33] Tiago diz que a Palavra de Deus é “lei perfeita que traz liberdade” (1.25). À medida que crescemos na graça do domínio próprio, experimentamos o livramento dos que, sob a orientação e graça do Espírito Santo, estão livres das algemas da autoindulgência e são levados à liberdade da verdadeira disciplina espiritual.

12. FIDELIDADE

Muitos se dizem amigos leais, mas um homem fiel, quem poderá achar?

PROVÉRBIOS 20.6

Abrindo minha concordância bíblica na palavra *fidelidade*, rapidamente percorri o dedo pela coluna e contei mais de sessenta referências bíblicas à fidelidade de Deus. Não é de surpreender que quarenta dessas referências ocorram no livro dos Salmos, que relata, mais do que qualquer outro livro da Bíblia, as lutas dos piedosos e sua total dependência à fidelidade de Deus.

Consideremos por um momento a absoluta necessidade da fidelidade de Deus. A salvação depende de sua fidelidade (1 Coríntios 1.8-9); igualmente o livramento da tentação (1 Coríntios 10.13); a santificação (1 Tessalonicenses 5.23); o perdão de nossos pecados (1 João 1.9); o livramento em tempos de sofrimento (1 Pedro 4.19); e a realização de nossa esperança de vida eterna (Hebreus 10.23). Podemos ver com facilidade que todos os aspectos da vida cristã repousam sobre a fidelidade de Deus, e temos a garantia de que “O Senhor é fiel em todas as suas promessas” (Salmo 145.13).

Não admira, pois, que o salmista diga, refletindo sobre a fidelidade de Deus:

Com minha boca anunciarei a tua fidelidade por todas as gerações. Sei... firmaste nos céus a tua fidelidade.
(Salmo 89:1-2)

Até o profeta Jeremias, em meio a lamentações por causa do juízo de Deus sobre Judá, podia ainda proclamar: “Renovam-se cada manhã; grande é a tua fidelidade!” (Lamentações 3.23).

Na realidade, mesmo um estudo das sessenta referências à fidelidade divina não poderia fazer justiça ao assunto. A Bíblia toda é um tratado sobre esse tema. A fidelidade de Deus aparece em

preceito ou exemplo em quase todas as suas páginas. É impossível descrever os atos divinos sem, de alguma maneira, tocar na sua fidelidade.

Em nosso esforço por termos um caráter semelhante ao de Deus, devemos estar seguros de que a graça da fidelidade ocupe posição elevada em nosso sistema de valores. Esta não é uma virtude natural, conforme o indica o lamento de Salomão: “Muitos se dizem amigos leais, mas um homem fiel, quem poderá achar?” (Provérbios 20.6). Muitos professam fidelidade, mas poucos a demonstram. A virtude da fidelidade é, com frequência, muito cara, e poucos estão dispostos a pagar o preço. Mas para a pessoa piedosa, a fidelidade é uma qualidade de caráter absolutamente essencial, não importa quanto custe.

Que é a fidelidade? Como a praticamos, e quando a exibimos em nossa vida? O termo bíblico denota algo firme e com o qual podemos contar. O dicionário define fiel: “Firme no cumprimento das promessas ou na observação do dever”.^[34] Alguns sinônimos comuns são “leal”, “honrado”, “confiável”, “responsável”. A palavra tem, igualmente, a conotação de absoluta honestidade ou integridade.

Pessoa fiel é aquela de quem se pode depender, que é digna de confiança, leal, responsável em todos os seus relacionamentos, absolutamente honesta e ética em todos os seus negócios. De Daniel se disse que seus adversários “procuraram motivos para acusar Daniel em sua administração governamental, mas nada conseguiram. Não puderam achar falta alguma nele, pois ele era fiel; não era desonesto nem negligente” (Daniel 6.4).

Honestidade absoluta

Daniel não era corrupto; ele era um homem honesto e de princípios. Honestidade absoluta naquilo que diz e nos assuntos pessoais tem de ser característica distintiva da pessoa fiel. As Escrituras dizem: “O Senhor odeia os lábios mentirosos, mas se deleita com os que falam a verdade”, e “o Senhor repudia balanças desonestas, mas os pesos exatos lhe dão prazer” (Provérbios 12.22 e 11.1). O Senhor abomina a mentira e detesta as transações comerciais desonestas.

Não só se nos ordena não mentir, como também não enganar de nenhuma forma (Levítico 19.11).

Uma definição de mentira é “qualquer engano: em palavra, ato, atitude, ou silêncio; em exageros deliberados, em distorções da verdade, ou em criar falsas impressões”.^[35] Mentimos ou enganamos quando fingimos ser algo que não somos; quando, como estudantes, colamos num exame, ou como contribuintes, deixamos de declarar toda a nossa renda. Meu amigo Jerry White escreve da dificuldade de contar os defeitos de um carro usado a um comprador.^[36] O problema da honestidade permeia todas as áreas de nossa vida.

Na véspera de Natal soou a campainha de nossa porta; ao atendê-la, encontrei uma garotinha de quatro anos, nossa vizinha, com um prato de biscoitos. “Minha mamãe mandou estes biscoitos para vocês”, disse ela com um grande sorriso. Agradei-lhe, e coloquei os biscoitos nalgum lugar, e logo me esqueci deles, pois estávamos de saída para um culto de Natal na igreja. Poucos dias depois, quando me dirigia para o carro, a garotinha descia pela calçada no seu triciclo. “Sr. Bridges, gostou dos biscoitos?”, perguntou ela com grande antegozo. “Oh, estavam ótimos”, disse eu, embora nem mesmo os tivesse provado.

Enquanto dirigia, comecei a pensar no que eu havia dito. Eu mentira; sobre isso não havia dúvida. Por que o fizera? Porque era oportuno; salvou-me do embaraço, e à menina, do desapontamento (embora eu estivesse preocupado comigo mesmo, e não com ela). Certo, era apenas uma mentira social, de pouca ou nenhuma consequência. Mas era mentira, e Deus diz, sem qualificação, que abomina a mentira.

Ao pensar naquele incidente, comecei a perceber que não se tratava de um caso isolado. O Espírito Santo trouxe-me à memória outras ocasiões de “mentiras sociais” aparentemente inocentes, de exageros, ou de manipular um pouquinho os fatos de uma história. Tive de admitir que eu não era tão honesto como me considerava. Deus ensinou-me uma lição valiosa, embora humilhante, por meio daquele prato de biscoitos.

Ao contar a história dos biscoitos em algumas reuniões, tenho percebido uma reação incômoda da parte de algumas pessoas. Alguns cristãos sinceros podem achar que eu esteja dando atenção a ninharias, indo um bocadinho longe demais na questão de honestidade absoluta. Consideremos, porém, o caso de Daniel. Diz o relato bíblico que seus adversários não acharam nele nenhum erro ou culpa. Parece claro que as autoridades governamentais, com inveja amarga e total hostilidade para com ele, ter-se-iam agarrado a qualquer inconsistência, não importa quão pequena ou insignificante, para denunciá-lo ao rei Dario. Mas não puderam achar nenhuma. Daniel, como Elias, era um homem de natureza igual à nossa (Tiago 5.17), mas evidentemente ele havia dominado a questão de integridade absoluta. Deveríamos ter o mesmo alvo.

Pensemos no Senhor Jesus. Um dia ele perguntou aos seus inimigos: “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (João 8.46). Se Jesus alguma vez tivesse distorcido a verdade, um pouquinho que fosse, ele não teria feito essa pergunta com total confiança. Somos chamados a ser como Jesus: tão absolutamente honestos como ele o foi. Como teria Jesus respondido à pergunta da menina acerca dos biscoitos? Não sei o que ele teria dito. Mas uma coisa eu sei: ele não teria mentido. Nem o deveríamos nós.

Por que insisto na honestidade absoluta nos pormenores da vida social? Porque é aí que começa a honestidade. Se cuidarmos de ser honestos nas pequenas coisas, certamente cuidaremos de ser honestos nas situações mais importantes da vida. Se formos honestos acerca de biscoitos, por certo seremos honestos nos negócios, nos exames escolares e mesmo nas competições esportivas. Como disse Jesus: “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito” (Lucas 16.10).

Nossa época precisa, desesperadamente, de encarecer de novo a honestidade, tanto nos negócios como nas relações sociais. Lembro-me de ler um artigo num dos principais diários de economia que citava diversos executivos que diziam ser impossível ter êxito nos negócios hoje sem transigir com a verdade. É provável que a mesma atitude predomine na política, nos esportes e em todos os

demais aspectos da sociedade. Porém nós, os cristãos, somos chamados para ser sal numa sociedade que se putrefaz, e não podemos sê-lo se não formos modelos de honestidade absoluta.

Confiabilidade total

Daniel não tinha erro nem culpa: ele era confiável e responsável. Era uma pessoa com quem se podia contar. Sem dúvida ele chegava a tempo para as entrevistas, cumpria seus compromissos, honrava sua palavra e levava em consideração que suas ações podiam afetar a outros.

Poucas coisas são mais vexatórias do que confiar em uma pessoa irresponsável. Salomão observou: “Como o vinagre para os dentes e a fumaça para os olhos, assim é o preguiçoso para aqueles que o enviam” (Provérbios 10.26). Embora o termo *preguiçoso* se refira a uma pessoa de hábito indolente, é a infidelidade que a faz exasperante. Podemos ser indiferentes quanto aos hábitos do preguiçoso se não temos de depender dele. Se, porém, de alguma forma, dependemos de suas ações, vemos a indolência como infidelidade.

Se a sociedade precisa acentuar de novo a honestidade, por certo precisa dar grande importância à responsabilidade. A responsabilidade, decididamente, tem-se assentado no banco traseiro do desejo ou conveniência pessoais. “Assumirei esse compromisso se me for conveniente” parece ser a atitude de nossa época. John Sanderson observou:

Se examinarmos um pouco mais a fundo, veremos que a “infidelidade” está muito próxima da “desobediência”, porque o homem que desobedece a Deus soltou-se do único apoio firme que ele pode ter, e sua direção na vida será controlada pelos ventos inconstantes das circunstâncias e de seu desejo caprichoso... O homem que não é controlado por Deus não tem motivo para cumprir a palavra ou desincumbir-se das obrigações.^[37]

Para a pessoa que pratica a piedade, a responsabilidade é, pois, um dever não só para com o próximo, mas, o que é mais

importante, para com Deus. A confiabilidade não é apenas uma obrigação social; é, também, espiritual. Deus está mesmo mais interessado em nossa fidelidade do que a pessoa que está dependendo de nós em alguma situação especial.

No Salmo 15, Davi pergunta: “Senhor, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo monte?”. E segue-se uma lista de padrões éticos que o indivíduo deve cumprir para desfrutar da comunhão divina. No meio da lista há este padrão: “que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado”. Deus quer que sejamos responsáveis mesmo que isso nos custe. É isto que distingue a fidelidade piedosa da responsabilidade comum da sociedade secular.

Consideremos a adolescente que se compromete a cuidar da criança de uma vizinha numa determinada noite. Então um jovem telefona e convida-a para sair. Que deve ela fazer? Cancelar seu compromisso de tomar conta da criança e deixar que a vizinha procure outra babá? A adolescente piedosa cumprirá a palavra, mesmo com dano próprio, ou procurará alguém que a substitua. Em qualquer dos casos, ela sente a responsabilidade diante de Deus de honrar o compromisso e cumprir o acordo.

Para que eu não pareça estar destacando adolescentes como especialmente vulneráveis à tentação de tratar com leviandade os compromissos, consideremos o homem de negócios que ao fazer uma transação comercial, descobre que ela lhe é desvantajosa. Que deve ele fazer? O não cristão entra de imediato em contato com seu advogado para ver se há uma brecha legal pela qual escapar. Infelizmente, muitos cristãos buscariam a mesma saída. Não, porém, o empresário piedoso. Ele pode, em verdade, ver se há alguma solução para a dificuldade, aceitável à outra parte. Mas não renegará à sua própria palavra apenas porque seja possível fazê-lo dentro da lei. Ele cumprirá a palavra, ainda que com dano próprio.

Entre esses dois extremos do meramente inconveniente compromisso da babá e o desastroso acordo financeiro, há numerosos casos em que todos nós assumimos compromissos que de quando em quando se comprovam de custoso cumprimento. As

vezes, em ocasiões como essas, precisamos manifestar, pela graça de Deus, o fruto do Espírito que é a fidelidade.

Lealdade a toda prova

A pessoa fiel não só é honesta e responsável, mas também leal. Na maioria das vezes a questão da lealdade surge em conexão com nossos amigos. A palavra chegou a ter uma conotação de estar ao lado de alguém através de todas as dificuldades. Talvez não haja melhor descrição de lealdade do que as palavras de Salomão: “O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade” (Provérbios 17.17).

O “amigo de tempo bom” não existe. Se a lealdade de uma pessoa não garante sua fidelidade a outrem em épocas de tensão, então na realidade ela não é amigo. Está apenas usando o outro para satisfazer a algum de seus interesses sociais.

Jônatas, filho do rei Saul, nos proporciona o melhor exemplo de lealdade registrado na Bíblia. Sua leal amizade com Davi quase lhe custou a vida nas mãos de seu próprio pai. Jônatas compreendeu que sua lealdade a Davi, no final lhe custaria o trono de Israel. Quer se trate de honestidade, responsabilidade ou lealdade, com frequência a fidelidade é uma virtude de alto custo. Só o Espírito Santo pode levar-nos a pagar o preço.

Há, contudo, um tipo de lealdade que devemos evitar: a chamada “lealdade cega”. Este tipo recusa-se a admitir os erros e falhas do amigo, o que é, na realidade, um desserviço. “Quem fere por amor mostra lealdade, mas o inimigo multiplica beijos” (Provérbios 27.6). Só o amigo verdadeiramente fiel se preocupa o suficiente conosco para empreender a ingrata tarefa de mostrar onde erramos. Ninguém gosta de ser confrontado com suas faltas, pecados ou erros. Por isso com frequência dificultamos a nossos amigos fazê-lo. Como resultado, a maioria de nós prefere conversar sobre coisas agradáveis a falar a verdade. Isto não é lealdade. A lealdade fala com veracidade e fidelidade, mas também com amor. A lealdade diz: “Interesso-me tanto por você que não deixarei você continuar desenfreadamente com sua ação errada ou atitude pecaminosa que, no final, lhe causará danos”.

Satisfazendo à exigência de Deus

Como acontece com as demais graças do caráter cristão, o primeiro passo para o crescimento na fidelidade é reconhecer o padrão bíblico. A fidelidade implica absoluta honestidade, total responsabilidade e inabalável lealdade. Ela deve ser como a de Daniel: sem erro nem culpa. É preciso que a pessoa desenvolva convicções consistentes com este padrão, baseadas na Palavra de Deus; planeje memorizar um ou mais versículos sobre o tema da fidelidade, quer de referências citadas neste capítulo, quer de outras que lhe venham à mente.

O segundo passo é avaliar sua vida com o auxílio do Espírito Santo, e talvez com o do cônjuge ou de um amigo íntimo. Procura você ser escrupulosamente honesto? Podem os outros depender de você, mesmo quando a fidelidade pode custar-lhe caro? Socorre você o amigo quando ele está em dificuldades, e o confronta em amor quando está errado? Não se satisfaça com generalidades. Tente pensar em casos específicos que afirmem sua fidelidade ou mostrem onde você precisa crescer. Onde observar uma necessidade específica de fidelidade, faça desse ponto um assunto de oração pela ajuda do Espírito Santo e objeto de algumas medidas concretas de sua parte. Lembre-se de que sua cooperação e a cooperação do Espírito Santo são co-extensivas. Você não pode tornar-se uma pessoa fiel meramente tentando sê-lo. Há uma dimensão divina. Mas também é verdade que você não se tomará uma pessoa fiel sem tentá-lo. Jesus disse à igreja de Esmirna: “Seja fiel até à morte” (Apocalipse 2.10). A fidelidade é algo que devemos fazer, muito embora seja, ao mesmo tempo, fruto do Espírito.

Considere a recompensa da fidelidade. Na parábola dos talentos, o senhor replicou: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mateus 25.21). Pode-se alegar que a fidelidade aqui referida é em relação com Deus, e não uns com os outros, como vimos estudando neste capítulo. Isso é, de fato, verdade. Mas a fidelidade a Deus inclui fidelidade de uns para com os outros. Este é o ponto final de cada uma das passagens bíblicas que temos

considerado. Deus é quem exige que sejamos fiéis em todas as relações terrenas. Por isso, somente se buscarmos crescer na graça da fidelidade de uns para com os outros é que teremos esperança de ouvi-lo dizer: “Muito bem, servo bom e fiel”.

13. PAZ

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.

ROMANOS 12.18

Incontáveis milhões de dólares são gastos anualmente na busca da paz. Todos os anos, milhares de pessoas que procuram paz pessoal ou familiar enchem os consultórios dos conselheiros profissionais. Diplomatas voam ao redor do mundo perseguindo a paz entre as nações. Os tribunais estão abarrotados de processos provocados pela quebra da paz entre indivíduos e corporações.

Os cristãos não se acham isentos deste torvelinho de um mundo pecaminoso. Nós, também, sentimos o efeito da ansiedade causada por circunstâncias inquietantes e a angústia de relações rompidas.

Contudo, a paz deveria ser sinal distintivo da pessoa piedosa, em primeiro lugar porque é um traço da natureza divina: diversas vezes o Novo Testamento menciona Deus como Deus de paz. Ele tomou a iniciativa de estabelecer a paz com os homens rebeldes; ele é o autor tanto da paz pessoal como da coletiva. A paz devia fazer parte de nosso caráter, também, porque Deus prometeu-nos sua paz, e nos ordenou deixar que ela reine em nossa vida e relacionamentos; sendo a paz fruto do Espírito é, portanto, evidência de sua operação em nós.

Examinando de perto as Escrituras, vemos que a paz, na realidade, é tríplice:

- paz com Deus;
- paz com nós mesmos;
- paz com outras pessoas.

Não se trata de três tipos paralelos de paz, sem conexão; são, antes, três diferentes expressões de uma só paz: a paz que

Deus dá, que se chama fruto do Espírito. Essas diferentes facetas se complementam e se reforçam, produzindo um traço do caráter. Cada aspecto tem características singulares que contribuem de formas variadas para a vida da pessoa de paz.

Paz com Deus

A base de nossa paz com Deus é a justificação pela fé em Jesus Cristo. Diz a Bíblia: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1). Este é o ponto em que toda paz começa. Não podemos ter paz interior ou paz com outras pessoas enquanto não tivermos paz com Deus.

Antes de sermos salvos, por havermos nascido em pecado, o relacionamento que tínhamos com Deus se caracterizava por alienação e inimizade (Colossenses 1.21). Éramos objetos de sua ira, em estado de rebelião contra ele. Muito embora a letargia religiosa em que vivíamos e as circunstâncias especiais que nos cercavam possam ter-nos dado um falso senso de paz, na realidade éramos “como o mar agitado, incapaz de sossegar e cujas águas expelem lama e lodo”, porque, conforme disse Deus, “para os ímpios não há paz” (Isaías 57.20, 21).

Todavia, ao entrarmos em um relacionamento pessoal com Deus mediante a fé em Jesus Cristo, todas estas coisas mudam. Em vez de opor-se a nós, Deus agora está a nosso favor. Em vez de deixar-nos à mercê das circunstâncias, ele promete operar em todas elas para nosso bem (Romanos 8.28). O capítulo 16 de Provérbios diz que Deus promete, inclusive, fazer que nossos inimigos vivam em paz conosco.

A paz com Deus é, portanto, o fundamento de nossa paz interior e da paz com outras pessoas. Este fundamento não garante, é claro, que os outros aspectos da paz ocorram automaticamente. Devemos buscar aquilo que conduz à paz, tanto dentro de nós como fora, na dependência do Espírito Santo, reconhecendo que o fruto da paz é dele e não nosso.

Paz pessoal

Uma das pequenas infrações que podem levar as pessoas para a cadeia é a perturbação do sossego público. Muito embora o cristão tenha recebido paz *com* Deus, há certos “perturbadores da paz” que o impedem de experimentar a paz de Deus. Como as barulhentas ou briguentas ofensas contra a sociedade, esses perturbadores são, muitas vezes, pequenos por natureza. Os acontecimentos mais calamitosos da vida geralmente nos obrigam a voltar-nos para o Senhor com todo o coração, e, em assim fazendo, sentimos sua graça e paz. Mas as adversidades mais comuns da vida roubam-nos a paz porque nossa tendência é lidar nós mesmos com esses acontecimentos. Preocupamo-nos, agitamo-nos e fazemos planos por causa de circunstâncias angustiantes, e invejamos outras pessoas que parecem conseguir melhor porção na vida, ou nos ressentimos das que de alguma forma nos maltratam.

Concluindo Jesus a conversa com os discípulos na noite em que foi traído, ele disse: “Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (João 16.33). Nesta garantia de paz Jesus fez duas promessas.

A primeira foi que teríamos problemas no mundo. As mesmas circunstâncias que nos privam de alegria, também nos privam de paz. O denominador comum de todas essas circunstâncias é a incerteza. Um ente querido está doente, e o diagnóstico é incerto. O carro se estraga durante uma viagem; teremos dinheiro suficiente para pagar o conserto e talvez refeições extras e hospedagem? Como chegaremos a tempo ao nosso destino? A bagagem não chega conosco numa viagem aérea. Será que a encontraremos? Que faremos até que ela seja devolvida? Essas e outras incontáveis circunstâncias continuam a provar que Jesus estava muitíssimo certo quando prometeu que no mundo teríamos dificuldades.

Mas a segunda promessa de Jesus era igualmente correta. Ele venceu o mundo. Diz Efésios 1.22 que Deus “colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou como cabeça de todas as coisas para a igreja”; isto é, Jesus foi nomeado cabeça sobre todas as coisas, *em favor* da igreja. Ele tem poder sobre todo o universo, e o exerce em nosso favor e para o nosso bem. Em Mateus 10.29-31,

Jesus diz que nem mesmo um pardal cairá em terra sem o consentimento do Pai. Até os cabelos de nossa cabeça estão todos contados. Nenhum detalhe é pequeno demais que escape aos olhos e atenção do Pai. E agora Jesus, em sua glória, exerce esse mesmo cuidado vigilante em nosso benefício.

Sendo assim, por que preocupar-nos? Porque não cremos. Não estamos realmente convencidos de que o mesmo Jesus que pode manter um pardal no ar saiba onde se encontra a bagagem perdida, como pagar a conta do conserto do carro, ou como chegarmos a tempo ao nosso destino. Ou, crendo que ele *pode* livrar-nos das dificuldades, duvidamos de que ele o *fará*. Deixamos que Satanás semeie a dúvida em nossa mente acerca do amor e do cuidado que Deus tem por nós.

Dois textos bíblicos comprovar-se-ão muitíssimo úteis em recorrer a eles para encontrar paz. O primeiro é Filipenses 4.6-7: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus”. O grande antídoto para a ansiedade é ir a Deus em oração. Devemos orar a respeito de *tudo*. Nada é grande demais para ele resolver, e nada é pequeno demais que escape à sua atenção.

Paulo também declara que devemos ir a Deus com ações de graça. Devemos dar-lhe graças por sua fidelidade passada em livrar-nos de problemas (a lembrança de misericórdias passadas é grande estímulo para a fé presente). Devemos dar-lhe graças pelo fato de ele estar no controle de todas as circunstâncias de nossa vida, e por nada poder tocar-nos sem o seu consentimento. Devemos dar-lhe graças porque em sua infinita sabedoria e por causa de seu amor, ele pode operar nessas circunstâncias para o nosso bem. Finalmente, podemos dar-lhe graças porque ele não permitirá que sejamos tentados (seja uma sedução para o mal, seja uma provação de nossa fé; ambas as ideias estão incluídas na palavra) além do que podemos suportar (1 Coríntios 10.13).

O resultado a nós prometido quando vamos a Deus em oração com ações de graça não é livramento, mas a paz de Deus.

Um dos motivos por que não encontramos esta paz é que, com demasiada frequência não buscamos outra coisa senão o livramento da dificuldade. Mas Deus, por meio de Paulo, promete-nos paz, paz indizível que transcende todo entendimento. E, diz Paulo, ela guardará nossos corações e mentes contra a ansiedade para a qual somos tão propensos.

Se você for como eu, estará pensando: “Tudo isso parece muito bom, e intelectualmente concordo com suas palavras. Mas quando me encontro em meio a uma situação aflitiva, não sinto essa paz. Que é que está errado?”. Sugiro duas providências quando se encontrar neste tipo de dificuldade. Primeira, examine seus motivos. Talvez você deseje livramento em vez de paz. Está você procurando a resposta errada? Segunda, peça ao Espírito Santo que lhe dê a paz. Lembre-se, paz é fruto do Espírito. É da competência dele produzir paz em você. A você cabe a responsabilidade de ir a ele em oração, pedindo paz.

Duvido que algum cristão seja mais vulnerável à preocupação e à impertinência do que eu. Simpatizo com os que também são propensos à ansiedade. Estou certo de que só pelo poder do Espírito Santo é que podemos receber a sua paz. Mas Deus diz, em sua Palavra, que esta paz está disponível, e não devemos estar contentes enquanto não a experimentarmos. Devemos perseverar em oração até que ele responda.

Além de Filipenses 4.6-7, o segundo texto bíblico que pode ajudar-nos a acabar com a ansiedade é 1 Pedro 5.7-9: “Lancem sobre ele toda a sua ansiedade”. No versículo seguinte Pedro diz para estarmos vigilantes com relação ao diabo, que ronda à procura de alguém que possa devorar. Uma das muitas formas em que o diabo tenta devorar-nos relaciona-se com o significado do seu nome. A palavra diabo, no grego, significa “acusador”, ou “difamador”. Como príncipe dos difamadores, ele acusa o homem perante Deus, mas também difama a Deus para o homem. Um dos pensamentos que mais vezes entra em nossa mente quando passamos por alguma provação é: “Se Deus realmente me amasse, ele não permitiria que isto me acontecesse”. Ou: “Se Deus me amasse, ele daria um jeito de livrar-me desta penosa situação”.

Esses pensamentos vêm do diabo; a falha em reconhecer sua origem causa dois problemas. Primeiro, supomos que esses pensamentos se originam em nosso próprio coração, e assim adicionamos um senso de culpa à nossa mente já ansiosa por pensarmos de maneira tão rude a respeito de Deus. Agora temos a ansiedade e a culpa com as quais contender, complicando o problema. Segundo, travamos a batalha errada. Em vez de resistir ao diabo, tentamos lidar com nossos corações perversos. Embora haja muitas ocasiões em que temos de lidar com a maldade de nosso coração, esta não é uma delas: este é o momento de resistir ao diabo. Temos uma ordem muito clara, acoplada a uma promessa: “Resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês” (Tiago 4.7).

Esta é a solução bíblica para a falta de paz com nós mesmos: Levemos as ansiedades a Deus em oração de graças, e resistamos ao diabo quando ele nos vem com difamação contra Deus. Somente quando tivermos sentido paz *com* Deus, lançando sobre ele nossas ansiedades, é que podemos lidar com o terceiro aspecto da paz: paz com outras pessoas. O conflito e o torvelinho interiores muitas vezes resultam em conflito com outras pessoas, por isso devemos alcançar paz interior para buscar com eficácia a paz com os outros.

Paz com os homens

Quando Paulo arrolou a paz como um dos nove traços do fruto do Espírito, é provável que pensasse, antes de tudo, na paz com outras pessoas. Ele já havia advertido os gálatas do morder e devorar uns aos outros (Gálatas 5.15). E em sua relação dos atos da natureza pecaminosa, que precede o rol do fruto do Espírito, as ações totalmente opostas à paz são predominantes: porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas. Ao começar a lista dos traços do caráter piedoso que os gálatas deviam manter bem alto na mente, a paz de uns com os outros deve ter sido colocada próxima do topo.

A importância deste aspecto da paz evidencia-se amplamente nas principais referências a ela no Novo Testamento. Eis algumas delas:

Bem-aventurados os pacificadores. (Mateus 5.9)

Façam todo o possível para viver em paz com todos. (Romanos 12.18)

Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz. (Romanos 14.19)

Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações, visto que vocês foram chamados a viver em paz, como membros de um só corpo. (Colossenses 3.15)

Esforcem-se para viver em paz. (Hebreus 12.14)

Quem quiser amar a vida e ver dias felizes... busque a paz com perseverança. (1 Pedro 3.10-11)

Três vezes nessas referências somos exortados a seguir ou buscar a paz. A palavra grega aqui empregada também significa “perseguir”, dando a ideia de esforço intenso ou vigilância em ir no encalço de alguma coisa a fim de atacar ou atormentar. Num sentido positivo, significa busca obstinada; fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, gastar-nos e humilhar-nos, se necessário for, a fim de atingir o alvo da paz com os outros.

A busca da paz não inclui um tipo de atitude passiva, de paz a qualquer custo; não inclui capitular ao erro ou injustiça apenas para manter as aparências. Esse tipo de comportamento, muitas vezes, leva à luta com nós mesmos. Os conflitos que perturbam nossa paz com os outros devem ser enfrentados e tratados com coragem mas também com bondade. Buscar a paz não significa fugir das causas da discórdia.

Consideremos alguns passos práticos, bíblicos, que podemos dar na busca da paz nos conflito com outros crentes:

Primeiro, *devemos lembrar-nos de que somos membros do mesmo corpo*. Paulo diz: “Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (1 Coríntios 12. 12). Mais adiante, no mesmo capítulo, ele diz que o alvo é “que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros” (v. 25). É incrível que diferentes partes do mesmo corpo guerreiem entre si! Estou

convicto de que haveria muito menos desarmonia e conflito entre os crentes se tivéssemos sempre em mente que somos membros do mesmo corpo.

Paulo diz, ainda com mais força, em Romanos 12.5: “cada membro está ligado a todos os outros”. Não somos apenas membros do mesmo corpo, mas *pertencemos* uns aos outros. A pessoa com quem você tem dificuldade em manter paz pertence a você, e você pertence a ela. Que contradição para a unidade do corpo é a discórdia entre seus membros!

Não só devemos lembrar-nos de que somos membros de um só corpo; *devemos lembrar-nos, também, que é do corpo de Cristo que somos membros*. É a sua glória, e a honra de sua igreja, que estão em jogo em nossas relações mútuas. Poucas coisas desonram tanto a causa de Cristo quanto as desavenças entre os irmãos. Excluímos os adúlteros de nossa comunhão, mas toleramos a discórdia. Deixamos de entender e obedecer ao imperativo bíblico de “seguir a paz com todos”.

Terceiro, *devemos reconhecer que a causa da discórdia muitas vezes é toda ou parcialmente nossa*. Devemos buscar um verdadeiro espírito de humildade no que se refere à nossa própria responsabilidade, em vez de lançar toda a culpa sobre a outra pessoa. Às vezes tenho observado discórdia entre crentes, na qual ambas as partes lançam toda a culpa pelo conflito sobre a outra. Nenhuma delas estava disposta a aceitar a responsabilidade por um mal-entendido. Ao buscarmos a paz, devemos estar preparados para enfrentar a realidade e confessar à outra parte qualquer erro em nossa atitude, ação ou palavras.

Finalmente, *devemos tomar a iniciativa de restabelecer a paz*. Jesus ensinou que não faz diferença se fomos nós quem ofendeu o irmão ou se foi ele quem ofendeu a nós. Em qualquer dos casos, nós somos sempre responsáveis por iniciar os esforços no sentido da paz (veja Mateus 5.23-24 e 18.15). Se nossa intenção de buscar a paz for séria, não nos preocuparemos em saber qual de nós é a parte ofensora. Teremos um só objetivo: restabelecer a paz de uma maneira piedosa. Conflitos não resolvidos entre os crentes é pecado e devem ser tratados como tal; de outra sorte, o mal se espalhará

pelo corpo como câncer até que exija radical cirurgia espiritual. Muito melhor é eliminá-lo quando se pode fazê-lo com facilidade.

Todavia, pode haver ocasiões em que tenhamos buscado a paz e de nada adiantou. A Bíblia admite essa possibilidade (Romanos 12.18), mas estejamos certos de termos feito o que podíamos para restaurá-la.

A ordem de ir procurar o irmão, dos capítulos 5 e 18 de Mateus, relaciona-se a conflito entre crentes; a busca da paz com incrédulos demanda um método um tanto diferente. Está claro que nesse caso não somos membros do mesmo corpo. Não partilhamos a obra do Espírito Santo que nos capacita a restabelecer a paz. Como, pois, resolver o conflito com incrédulos?

Primeiro, *se ofendemos a um incrédulo, nossa responsabilidade é tomar medidas para restabelecer a paz.* Às vezes isto é mais humilhante do que procurar um crente para confessar um erro. O incrédulo não está em condições de reagir de uma maneira bondosa e perdoadora. Mas, humilhante ou não, se quisermos manter o testemunho cristão, é preciso fazê-lo.

Que devemos fazer, porém, quando o incrédulo nos ofende? Quando não há vínculo comum, não há comunhão a ser restaurada, não há a presença do Espírito Santo em ambas as partes para ajudar na restauração, tendemos a pensar em termos de vingança — se não por atos, pelo menos em pensamento.

Creio que Romanos 12.17-21 tem a resposta. Ao examinar esse texto vemos que, primeiro, *devemos fazer tudo o que nos for possível para manter a paz*, no que depender de nós.

Segundo, *de maneira alguma devemos buscar vingança.* Não devemos retribuir o mal com o mal; deixemos a questão de justiça nas mãos de Deus. Por isso, muitas vezes, quando somos ofendidos, ou pensamos haver sido, imaginamos acertar as contas com a outra pessoa. Não *tencionamos* tirar desforra, mas na realidade o fazemos mentalmente. Tal atitude é de todo contrária às Escrituras. O versículo 19 de Romanos 12 diz que fazer justiça é prerrogativa de Deus; somente seu juízo está sempre de acordo com a verdade. Só ele conhece todos os fatos e os motivos das outras pessoas.

Ao dispor-nos a deixar a justiça nas mãos de Deus, temos sua garantia de que ele retribuirá. Deus é Deus de infinita justiça; nenhuma injustiça que nos seja infligida jamais passará despercebida aos seus olhos. Embora aconteça de nunca sabermos da retribuição, temos a promessa divina de que será feita.

Naturalmente, nosso objetivo com referência a um incrédulo ofensor não deve ser o desejo de vingança, quer da parte de Deus, quer da nossa. Aqui, a finalidade da certeza da justiça divina não é satisfazer a nosso próprio senso de justiça, mas removê-la da mente. Com efeito, Deus está dizendo: “Não se preocupe com a justiça. Deixe isso comigo. Quanto a você, preocupe-se em ganhar o incrédulo ofensor”. Podemos conquistá-lo, ou, pelo menos, esforçar-nos para tanto, retribuindo o mal com o bem. Qualquer que seja a nossa compreensão da expressão “você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele” (v. 20), parece claro que o intento deve ser conquistar o incrédulo.

Visto como a paz é fruto do Espírito, dependemos da obra dele para produzir o desejo e os recursos na busca da paz. Mas também somos responsáveis por usar os recursos que ele nos deu em tomar todas as providências práticas no sentido de alcançar a paz interior e a paz com os outros.

Procure memorizar textos bíblicos tais como Filipenses 4.6-7, 1 Pedro 5.7, Romanos 12.18, ou quaisquer outros que você julgar especialmente úteis. Comece a meditar neles, e peça ao Espírito Santo que os traga à sua mente na próxima oportunidade em que necessitar seguir o que ensinam. Lembre-se de que o exercício na piedade requer disciplina espiritual: meditar na Palavra de Deus e aplicá-la à vida sob a direção de nosso mestre, o Espírito Santo.

14. PACIÊNCIA

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.

COLOSSENSES 3.12-13

O caráter cristão é como uma peça de vestuário tecida de fios de cores e tonalidades diferentes. À distância, a vestimenta parece ser de uma só cor, mas um exame minucioso revela que foi necessária uma combinação de fios de variegadas cores para produzir o efeito total. O observador casual não se interessa muito por esses vários fios; ele observa e aprecia o efeito geral da veste. Mas o criador do tecido tem de considerar cada fio individualmente, assegurando-se de que as tonalidades e cores sigam corretamente o padrão do desenho.

Alguns dos traços do caráter piedoso parecem misturar-se como os matizes de um fio numa vestimenta ou as cores de um arco-íris. A paciência, ou longanimidade, por exemplo, tem um efeito muito semelhante ao da alegria e paz em nossas vidas. A palavra *paciência*, conforme a empregamos no linguajar cotidiano, no Novo Testamento representa diversas e diferentes palavras, e é usada para descrever uma reação piedosa a situações variadas. Essas diferentes palavras e usos fundem-se produzindo uma qualidade global.

O cristão verdadeiramente paciente deve manifestar paciência piedosa em todas as circunstâncias que a exigem. Assim como o desenhista e o tecelão de um belo tecido devem considerar cada fio em si, também o cristão que deseja crescer em paciência deve dispensar atenção a cada faceta desta qualidade conforme se aplica à sua vida.

Sofrendo maus tratos

Um dos aspectos da paciência envolve suportar o abuso. A resposta bíblica ao sofrimento nas mãos de outros chama-se *longanimidade*, e essa tradução talvez seja a que melhor descreve seu significado. Este aspecto da paciência é a capacidade de sofrer por longo tempo sob os maus tratos de outros sem que nos tornemos ressentidos ou amargos. As oportunidades de exercitar esta qualidade são numerosas; vão desde as injustiças maldosas até às brincadeiras aparentemente inocentes. Incluem ridículo, zombaria, insultos, censuras não merecidas, bem como franca perseguição. O cristão que é vítima de intrigas políticas no escritório ou da parte do poder organizacional deve reagir com longanimidade. O marido ou esposa crente, rejeitado ou maltratado pelo cônjuge incrédulo precisa deste tipo de paciência.

O apóstolo Paulo encareceu, de modo especial, a necessidade de longanimidade na vida da pessoa piedosa. Ele a menciona em sua primeira carta aos coríntios, no rol de qualidades que caracterizam o amor. Ele a inclui na relação dos nove traços a que chama de fruto do Espírito, na carta aos gálatas. Ao descrever aos efésios uma vida digna da vocação de Deus, ele inclui a característica da longanimidade. Também ele a apresenta quando dá aos colossenses uma lista de qualidades piedosas das quais os cristãos devem revestir-se. Acentua-a aos tessalonicenses, e recomenda sua própria vida aos coríntios e a Timóteo, em parte porque a paciência é um dos traços do seu caráter.

Como podemos crescer neste aspecto da paciência, que suporta por longo tempo os maus tratos dos outros? Primeiro, devemos considerar a *justiça* de Deus. Em suas instruções aos servos que precisavam ser pacientes sob o tratamento injusto de senhores desapiados, Pedro diz-lhes que sigam o exemplo de Cristo: “Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1 Pedro 2.23). Observe que o oposto de revide é a entrega a Deus, que julga retamente. A justiça de Deus é absoluta, e, conforme Paulo lembra em Romanos 12.19, ele promete: “eu retribuirei”.

Um dos pensamentos que mais perturbam o cristão que sofre, que ainda não aprendeu a paciência, é o problema da justiça. Ele teme que seu atormentador escape à justiça, que não receba o castigo que merece. O cristão paciente, que sofre, deixa este problema nas mãos de Deus. Ele confia em que Deus fará justiça, embora saiba que isto pode não ocorrer até à volta de nosso Senhor (2 Tessalonicenses 1.6-7). Em vez de aguardar uma oportunidade de revide, ele ora pedindo o perdão de Deus para seus atormentadores, do mesmo modo que Jesus e o mártir Estêvão oraram por seus carrascos.

Para desenvolver a paciência em face de maus tratos, devemos adquirir a convicção da *fidelidade* de Deus em operar a nosso favor. Pedro diz que “aqueles que sofrem de acordo com a vontade de Deus devem confiar suas vidas ao seu fiel Criador e praticar o bem” (1 Pedro 4.19). Devemos confiar-nos à justiça de Deus e entregar-nos à sua fidelidade. Deus não somente tratará com justiça (e oramos, com misericórdia) nosso atormentador, mas também com fidelidade para conosco.

José exemplificou esse tipo de entrega à fidelidade de Deus. Depois de sofrer abuso por parte dos irmãos, ele pôde dizer-lhes: “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos” (Gênesis 50.20). Deus pode tomar, e de fato toma, os atos deliberadamente maus de outras pessoas e os transforma em atos para o bem, tanto para nós como para os outros. A pessoa paciente sob maus tratos infligidos por outros é aquela que, desenvolvendo tal confiança na sabedoria, poder e fidelidade de Deus, de boa vontade entrega sua situação nas mãos dele.

Respondendo à provocação

O aspecto da paciência que chamamos de longanimidade também é empregado para descrever a reação da pessoa piedosa à provocação. Emprego a palavra *provocação* para denotar as ações alheias que tendem a suscitar nossa raiva ou ira, que nos levam a perder as estribeiras. Diferente dos maus tratos infligidos por outros, que muitas vezes escapam ao nosso controle, a provocação

encontra-nos numa posição em que podemos fazer algo a respeito. Ela pode vir na forma de contestação de nossa autoridade, da parte dos pais, de professores, ou de supervisores no serviço, ou pode ser uma acutilada ou importunação. Seja qual for a forma, ela é quase sempre deliberada, e estamos em posição de revidar ou castigar na mesma hora e com severidade.

Quando exercitamos a paciência sob provocação, estamos imitando o próprio Deus. Em Êxodo 34.6-7, Deus descreve a si mesmo como “compassivo... [que] perdoa a maldade, a rebelião e o pecado”. Diariamente, Deus suporta com grande paciência a provocação de homens pecaminosos, rebeldes, que desprezam sua autoridade e ignoram sua lei ou desdenham dela. É a essas mesmas pessoas que Paulo dirige a pergunta: “Ou será que você despreza as riquezas da sua bondade, tolerância e paciência...?” (Romanos 2.4). Desprezam não só a sua autoridade, mas também sua paciência. Não obstante, Deus continua a mostrar as *riquezas* da sua paciência aos que menos a merecem.

O segredo da paciência sob provocação é buscar desenvolver o traço do próprio Deus de ser “compassivo”. Tiago diz que o cristão deve ser “tardio para irar-se” (Tiago 1.19). Paulo diz que uma característica do amor é que ele “não se ira facilmente” (1 Coríntios 13.5).

O melhor modo de desenvolver esta lentidão para irar-se é refletir frequentemente sobre a paciência de Deus para conosco. A parábola do servo incompassivo (Mateus 18.21-35) destina-se a ajudar-nos a reconhecer a necessidade de paciência que temos para com outros, reconhecendo a paciência de Deus para conosco. Nesta parábola, o servo incompassivo tinha uma enorme dívida com seu senhor. O rei da parábola, evidentemente, representa Deus, enquanto o servo endividado representa cada um de nós em nosso relacionamento com Deus como pecadores. À medida que a parábola se desenrola, o primeiro servo recebe o perdão de sua enorme dívida. Mas logo depois de sair da presença de seu senhor, ele encontra um dos seus conservos que lhe devia uma importância quase insignificante, e com impaciência exige o pagamento, chegando ao ponto de lançá-lo na prisão.

Somos como o servo incompassivo quando perdemos a paciência sob provocação. Ignoramos a extrema paciência de Deus conosco. Disciplinamos nossos filhos com raiva, enquanto Deus nos disciplina com amor. Temos gana de castigar a pessoa que nos ofende, enquanto Deus está ansioso por perdoar-nos. Fazemos questão de exercer nossa autoridade, enquanto Deus faz questão de exercer seu amor.

Este tipo de paciência não ignora a provocação recebida; ela simplesmente responde aos provocadores de forma piedosa. Ela permite que controlemos o temperamento quando somos provocados, e tentemos lidar com a pessoa e sua provocação de modo que tende a sanar as relações em vez de agravar os problemas. Ela busca o máximo bem da outra parte, em vez da imediata satisfação de nossas próprias emoções erizadas.

A pessoa cujo temperamento é propenso a descontrolar-se deve exercitar a paciência sob provocação. Em vez de desculpar-se dizendo: “eu sou assim mesmo”, ela deve admitir que seu temperamento impaciente é um hábito pecaminoso diante de Deus. Deve meditar muito sobre versículos tais como Êxodo 34.6; 1 Coríntios 13.5 e Tiago 1.19. Também deve orar fervorosamente para que Deus Espírito Santo a transforme no íntimo. Deve pedir desculpas à pessoa objeto de seu ímpeto toda vez que perder a calma. (Isto ajuda-a a desenvolver a humildade e um senso de sua própria pecaminosidade diante de Deus.) Por fim, não deve desanimar-se quando falhar. Precisa reconhecer que seu problema é tanto um hábito pecaminoso como um resultado do temperamento. Os hábitos não se quebram facilmente, e haverá fracasso. Mas, segundo as palavras de Provérbios 24.16, “ainda que o justo caia sete vezes, tornará a erguer-se”.

Tolerando as deficiências

É provável que muitos de nós tenhamos ocasião de mostrar paciência para com as faltas e fracassos de outros com maior frequência do que em relação aos maus tratos ou provocações que recebemos. As pessoas sempre se comportam de certas maneiras que, embora não dirigidas contra nós, afetam e irritam-nos, ou nos

desapontam. Pode ser o motorista do carro à nossa frente que está dirigindo muito devagar, ou o amigo que se atrasou para um encontro, ou a falta de atenção de um vizinho. Na maioria das vezes é a ação inconsciente de algum membro da família, cujo hábito irritante é aumentado pela estreita associação cotidiana. O tipo de paciência necessária para ignorar essas circunstâncias é o que se exige de nós, provavelmente, com maior frequência no seio de nossas próprias famílias ou das comunidades cristãs.

A impaciência com as falhas alheias muitas vezes tem suas raízes no orgulho. John Sanderson observa: “Difícilmente passa um dia sem que se ouçam observações zombeteiras da estupidez, do desajeitamento, da inépcia de outros”.^[38] Tais observações se originam de um sentimento de que somos mais inteligentes ou mais capazes do que aqueles com os quais nos impacientamos. Mesmo que isso fosse verdade, Paulo diz em 1 Coríntios 4.7 que quaisquer habilidades que possuamos, foram-nos dadas por Deus, por isso não temos motivo para achar que somos melhores do que os outros.

A reação paciente às falhas e fracassos alheios talvez seja melhor descrita pela palavra *suportar*, empregada em Efésios 4.2 e Colossenses 3.13. Literalmente, essa palavra pode significar “tolerar” e pode ser usada no sentido negativo de aguentar com má vontade as falhas de outrem. Esse, obviamente, *não* é o sentido em que Paulo a emprega. Pelo contrário, ele usa *suportar* no sentido de tolerância bondosa das falhas alheias.

Suportar ou tolerar, nas Escrituras, refere-se ao amor, à unidade dos crentes e ao perdão de Cristo. Em Efésios 4.2-3, Paulo diz: “Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, *suportando uns aos outros com amor*. Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”. Pedro diz que “o amor cobre multidão de pecados” (1 Pedro 4.8, ARA); o amor leva-nos a passar por alto ou tolerar suas deficiências.

Lembro-me de uma ocasião em que um amigo meu esqueceu-se de um encontro que tinha comigo. Em vez de impacientar-me, simplesmente dei de ombros. Mais tarde tentei descobrir por que eu havia tido uma reação tão tolerante com esta falha. Concluí que foi porque eu amava e prezava muito aquele

amigo, e o princípio que Pedro declarou: “o amor cobre multidão de pecados”, estava em ação.

Paulo diz que devemos suportar-nos uns aos outros a fim de preservarmos a “unidade do Espírito”. A unidade que o Espírito aplica ao corpo de Cristo. Devemos *esforçar-nos* por preservar essa unidade. Precisamos dar muito mais importância à unidade do corpo que às pequenas irritações ou desapontamentos. Aqui também, como na preservação da paz, Romanos 12.5 é muito útil: “cada membro está ligado a todos os outros”. Quando sou tentado a irritar-me com meu irmão em Cristo, lembro-me de que ele me pertence, e eu pertenço a ele; isso ajuda a sufocar esse florescente senso de exasperação.

Em Colossenses 3.13 Paulo equipara o suportar ao perdoar: “Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou”. A ideia de queixa usada neste versículo parece conter a noção de “mania de criticar” com referência a ações sem importância ao invés de preocupação com problemas mais graves. Em vez de permitir que essas ações nos irritem, devemos usá-las como oportunidade para perdoar assim como o Senhor nos perdoou.

A parábola do servo incompassivo ensina o princípio de perdoar como o Senhor nos perdoou. O ponto principal dessa parábola é o tremendo contraste entre as duas dívidas: uma quantia enorme *versus* uma quantia irrisória. O Senhor Jesus também ressalta a questão do tempo dos dois encontros; o servo incompassivo, recém-saído da presença perdoadora de seu senhor, volta-se para seu devedor e exige sem dó nem piedade o pagamento imediato.

Como esta parábola retrata bem a nossa impaciência! Todos os dias Deus nos atura pacientemente, e todos os dias somos tentados a impacientar-nos com os amigos, com os vizinhos, com os entes queridos. E nossas faltas diante de Deus são muito mais sérias do que as pequenas ações alheias que tendem a irritar-nos! Deus nos chama a aturar com benevolência as fraquezas dos outros, tolerando-as e perdoadando como ele nos perdoou.

Essa tolerância ordenada pela Bíblia não nos proíbe corrigir as falhas alheias ou confrontar um hábito irritante de alguém. Pelo contrário, Jesus ensina que tal correção deve ser feita com a atitude certa. Não devemos querer tirar o argueiro, algum hábito ou falha irritante, do olho de nosso irmão enquanto não houvermos tirado primeiro a trave de nosso próprio olho. A trave de nosso olho pode ser qualquer atitude errada para com o irmão, uma reação às suas faltas ou fraquezas. Pode ser irritação, orgulho, ou uma atitude de crítica ou desdém. Qualquer que seja nossa atitude errada, devemos primeiro corrigi-la, assegurando-nos de que o desejo de corrigir ou confrontar não provém de um espírito de impaciência, mas de um espírito de amor e interesse pelo bem-estar da outra pessoa.

Esperando em Deus

Outra área em que a maioria de nós precisa aprender a paciência é na tabela de horário da operação de Deus. É possível que tenhamos orado durante muitos anos pela salvação de uma pessoa amada, pela solução de algum problema que enfrentamos, ou pela realização de algum desejo há muito esperado. A longa espera de Abraão pelo nascimento de Isaque é o clássico exemplo bíblico da necessidade de paciência para aguardar o tempo de Deus. À semelhança de Abraão, muitos de nós temos tentado acelerar o horário de Deus ou dar outra solução, como Sara e Abraão fizeram com Ismael, que termina em tristeza e não em realização.

Saul é outro exemplo de alguém que não quis esperar pelo cumprimento do horário de Deus, e por isso perdeu o reino. Tanto Abraão como Saul se impacientaram por causa da descrença na fidelidade de Deus e pela falta de disposição de esperar nele. Deus, em sua soberana graça, deu a Abraão outra oportunidade e desse modo ele se tornou o pai dos que creem.

Contrastando com Saul, Davi esperou que o Senhor cumprisse o plano que tinha para ele. De maneira consistente ele recusou resolver o problema a seu modo, dizendo, antes,

Coloquei toda minha esperança no Senhor; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro. Ele me

tirou de um poço de destruição, de um atoleiro de lama; pôs os meus pés sobre uma rocha e firmou-me num local seguro. (Salmo 40.1-2)

Tiago trata do problema da espera referindo-se primeiro à paciência do lavrador que aguarda a colheita, depois à paciência dos profetas que morreram sem ver o cumprimento da maior parte de suas profecias. Finalmente apresenta a paciência de Jó, que no fim da vida recebeu o livramento do Senhor. O acontecimento supremo pelo qual todos esperamos é, naturalmente, a vinda do Senhor. Com o apóstolo João, clamamos em nossos corações: “Vem, Senhor Jesus” (Apocalipse 22.20).

A cura da impaciência pelo cumprimento do horário de Deus é crer nas suas promessas, obedecer à sua vontade e deixar com ele os resultados. É frequente, quando o horário de Deus se transforma em anos, desanimar-nos e desistir. Vem-me à mente um desejo que tive, e achei que Deus logo o realizaria. Passados alguns anos, praticamente desisti; mas, no sétimo ano, Deus respondeu à minha oração. Penso noutra resposta à oração que ocorreu recentemente. Eu vinha orando por esse pedido durante tantos anos, que quando a resposta finalmente veio, achei que era boa demais para ser verdade. Penso ainda noutro desejo que Deus me deu, pelo qual orei durante treze anos antes de receber a resposta. Mas quando ele respondeu, ela veio em medida abundante.

Não obstante, a despeito dessas respostas demoradas às orações, ainda luto com a impaciência com o horário de Deus. Ainda desejo desistir ou tentar fazer algo por minha própria conta. Preciso levar a sério a admoestação do escritor de Hebreus: “De modo que vocês não se tornem negligentes, mas imitem aqueles que, por meio da fé e da paciência, recebem a herança prometida” (6.12). Se você luta, como eu, com a impaciência da espera, esse pode ser um bom versículo para decorar e meditar nos meses vindouros.

Perseverando na adversidade

Uma vez que a longanimidade deve ser nossa reação paciente às *peessoas* que nos maltratam ou provocam, a persistência e a perseverança devem ser nossa reação paciente às *circunstâncias* que nos provam. *Persistência* é a capacidade de resistir à adversidade; *perseverança* é a capacidade de progredir, a despeito dela. Essas duas palavras são traduções do mesmo vocábulo grego e representam simplesmente duas visões diferentes da mesma qualidade: uma resposta piedosa à adversidade.

A fonte da adversidade pode ser o mau trato de outras pessoas, como no caso dos irmãos de José ao venderem-no como escravo; ou quando Saul perseguia a Davi; ou quando os judeus rejeitaram e crucificaram o Senhor Jesus. Outras vezes, nossas provações resultam de ataques de Satanás, como no caso de Jó. Ainda outra fonte de adversidade é a mão disciplinadora de Deus.

Qualquer que seja a fonte de nossa situação adversa, o segredo da persistência e da paciência é crer que Deus, em última instância, está no controle, trabalhando os eventos para nosso bem. Diz Romanos 15.4: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança”. As histórias de Abraão, Jacó, José, Davi e Jó foram escritas para que tenhamos o privilégio de ver Deus operando, controlando as circunstâncias, para o bem deles e para sua glória. Esses exemplos deveriam incentivar-nos a crer que Deus controla igualmente nossas circunstâncias, muito embora nem sempre o percebamos. Durante muitos anos tem-me sido útil reconhecer que Deus nunca explicou a Jó o motivo de suas provações. Somos levados para trás dos bastidores onde vemos a batalha entre Deus e Satanás. Mas Jó nunca teve conhecimento disso. Ele simplesmente chegou ao ponto em que aceitou tudo quanto Deus permitisse. Na maioria das vezes, não vemos a finalidade das provações. Mas pelo incentivo das Escrituras devemos ter esperança, e através da esperança, devemos perseverar.

Persistência e perseverança nas Escrituras acham-se, muitas vezes, associadas com a esperança. Em cada um dos quatro casos nos quais Paulo fala da perseverança ou persistência, em Romanos,

é no contexto da esperança. Ele elogia a persistência inspirada pela esperança dos crentes tessalonicenses. E todo o tratamento da persistência e perseverança por parte do escritor de Hebreus vincula intimamente persistência e perseverança com esperança (veja em especial os capítulos 10-12). O capítulo 11 de Hebreus, o grande capítulo da fé, é parte deste alongado desafio à persistência e à perseverança; seu início é uma definição de fé como “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”.

O objeto desta esperança é, naturalmente, nossa glorificação final com Cristo na eternidade. A vida que levamos aqui na terra não passa de uma busca dessa esperança. O escritor de Hebreus compara-a a uma corrida que deve ser realizada com perseverança. Nossa experiência cristã não é uma corrida de velocidade que logo termina; é uma corrida de distância que dura a vida toda. Ela demanda perseverança porque a recompensa, o objeto de nossa esperança, está no futuro distante.

Na Bíblia, persistência e perseverança também se acham com frequência associadas com o sofrimento. É possível que esta conexão não nos agrade, porque podemos recuar diante do sofrimento, mas temos de conviver com ele. A persistência só pode ser produzida sob tensão, física ou espiritual. Na carta aos romanos, Paulo diz que o sofrimento produz perseverança. Tiago diz que as provações que provam nossa fé produzem perseverança. Persistência e perseverança são qualidades que todos nós gostaríamos de possuir, mas detestamos passar pelo processo que as produz. É por isso que Deus é tão fiel em permitir, ou trazer provações às nossas vidas, muito embora preferíssemos evitá-las.

Vemos, assim, que Deus usa o incentivo das Escrituras, a esperança de nossa salvação final na glória, e as provações que ele envia ou permite para produzir persistência e perseverança. Ele também opera diretamente em nosso coração. Paulo diz, em Romanos 15.5, que Deus nos dá paciência e consolação. Sabemos, pelo versículo 4, que Deus usa as Escrituras, mas ele deve, também, trabalhar diretamente, tornando essas Escrituras significativas e aplicáveis a nós. Quando Paulo orou para que os colossenses tivessem grande perseverança e longanimidade, ele

contava com Deus para operar de modo direto no coração deles. Não podemos explicar este ministério direto no coração do crente, mas isso não o torna menos válido. A Bíblia apresenta a todo instante este ministério direto do Espírito de Deus (veja, por exemplo, Romanos 8.26-27; 2 Coríntios 1.3-4; e Efésios 3.16-19).

O fruto da paciência em todos os seus aspectos — longanimidade, persistência, perseverança — é um fruto mui intimamente relacionado com nossa devoção a Deus. Todos os traços de caráter da piedade crescem de nossa devoção a Deus, e nela têm seu fundamento; mas o fruto da paciência deve originar-se dessa relação, de um modo especial. Somente quando tememos a Deus é que nos submetemos às provações permitidas ou por ele enviadas. E somente quando apreendemos em profundidade seu amor por nós em Cristo é que encontramos coragem para suportá-las. As provações sempre mudam nosso relacionamento com Deus. Levam-nos a ele, ou nos afastam dele. A medida do nosso temor e a consciência de seu amor por nós determinam a direção em que nos moveremos.

15. BENIGNIDADE

O fruto do Espírito é... bondade.

GÁLATAS 5.22-23

Revistam-se de profunda... bondade.

COLOSSENSES 3.12

Oramos pedindo paciência; oramos pedindo amor; oramos pedindo pureza e domínio próprio. Mas quem já orou pedindo a graça da benignidade? Escrevendo no ano de 1839, George Bethune disse: “Talvez nenhuma graça seja alvo de oração, ou menos cultivada do que a benignidade. Ela é, deveras, considerada mais como pertencente à disposição ou maneiras externas do que como virtude cristã; e raramente refletimos que não ser benigno é pecado”.^[39]

A atitude cristã para com a benignidade não parece ter mudado desde que Bethune escreveu essas palavras. Certa vez perguntei a um colaborador de nosso ministério se ele conhecia alguém que estivesse cultivando a benignidade ou orando por consegui-la. Ele pensou por alguns instantes, e disse que não conhecia. Não quer isto dizer que a graça da benignidade esteja de todo ausente da comunidade cristã; mas, talvez, não lhe demos o alto valor que Deus lhe dá.

De certo modo, é difícil definir a benignidade, porque com frequência ela é confundida com mansidão, outra virtude cristã que devemos buscar. Billy Graham define a benignidade como “brandura no trato com outras pessoas... ela demonstra uma consideração sensível pelos outros e cuida de nunca ser insensível aos direitos alheios”.^[40] A benignidade é um característica ativo, que descreve a maneira como devemos tratar os outros. A mansidão é um

característico passivo, que descreve a reação cristã adequada quando outros nos maltratam.

A benignidade se exemplifica pela maneira como lidaríamos com uma caixa de copos de cristal de fina qualidade; é o reconhecimento de que a personalidade humana é valiosa, porém frágil, e deve ser manejada com cuidado.

Tanto a benignidade como a mansidão nascem da força, e não da fraqueza. Há uma pseudo-benignidade que é molenga, fraca, e há uma pseudo-mansidão que é covarde. Mas o cristão deve ser benigno e manso porque essas são virtudes que se assemelham a Deus. O capítulo 40 de Isaías descreve tanto o poder como a ternura de Deus:

O Soberano Senhor vem com poder! (v. 10)

Na verdade as nações são como a gota que sobra do balde; para ele são como o pó que resta na balança; para ele as ilhas não passam de um grão de areia. (v. 15)

“Com quem vocês me compararão? Quem se assemelha a mim?”, pergunta o Santo. Ergam os olhos e olhem para as alturas. Quem criou tudo isso? Aquele que põe em marcha cada estrela do seu exército celestial, e a todas chama pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão imensa a sua força, que nenhuma delas deixa de comparecer! (vv. 25-26)

Entremeadas nesta descrição do poder de Deus estão estas palavras:

Como pastor ele cuida de seu rebanho, com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo; conduz com cuidado as ovelhas que amamentas suas crias. (v. 11)

A mesma passagem que acentua a infinitude do poder de Deus também retrata com beleza sua benignidade. Que há que melhor exemplifique a benignidade do que um pastor levando seus cordeirinhos junto ao coração? Não obstante, o Espírito Santo usa

este quadro verbal, emoldurado com exemplos de soberano poder, para descrever a Deus. Jamais devemos temer, portanto, que a benignidade do Espírito signifique fraqueza de caráter. Há necessidade de força, força de Deus, para ser verdadeiramente benigno.

A benignidade de Cristo

Paulo apelou para os cristãos de Corinto: “pela mansidão e pela bondade de Cristo” (2 Coríntios 10.1). Como é que o Novo Testamento descreve a bondade de Cristo? Uma passagem familiar do evangelho de Mateus dá-nos um quadro da benignidade de Cristo:

Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mateus 11.28-30)

William Hendriksen diz que o Novo Testamento siríaco traduz a palavra *manso* como “tranquilo”; por conseguinte, a expressão de Jesus é: “Vinde a mim... e eu vos *descansarei*... porque sou *tranquilo*... e achareis *descanso* para vós mesmos”.^[41] A conduta de Cristo foi tal que as pessoas se sentiam tranquilas em sua presença. Este efeito é outra operação da graça da benignidade. As pessoas sentem-se descansadas, ou tranquilas, na presença do cristão verdadeiramente benigno.

Temos, em Mateus 12.20, outro quadro da benignidade com que Cristo nos trata: “Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante, até que leve à vitória a justiça”. O caniço rachado e o pavio que fuma referem-se a pessoas que sofrem, que são espiritualmente fracas, ou têm pequena fé. Jesus trata tais pessoas com benignidade. Ele não as condena por sua fraqueza; ele não vem com “mão pesada”; pelo contrário, ele as trata benignamente até que a verdadeira necessidade delas seja exposta,

e estejam abertas para receber sua ajuda. Com que beleza seu encontro com a samaritana exemplifica esta benignidade! Com firmeza, mas com amabilidade, Jesus continuou a provar a necessidade dela, até que ela própria a reconheceu e pediu-lhe que a suprisse.

No apelo que fez aos coríntios “pela mansidão e pela bondade de Cristo”, Paulo exemplificou essa benignidade. Poderíamos parafrasear suas observações, dizendo: “Agindo como Cristo agiria nesta situação, *apelo* para vós. Não exijo; não insisto, mas apelo para vós”. Paulo poderia ter repreendido os coríntios por terem permitido em sua comunhão os que procuravam solapar-lhe a autoridade apostólica, porém não o fez; preferiu exercer o fruto da benignidade produzido pelo Espírito.

Quando Paulo escreveu aos filipenses, dizendo “seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus”, ele referia-se especificamente à humildade de Cristo; mas podemos aplicar esta ordem a *todos* os traços do caráter de Cristo. Como seus seguidores, devemos cultivar a benignidade que caracterizou sua vida.

Tratando os outros com benignidade

Um perfil da benignidade conforme deveria manifestar-se em nossa vida, incluiria, em primeiro lugar, diligenciar no sentido de que os outros se sintam à vontade, ou “tranquilos” em nossa presença. Não deveríamos ter opiniões tão intransigentes, nem ser tão dogmáticos, ao ponto de outros terem medo de expressar suas ideias em nossa presença. Devemos, antes, ser sensíveis para com todos. Também devemos evitar exibir nossa entrega ao discipulado cristão de tal modo que outros se sintam culpados, cuidando para não esmagar a cana rachada do cristão magoado ou apagar o pavio que fumega do cristão imaturo.

Em segundo lugar, a benignidade demonstrará respeito pela dignidade pessoal de outrem. Onde se fizer necessário, ela procurará mudar uma opinião ou atitude erradas, por persuasão e bondade, e não por dominação ou intimidação. Com todo o cuidado

evitará a coerção mediante ameaça, quer direta, quer indiretamente (como Paulo, por exemplo, evitou em seu apelo aos coríntios).

A benignidade também fará com que evitemos linguagem áspera e maneira ríspida, buscando, antes, responder a todos com sensibilidade e respeito, prontos para mostrar consideração para com todos. O cristão benigno não se sente com liberdade de “dizer o que pensa e deixar que as farpas caiam onde cair”. Não; ele é sensível às reações dos outros às suas palavras, e atento à maneira como os outros possam sentir-se a respeito do que ele diz. Quando achar necessário ferir alguém com suas palavras, também procurará curar essas feridas com palavras de consolo e estímulo.

O cristão benigno não se sentirá ameaçado pela oposição nem ficará ressentido com os que se opõem a ele. Em vez disso, procurará esclarecer com amabilidade, recorrendo a Deus para desfazer a oposição, conforme Paulo ensinou a Timóteo no capítulo dois de sua segunda carta.

Finalmente, o cristão benigno não degradará, não fará pouco caso do irmão que cai nalgum pecado, nem espalhará boatos a seu respeito. Pelo contrário, entristecer-se-á por ele e orará para que se arrependa. Se achar justo envolver-se pessoalmente com o irmão que errou, procurará recuperá-lo com amabilidade, conforme Paulo instrui no capítulo 6 de Gálatas, cômico de que ele próprio também está sujeito à tentação.

O cristão que verdadeiramente busca obedecer a Deus mediante o caráter benigno, será ativo na busca da benignidade, esforçando-se por revestir-se dela (veja Colossenses 3.12 e 1 Timóteo 6.11). Ele colocará a virtude piedosa em lugar de destaque na sua lista de características espirituais e recorrerá a Deus Espírito Santo para produzir este fruto em sua vida.

Tratando os outros com consideração

Há um traço estreitamente relacionado com a benignidade que também deve caracterizar o cristão piedoso que busca manifestar o fruto do Espírito em sua vida. Resolvi chamá-lo de *consideração*, embora, de acordo com os comentaristas, o termo bíblico demande

diversas palavras para traduzir a plenitude de seu significado. Ele aparece em Filipenses 4.5: “Seja a *amabilidade* de vocês conhecida por todos. Perto está o Senhor” (ênfase adicionada). Na *New International Version* o termo é sempre traduzido como *amabilidade* e *consideração* (veja Filipenses 4.5; 1 Timóteo 3.3; Tito 3.2, e Tiago 3.17).^[42] A *New American Standard Bible* também usa como *amabilidade* e *consideração*, exceto em Filipenses 4.5, onde usa o termo *espírito tolerante*.^[43]

William Hendriksen diz ser necessário um bom número de sinônimos para expressar o amplo significado desta palavra: aquiescência, razoabilidade, grande sinceridade, jovialidade, consideração.^[44] James Adamson emprega a palavra *humanitário* em seu comentário sobre Tiago, e diz que ela descreve “o homem justo, atencioso e generoso, em vez de rígido e exigente em suas relações com os outros... Contrasta-se com ‘justiça estrita’ e emprega-se com referência aos juízes que não insistem na letra da lei... Também é usada com relação a pessoas que dão ouvidos à razão”.^[45] W. E. Vine diz que ela é “o traço que nos capacita examinar com sentido humanitário e razoável os fatos de um caso... não insistindo na letra da lei”.^[46]

Os fariseus, rígidos em sua adesão absoluta à tradição, demonstravam perfeitamente o oposto de consideração. Estavam sempre perguntando: “É lícito?”. Nunca perguntavam: “É amável ou razoável?”. Jesus estava sempre às voltas com os fariseus, porque constantemente ele rompia com suas rígidas tradições e, em muitos casos, punha às claras seu total absurdo.

O cristão atencioso ouve à razão e é imparcial e humanitário. Em vez de insistir na letra da lei, pergunta: “Qual é a coisa certa a fazer nesta situação?”. Esta maneira de pensar não deve, porém, ser confundida com a filosofia humanista que diz: “Se você achar que é certo, faça-o”. Esta filosofia está inteiramente centrada no eu e se concentra nos desejos carnis do indivíduo. A consideração, por outro lado, concentra-se na outra pessoa, e indaga: “Que é melhor para ela?”.

A admoestação de Paulo, em Filipenses 4.5, proporciona a motivação apropriada para uma atitude atenciosa. “Seja a

amabilidade [ou consideração] de vocês conhecida por todos. Perto está o Senhor”. Podíamos reescrever: “O Senhor está atrás de mim, observando como me comporto nas várias relações que tenho com as pessoas hoje. Serei rígido e exigente com elas? Ou serei amável e atencioso, buscando compreender as pressões e incertezas que elas enfrentam, levando em conta esses fatores?”. Devemos mostrar consideração a todos: ao balconista, ao motorista de ônibus, aos membros de nossa família, aos incrédulos, assim como aos crentes.

Receio que, com demasiada frequência, nós, cristãos, sejamos menos bondosos e atenciosos do que os não crentes. Pensamos estar defendendo um princípio quando, na realidade, estamos apenas fazendo prevalecer nossa opinião. Como é que os outros nos veem? Parecemos rígidos, obstinados, inflexíveis, ou somos tidos como joviais, razoáveis e humanitários em nossos relacionamentos com os outros? Os fariseus contemporâneos de Jesus incrustavam suas próprias tradições nos mandamentos de Deus. Sejam cuidadosos, evitando fazer a mesma coisa.

O traço da consideração é um dos característicos da sabedoria celestial (veja Tiago 3.17). Se quisermos ser sábios aos olhos de Deus, devemos cultivar este traço de razoabilidade e de jovialidade.

Buscando um espírito benigno

Suspeito que de todos os traços de caráter da piedade, neste estudo, a benignidade seja o que menos apela para muitos leitores do sexo masculino. Por algum motivo parece que temos dificuldade em crer que masculinidade e benignidade possam fazer parte da mesma pessoa. Muitas vezes os homens querem ver benignidade nas mães e esposas, mas não em si mesmos. A imagem de “machão” do mundo masculino não cristão tem a tendência de contagiar até mesmo os crentes. Mas o apóstolo Paulo serve-se do exemplo da benignidade de uma mãe para descrever seu próprio caráter. Ele podia dizer aos tessalonicenses: “todavia, nos tornamos dóceis entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos”. Um amigo meu, ex-marinheiro, muitas vezes escreve em suas cartas:

“Seja durão e terno”. Durão com nós mesmos e ternos com os outros. É este o espírito da benignidade.

Quais são alguns passos que podemos dar para desenvolver um espírito benigno? Primeiro, devemos decidir se este é um traço que na realidade desejamos desenvolver. É preciso decidir que desejamos ser amáveis e sensíveis em nossos tratos com os outros; que estamos dispostos a viver sem uma estrutura rígida de regras impressas. Temos de decidir se realmente desejamos *interessar-nos* pelas pessoas.

Segundo, podemos indagar daqueles que nos conhecem bem sobre como os outros nos veem. Somos dogmáticos e obstinados, ásperos e ríspidos? Procuramos intimidar ou dominar os outros pela força de nossa personalidade? As pessoas se sentem mal em nossa presença porque acham que em silêncio estamos julgando suas fraquezas e corrigindo suas faltas? Se tivermos quaisquer desses traços, devemos enfrentá-los com honestidade e humildade.

À medida que enfrentamos a necessidade geral, também devemos pedir ao Espírito Santo que nos conscientize de situações específicas nas quais deixamos de atuar com benignidade ou consideração. Não basta admitir, de maneira vaga, que talvez tenhamos falta desta virtude piedosa. É preciso identificar situações específicas nas quais temos deficiência. Só então seremos impulsionados a orar com fervor, pedindo a graça da benignidade. E, como sempre, devemos decorar uma ou mais passagens da Bíblia referentes a este tópico. Sugiro-lhe uma rápida recapitulação deste capítulo, e, tendo em vista a meditação futura, escolha pelo menos um versículo bíblico para memorizar. A seguir, coloque esta necessidade em sua lista de oração, e ore para que Deus opere de tal modo em sua vida que, por seu poder, você demonstre o fruto da benignidade.

16. MISERICÓRDIA E BONDADÉ

Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé.

GÁLATAS 6.10

Misericórdia e bondade relacionam-se tão estreitamente que muitas vezes se usa uma palavra em lugar da outra. Esses dois traços completam uma progressão natural no caráter piedoso: a paciência denota uma reação piedosa aos maus tratos; a benignidade define uma conduta piedosa para com as pessoas em todas as ocasiões; a misericórdia e a bondade apresentam um desejo ativo de reconhecer e satisfazer às necessidades alheias.

Misericórdia é o desejo sincero de que os outros alcancem a felicidade; bondade é a atividade que promove essa felicidade. Misericórdia é a disposição interior, criada pelo Espírito Santo, que nos leva a ser sensíveis às necessidades alheias, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais. Bondade é a misericórdia em ação: por palavras e atos. Devido a esta relação íntima, muitas vezes usamos as duas palavras como sinônimos.

Minha tendência é pensar na misericórdia em termos de conscientização daqueles que nos cercam e da atenção que podemos expressar-lhes. A misericórdia pode ser transmitida por um sorriso, um muito obrigado, uma palavra de reconhecimento, ou uma palavra de estímulo. Nenhuma dessas expressões custa tempo ou dinheiro. Mas demandam um sincero interesse na felicidade dos que nos rodeiam. Sem a graça de Deus, a maioria de nós tende, naturalmente, a preocupar-se com suas responsabilidades, seus problemas, seus planos. Mas a pessoa que cresceu na graça da misericórdia expandiu seu pensamento para fora de si mesma e de seus interesses; desenvolveu um interesse autêntico pela felicidade e bem-estar dos que estão ao seu redor.

Bondade, por outro lado, envolve atos deliberados, úteis. Embora a Bíblia use a palavra bom com referência ao que é reto, honrado e nobre no caráter ético ou moral, também a emprega para descrever ações que não são apenas boas em si mesmas, mas benéficas aos outros.

Bethune observa muito bem: “A melhor definição prática de benevolência encontra-se na vida e no caráter de Jesus Cristo: ‘Jesus de Nazaré... e como ele andou por toda parte fazendo o bem’ (Atos 10.38). Na medida que nos assemelhamos a Jesus, em sua devoção ao bem-estar dos homens, também possuímos a graça da misericórdia”.^[47]

A misericórdia infalível de Deus

Precisamos manter sempre em mente que nosso alvo no exercício da piedade é crescer tanto em devoção a Deus como em semelhança a ele, no caráter e na conduta. O Novo Testamento tem muito o que dizer sobre a misericórdia divina. A primeira menção encontra-se no capítulo 6 de Lucas: “porque ele é bondoso para com os ingratos e maus”. A seguir verificamos que a bondade de Deus conduz ao arrependimento (Romanos 2.4). Em Efésios 2.7, no contexto de nossa total perdição e pecado, Paulo fala da incomparável riqueza da graça de Deus, expressa em sua bondade para conosco em Cristo Jesus. Ele traça semelhante contraste no capítulo 3 de Tito; depois de descrever nossa condição de perdidos, ele declara: “Mas quando se manifestaram a bondade e o amor... da parte de Deus, nosso Salvador... ele nos salvou”. Parece que a Bíblia procura retratar a bondade de Deus em total contraste com a completa indignidade do homem.

Que lição podemos extrair desses relatos da misericórdia divina? Ele é misericordioso para com todos os homens: os ingratos, os maus, os totalmente perdidos e sem esperança, os rebeldes, sem distinção. Se quisermos ser semelhantes a Deus, teremos, também, de ser benignos para com todos os homens.

Nossa inclinação natural é manifestar misericórdia somente àqueles com os quais temos alguma afinidade natural: família, amigos, vizinhos amáveis. Mas Deus é misericordioso até para com

os mais desprezíveis: os ingratos e maus. Você já tentou ser benigno para com alguma pessoa ingrata? A menos que a graça de Deus estivesse operando em seu coração, de uma forma significativa, sua reação para com a pessoa ingrata bem podia ter sido: “Nunca mais farei coisa alguma por ela!”. Mas Deus não volta as costas aos ingratos. Por isso Jesus nos diz: “Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta” (Lucas 6.35).

Precisamos desenvolver uma disposição misericordiosa, ser sensíveis aos outros e desejar verdadeiramente sua felicidade. Mas, só a sensibilidade não basta: a graça da misericórdia impele-nos a satisfazer a essas necessidades.

Criados para fazer o bem

Muitos de nós estamos familiarizados com Efésios 2.8-9, que ensina ser a salvação pela graça, mediante a fé, e não por obras. Mas deveríamos igualmente conhecer o versículo seguinte: “Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus *preparou de antemão para que nós as praticássemos*” (ênfase adicionada). Esta é uma declaração espantosa. Não apenas somos criados em Cristo Jesus, nascidos de novo com a finalidade de fazer boas obras, mas também somos criados para fazer as boas obras que Deus de antemão preparou para que andássemos nelas. Antes que conhecêssemos a Cristo, e, segundo o Salmo 139.16, antes mesmo de havermos nascido, Deus preparou certas boas obras para que andássemos nelas. A palavra *andar* sugere a experiência comum, cotidiana, e não a fora de comum, heroica. Todos temos a tendência para estar à altura de ocasiões especiais, mas Deus criou-nos para realizar boas obras em meio à monotonia do viver diário. Bethune cita palavras de um escritor anterior a ele: “Grande parte da felicidade do mundo depende daquilo que se denomina pequenas coisas; e é raro que Deus nos honre com distinções heroicas e famosas na prática do bem”.^[48]

Paulo exemplifica com propriedade a trivialidade dos atos bons, em 1 Timóteo 5.9-10. Diz ele que para uma viúva ter direito à

assistência da igreja, ela deve ser “bem conhecida por suas *boas obras*, tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de *boa obra*” (ênfase adicionada). Nenhum desses itens da lista de Paulo é especialmente emocionante ou fascinante. São apenas oportunidades de fazer o bem no viver diário. Embora esta passagem se aplique de maneira específica a mulheres, o princípio é válido igualmente aos homens. A maioria das oportunidades que temos de praticar atos bons surge de nossa vida cotidiana. O desafio é para que estejamos alertas a essas oportunidades e as vejamos não como interrupções ou inconveniências, mas como ocasiões de fazer as boas obras que Deus planejou para nós.

Fazendo o bem no trabalho

Talvez uma das mais óbvias áreas em que Deus preparou as boas obras para que andássemos nelas seja o nosso chamado ou vocação. As boas obras que Deus preparou para nós, individualmente, são consistentes com as habilidades que ele nos concedeu e com as circunstâncias em que ele nos colocou. Quando há um problema com o meu carro, e um mecânico competente o resolve, esse é um ato bom, no meu entender. Se ele o fez como parte de sua vocação diante de Deus e como um serviço ao próximo, é também um ato bom aos olhos de Deus, muito embora fosse pago pelo trabalho.

A maioria das vocações honrosas existem para satisfazer às necessidades das pessoas. Deus ordenou o mundo de sorte que as pessoas com várias capacidades satisfizessem às várias necessidades. Devemos, portanto, pensar em nossa vocação não como um mal necessário para pagar as contas, nem mesmo como oportunidade de enriquecer, mas como o caminho primário de nosso andar cristão onde Deus planejou as boas obras que devemos realizar. Muitos de nós despendemos metade ou mais do tempo que passamos acordados com a nossa vocação. Se não encontramos oportunidades para fazer boas obras nesse tempo, estamos jogando fora metade da vida no que concerne ao propósito de Deus para nós aqui na terra. Se achamos que nosso serviço não nos permite

satisfazer às necessidades das pessoas, então é hora de, em espírito de oração, considerar uma mudança.

Quero, porém, ser claro neste ponto. Estou falando de satisfazer às necessidades *comuns* das pessoas: roupa, transporte, educação, cuidado da saúde e assim por diante. Não estou falando sobre mudar de emprego para entrar no assim chamado trabalho cristão de tempo integral. Se Deus o chamou para esse trabalho, muito bem. Mas essa não é a única arena da vida em que Deus prepara as boas obras para que andemos nelas.

Avalie sua situação de trabalho; se for estudante, considere o trabalho que pensa realizar. Presta-se ele para fazer as boas obras que Deus planejou para você? Que dizer de sua atitude para com o seu emprego? Você o considera como oportunidade para fazer as boas obras que Deus planejou para você no atendimento às necessidades alheias, ou o considera como um mal necessário para ganhar o dinheiro de que precisa? Se quisermos crescer na graça da misericórdia, deveremos ter a atitude certa para com nossa vocação.

Muitas mulheres, evidentemente, não trabalham fora do lar, e podem estar-se perguntando como esta seção se aplica a elas. Para estas, o cuidado do lar é sua vocação, e uma excelente área na qual realizar as boas ações para as quais Deus as chamou. Poucas coisas são mais difíceis do que cuidar de uma casa e educar filhos. A louça, as fraldas, a lavagem de roupa, a limpeza do assoalho, o trabalho da cozinha podem, às vezes, parecer tarefas insignificantes e desagradáveis; não obstante, poucas vocações, se houver alguma, trazem maiores benefícios àqueles a quem elas servem do que cuidar do lar. Você também pode ter maior oportunidade de praticar boas ações fora do lar, tais como prestar serviço aos enfermos e solitários, proporcionar hospitalidade, preparar refeições para outros, ou cuidar dos filhos de alguém. Examine de novo 1 Timóteo 5.10 para ver como Paulo esperava que as donas-de-casa realizassem boas ações para os que não eram de suas próprias famílias.

Fazendo o bem no lar

Em Gálatas 6.10, Paulo diz que “façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé”. Nossa boas ações devem atingir todos os homens, cristãos ou não. Devemos seguir o exemplo de nosso Pai celestial que “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5.45).

Não obstante, na instrução de Paulo há uma prioridade de responsabilidade: primeiro os crentes, depois os incrédulos. Creio que podemos inferir desta ordem uma prioridade semelhante referente a nossas famílias. Devemos fazer o bem a todos os homens, mas principalmente aos membros de nossa própria família. Paulo disse a Timóteo: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente” (1 Timóteo 5.8). As boas obras devem começar em casa. Se saímos para fazer boas obras aos outros enquanto negligenciamos as necessidades do cônjuge, dos pais, ou dos filhos, não estamos exercitando a graça da bondade.

Há pouco tempo ouvi falar de um curso sobre casamento bíblico no qual uma das lições tem por título: “Quem leva o lixo para fora?”. O autor pode ter escolhido um título engraçado para prender a atenção do leitor; contudo, ele percebeu a verdade de que os deveres domésticos são pontos dolorosos em muitos lares, mesmo em lares cristãos. Mas para que o cristão cresça na graça da bondade, os deveres desagradáveis e menosprezados do lar proporcionam-lhe oportunidade de praticar boas ações aos que ele mais ama.

Uma das ricas heranças de *Os Navegadores*, a organização para a qual trabalho, é a ênfase no serviço aos outros, que nosso fundador Dawson Trotman embutiu no próprio tecido da obra, desde seus primeiros dias. Como resultado, servir aos outros, é parte do treinamento de discipulado do navegador. Mas quando tenho tido a oportunidade de dirigir-me aos jovens sobre este assunto, incentivo-os a começar em casa. É bem mais fácil pôr as coisas em ordem após uma conferência de fim de semana do que limpar a garagem do papai. De certa maneira, parece mais espiritual cuidar dos filhos de outra senhora do que ajudar a mamãe a lavar a louça.

Como maridos, muitos de nós temos bastante que crescer na área de boas ações no lar. Há muitas coisinhas que podemos fazer *dentro* da casa, bem como *em torno* dela, para sermos mais sensíveis no atendimento às necessidades de nossas esposas. Quem *leva* para fora o lixo em sua casa? O melhor ensino vem pelo exemplo. Se quisermos treinar nossos filhos na prática de boas ações (e eles *devem* ser treinados, não aprendem a fazê-lo naturalmente), então deveremos servir-lhes de exemplo. Eu me pergunto quantos meninos crescem em lares cristãos e jamais têm o privilégio de ver o papai lavar a louça ou esfregar o piso da cozinha? Façamos o bem a todos, mas especialmente aos de nossa própria família.

Fazendo o bem a todos

Boas ações no trabalho e no lar são importantes, mas também há lá fora um mundo enorme para cada um de nós, com muitas oportunidades de fazer o bem. Até aqui tenho encarecido a satisfação das necessidades físicas das pessoas; mas sendo uma disposição em promover a felicidade alheia, certamente a bondade dirige muito de suas energias para as necessidades espirituais e eternas dos outros. Aqui, também, Deus preparou boas obras para cada um de nós, de acordo com nossos dons e circunstâncias. Precisamos orar, dizendo “Senhor, que queres que eu faça?” e a seguir devemos *fazê-lo*.

Embora devamos observar a prioridade de Paulo em Gálatas 6.10 quanto “aos da família da fé”, não ignoremos os “todos” mencionados no mesmo versículo. Visto como as oportunidades de fazer o bem são praticamente ilimitadas, devemos ser sensíveis ao Espírito Santo de Deus quando ele seleciona as oportunidades para nós.

Um tipo de comportamento contra o qual devemos precaver-nos é a reação impulsiva e superficial às necessidades alheias. Sobre este ponto, Bethune observa com muita sabedoria:

A verdadeira bondade não é meramente impulsiva, mas racional e atenciosa; portanto ela se detém diante de algum problema para inquirir que serviço pode prestar, e

qual a melhor maneira de fazê-lo... A bondade deve estar disposta a dedicar tempo, atenção, paciência, e até mão-de-obra; não apenas dinheiro, palavras bondosas e olhares compassivos.^[49]

A verdadeira bondade é abnegada, não apenas no que se refere a dinheiro, mas também ao tempo. Como os cristãos macedônios que “deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam” (2 Coríntios 8.3), o cristão que deseja fazer o bem aos outros muitas vezes tem de dar o tempo que ele não tem. Com frequência este é um ato de fé igual a dar dinheiro que achamos não ter condições de dar. Sempre estaremos ocupados demais para ajudar os outros, a menos que verdadeiramente compreendamos a importância que Deus atribui às boas obras que prestamos aos outros.

Uma das necessidades menos óbvias, porém mais críticas que muitos (talvez a maioria?) têm é de alguém que os ouça. Não precisam de nosso conselho e, sim, de nossa atenção.

Um amigo meu sofreu uma tragédia. Sem saber o que dizer, hesitei em entrar em contato com ele. Por fim telefonei-lhe convidando-o para almoçar. Passei uma hora ouvindo. Nada de dar conselhos, apenas ouvir. A única vez que falei foi para induzi-lo a expressar-se. O que ele disse ficou-me gravado na mente: “Foi muito importante você me telefonar ontem à noite”. O telefonema e o convite para almoçar o animaram; o simples fato de perceber que alguém se interessava por ele significou-lhe muito.

Creio que a maioria das pessoas, crentes e incrédulos, sentem-se tão carentes de interesse autêntico da parte de outrem, que um bocadinho de interesse de alguém é de tremenda ajuda. Uma das declarações mais lastimosas que encontramos na Bíblia é o clamor de Davi no Salmo 142.4: “Ninguém se preocupa comigo”. Conhece você alguém que pode sentir-se assim? Se conhece, está aí uma oportunidade de fazer o bem a essa pessoa. Poderá dizer-lhe: “Quero que saiba que me interesso por você”.

A verdadeira bondade não é apenas abnegada; é também incansável. Não se cansa de fazer o bem (Gálatas 6.9). Uma coisa é

fazer o bem nuns poucos e isolados casos, ou mesmo em muitos deles; coisa muito diferente é enfrentar de bom ânimo a perspectiva de praticar alguma ação bondosa, entra dia, sai dia, durante um interminável período de tempo, especialmente se os recipientes de tais ações têm-nas como garantidas. Todavia, a verdadeira bondade não olha para os recipientes (nem mesmo para os resultados) de suas ações à espera de recompensa. Ela olha somente para Deus, e, vendo seu sorriso de aprovação, adquire a força necessária para prosseguir.

Uma das mais solenes afirmativas bíblicas encontra-se em Hebreus 12.14: “Sem santidade ninguém verá o Senhor”. Não é a profissão de fé, mas a santificação que comprova a validade de minha experiência cristã e a posse da vida eterna. O relato que Jesus faz do dia de juízo, registrado no capítulo 25 de Mateus, é igualmente solene. Ali a prova está nas boas ações: alimentar os famintos, dar água aos sedentos, vestir os nus, mostrar hospitalidade para com os estrangeiros, socorrer os enfermos e visitar os presos. Jesus ensina, nessa passagem, não que o fazer boas obras ganha nossa admissão no céu, mas que são necessárias e vitais evidências de que nos dirigimos para lá. Bethune explica:

E assim, no dia do juízo, a inquirição se fará não quanto a nossas opiniões ou profissões apenas, mas também quanto a nossos atos, como prova da retidão de nossa fé e da sinceridade do que professamos. Nunca poderemos saber que estamos no caminho certo, a não ser que andemos nas pegadas de Cristo, que fez o bem em toda a sua vida e também na morte. Ele veio do céu para fazer o bem na terra, de modo que nós, em fazendo o bem, pudéssemos trilhar o caminho para o céu. [\[50\]](#)

Sem santificação ninguém verá o Senhor. A essência de Mateus 25.31-46 está em que sem bondade ninguém verá o Senhor. Essas duas noções são muito solenes para aquele que leva a sério as palavras da Bíblia.

À espera de oportunidades

Um objetivo do estudo dos traços do caráter piedoso é que nos conscientizemos mais da vital importância de algumas das talvez menos conhecidas qualidades. Você já refletiu, por exemplo, sobre quão importantes são para Jesus as boas ações, segundo ele indica em Mateus 25.31-46? Que maior estímulo podemos ter para a prática das boas obras do que meditar nessa passagem bíblica de tempos em tempos? Ou, você pode, em espírito de oração, considerar a verdade de Efésios 2.10, pedindo a Deus que lhe torne claras algumas das boas obras que ele preparou para você andar nelas.

Considere seus dons, talentos, vocação e circunstâncias como um depósito especial de Deus com os quais servi-lo prestando serviço aos outros. Como diz Pedro: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1 Pedro 4.10). Lembre-se de que você é responsável não por fazer todo o bem que precisa ser feito no mundo, mas por fazer o que Deus planejou para você.

Lembre-se também de que a maioria das oportunidades para fazer o bem acontecem na trajetória comum de nosso dia. Não procure o espetacular; poucas pessoas têm a oportunidade de tirar uma vítima dos escombros de um automóvel em chamas. *Todos* nós temos a oportunidade de proferir uma palavra bondosa ou de ânimo, praticar uma pequena ação, invisível talvez, que faz a vida mais agradável para outrem.

Aceite o custo das boas ações na forma de tempo, meditação e esforço. Lembre-se de que as oportunidades de fazer o bem não são interrupções no plano de Deus para nós, mas parte desse plano. Sempre temos tempo para fazer o que Deus deseja que façamos.

Reconheça a necessidade que você tem da graça divina para alargar a alma e capacitá-lo a olhar para além de si mesmo e descobrir as preocupações e necessidades daqueles que o cercam. A seguir chegue-se ao trono divino, com confiança, para receber a graça de que precisa para crescer no fruto da misericórdia e da bondade. Que se possa dizer de cada um de nós o que se disse de

Dorcas, que somos notáveis pelas boas obras e esmolas que fazemos (Atos 9.36).

17. AMOR

Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.

COLOSSENSES 3.14

Ao arrolar os traços piedosos aos quais chama de fruto do Espírito, Paulo, muito provavelmente para encarecer sua importância, coloca o amor em primeiro lugar. O amor é a graça sobre todas, da qual se originam as demais; deixei-a para o fim, nestes estudos, porque, como Paulo diz em Colossenses 3.14, o amor é o vínculo da perfeição, ou seja, o amor vincula todas as demais virtudes em unidade perfeita.

A devoção a Deus é a única motivação aceitável a ele para o desenvolvimento e exercício do caráter cristão (veja o capítulo cinco). Mas a devoção a Deus encontra sua expressão exterior em amar-nos uns aos outros. Ou, em outras palavras, nossa devoção a Deus é validada pelo amor que temos por outras pessoas. Conforme diz o apóstolo João, “pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também seu irmão” (1 João 4.20-21).

Não podemos amar verdadeiramente a Deus sem amar uns aos outros. Reconhecer que há alguém a quem não amo é dizer a Deus: “Não te amo bastante para amar aquela pessoa”. Isto não é negar a realidade da luta espiritual em amar uma determinada pessoa, porque muitas vezes ela existe. Refiro-me à atitude de nem mesmo querer amar a pessoa, de estar contente com permitir que resida em meu coração, sem obstáculo e sem desafio, uma falta de amor por alguém.

Em Mateus 22.37-40, quando indagado acerca do maior mandamento da lei, Jesus vinculou amar a Deus a amar aos homens. George Bethune diz desta passagem: “A ordem ao homem

de ‘amar a Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento’ é seguida por uma ordem de ‘amar o teu próximo como a ti mesmo’, o que não poderia acontecer, a menos que o amor ao próximo esteja incluído no amor a Deus; pois, de que outra forma podemos dar todo o nosso coração a Deus, e amar-nos a nós mesmos e ao próximo também?”.^[51]

Devoção a Deus é a motivação suprema para o caráter cristão, mas também é verdade que o amor ao irmão é a motivação mais próxima para o exercício das graças cristãs na igreja. Se dermos nova redação às virtudes do amor, no capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios, em termos de declarações motivacionais, elas poderiam ser algo assim:

- Sou paciente com você porque o amo e desejo perdoar-lhe;
- Sou bondoso para com você porque o amo e desejo ajudá-lo;
- Não invejo suas posses ou seus dons porque o amo e desejo que você tenha o melhor;
- Não me vanglorio de minhas realizações porque o amo e desejo ouvir as suas;
- Não sou orgulhoso porque o amo e desejo estimá-lo antes de estimar a mim mesmo;
- Não sou rude porque o amo e me preocupo com os seus sentimentos;
- Não sou interesseiro porque o amo e desejo atender às suas necessidades;
- Não me zango facilmente com você porque o amo e desejo passar por alto suas ofensas;
- Não mantenho um registro de seus erros porque o amo, e “o amor cobre multidão de pecados”.

Expressar o amor desta maneira, como fator motivacional, ajuda-nos a ver o que Paulo tinha em mente quando disse que o amor é o vínculo que une todas as virtudes do caráter cristão. O

amor não é tanto um traço de caráter quanto o é a disposição interior da alma que produz todos eles. Bethune diz que o amor é “um espírito santo, permanente e vigoroso, que governa todo o homem, dirigindo-o sempre para o cumprimento humilde e amoroso de todos os seus deveres para com Deus e os homens”.^[52] Mas, embora o amor seja mais uma força motivacional do que uma exibição real da virtude cristã, ele *sempre* resulta em ações de nossa parte. O amor inclina-nos e dirige-nos no sentido de ser bondosos, de perdoar, de dar-nos de nós mesmos aos outros. Portanto, Pedro diz-nos: “Sobretudo, amem-se sinceramente uns aos outros” (1 Pedro 4.8).

Deus é amor

Já observamos, no capítulo dez, que o apóstolo João faz duas declarações concernentes à natureza essencial de Deus: “Deus é luz” e “Deus é amor”. O amor não é aqui definido como ação, nem mesmo como traço de caráter, mas como parte essencial da natureza divina. Como observa Bethune: “Deus era amor muito antes de ele ter feito quaisquer criaturas para serem objetos de seu amor, sim, desde toda a eternidade”.^[53]

Todos os atributos de Deus são infinitamente gloriosos, mas a Bíblia parece ressaltar sua santidade e a sua bondade ou amor. O capítulo 33 de Êxodo relaciona a bondade de Deus com a sua glória. Em resposta ao pedido de Moisés: “Peço-te que me mostres a tua glória”, Deus diz: “Diante de você farei passar toda a minha bondade, e diante de você proclamarei o meu nome” (vv. 18-19). Mas, no versículo 22, Deus diz: “Quando a minha glória passar...”. Parece que Deus, nos versículos 18 e 22, equipara sua glória à sua bondade. E como Deus descreve essa bondade? Êxodo 34.6-7, diz: “E passou diante de Moisés, proclamando: ‘Senhor, Senhor, Deus compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado. Contudo, não deixa de punir o culpado; castiga os filhos e os netos pelo pecado de seus pais, até a terceira e a quarta gerações’”.

Parece que os filhos de Israel viam a bondade de Deus como a expressão de sua glória. Na dedicação do templo de Salomão, de acordo com 2 Crônicas 7.2, a glória do Senhor encheu o templo de tal modo que os sacerdotes não podiam entrar. A seguir, o versículo 3, diz:

Quando todos os israelitas viram o fogo descendo e a glória do Senhor sobre o templo, ajoelharam-se no pavimento, chegando o rosto ao chão, adoraram e deram graças ao Senhor, dizendo: “Ele é bom; o seu amor dura para sempre”.

Observe a reação dos israelitas ao verem a glória de Deus: “Ele é bom”. A bondade de Deus é a expressão maior da sua glória. Se desejamos ser semelhantes a Deus e glorificá-lo devemos, então, cultivar e exercitar o amor em nosso coração, com urgente prioridade. Há três pedidos gerais de oração que faço por mim mesmo e pelos outros por quem oro: que cresçamos em santidade, humildade e amor. Destes três, porém, o amor tem prioridade, pois se eu amar a Deus procurarei ser santo, e se eu amar o próximo, buscarei ser humilde, colocando os interesses dele acima dos meus.

Se o amor a Deus e ao próximo deve ser nossa mais alta prioridade, então é importante que saibamos como ele se expressa. O capítulo 13 de 1 Coríntios é, naturalmente, a mais conhecida descrição de amor. E a lista de qualidades abrangidas nesse capítulo já foi, na maior parte, estudada em capítulos anteriores deste livro. Há, porém, dois outros textos bíblicos que parecem resumir a essência do amor em dois traços gerais que serão facilmente lembrados. Esses textos são 1 João 3.16-18 e 4.7-11.

O amor dá, seja qual for o custo

João diz: “Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós” (1 João 3.16). A ideia-chave aqui é que *o amor dá, mesmo com alto custo para si próprio*. Jesus deu a vida por nós. João 3.16 diz que Deus amou de tal maneira que deu seu Filho unigênito para morrer por nós. A encarnação e morte de Jesus foi a

resposta, tanto do Pai como do Filho, à nossa desesperada situação. Nada senão a encarnação e morte do Salvador bastariam para salvar-nos. O custo foi infinito, mas Deus Pai e Deus Filho nos amaram tanto que não hesitaram em pagar o preço para satisfazer à nossa necessidade.

João diz em sua epístola que nós também devemos dar, ainda que nos seja grande o custo: “Devemos dar nossa vida pelos irmãos”. No contexto do sacrifício de Jesus, o desafio que João nos faz parece esmagador e impossível: o ato supremo do amor. Mas a aplicação que João faz é muito prática e simples: Ele pede que repartamos com o nosso irmão necessitado. Devemos, contudo, fazer isto movidos pela piedade e compaixão, e não por dever. Devemos pôr nosso amor em prática satisfazendo à necessidade de nosso irmão, ainda que nos custe caro.

Há tremendas necessidades no mundo hoje e nós, cristãos, devemos dispormo-nos a satisfazê-las. João é muito claro neste ponto: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?”. Paulo diz que os cristãos da Macedônia mostraram este tipo de amor: “No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam” (2 Coríntios 8.2-3). Eles deram por amor e com grande custo para si mesmos a fim de atender às necessidades materiais dos irmãos em Jerusalém, aos quais nem mesmo conheciam. Devemos contribuir para nossa igreja e para a obra de missões, mas não devemos menosprezar o fato de que a mais bem conhecida passagem bíblica sobre contribuição, 2 Coríntios 8-9, relaciona-se com o dar aos pobres.

Contudo, as necessidades materiais não são as únicas que nosso irmão tem. Muitas vezes ele necessita de um ouvido que o ouça, de uma palavra de incentivo, ou de uma mão ajudadora. Mas a satisfação dessas necessidades exige que demos de nós mesmos: nosso tempo, nossa atenção e, muitas vezes, nosso coração. Isto pode ser mais difícil do que dar dinheiro. Paulo disse

de Timóteo: “Não tenho ninguém como ele, que tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês” (Filipenses 2.20). Enquanto elogia a Timóteo, Paulo acrescenta uma chocante acusação contra outros: “Pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (v. 21).

A satisfação das necessidades não materiais dos outros custa-nos desembaraçar-nos de nós mesmos, de nossas preocupações e de nossos interesses. Não podemos cuidar sinceramente dos interesses alheios, como fazia Timóteo, sem que estejamos dispostos a participar deles. E isto não podemos fazer, a menos que nos disponhamos a renunciar aos nossos próprios interesses. Mas o amor, de boa vontade paga o preço.

O amor sacrifica-se para perdoar

O segundo texto no qual João instrui sobre o significado do amor é 1 João 4.7-11. Imediatamente após a declaração de que “Deus é amor”, João diz:

Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros.

Uma vez mais João aponta o sacrifício de Deus em enviar seu Filho ao mundo para que pudéssemos viver por intermédio dele. Todavia, a ideia central é que *Deus deu a fim de que pudesse perdoar*. Ele enviou seu Filho como sacrifício expiatório por nossos pecados. Deus deu seu Filho, que tirou nossos pecados, suportando em seu próprio corpo a ira divina, dessa maneira desfazendo essa ira. A justiça de Deus exigia o castigo de nosso pecado, e era impossível o perdão enquanto a justiça não fosse satisfeita. De modo que Deus deu o seu Filho a fim de que pudesse perdoar-nos. O perdão lhe custou caro.

Agora João, uma vez mais, aplica o amor de Deus às nossas relações uns com os outros. Diz ele que uma vez que Deus assim nos amou, também devemos amar-nos uns aos outros. Amamo-nos uns aos outros o bastante para perdoar-nos uns aos outros, com ou sem pedidos de desculpas pelas injustiças que nos foram feitas? Com muita frequência queremos cobrar o último grama de remorso e de arrependimento de nosso irmão faltoso antes de até mesmo considerarmos a hipótese de perdoar-lhe. Contudo, não foi isto que Deus fez. Quando ainda éramos pecadores, ainda seus inimigos, ele enviou seu Filho para morrer por nós, de sorte que pudesse perdoar-nos. João exorta-nos a fazer o mesmo.

O perdão custou a Deus seu Filho na cruz, mas qual o custo para perdoar-nos uns aos outros? O perdão custa-nos o senso de justiça. Todos temos este senso inato no íntimo da alma, mas ele foi pervertido pela natureza pecaminosa e egoísta. Desejamos ver que se faça “justiça”, mas a justiça que temos em vista satisfaz aos nossos próprios interesses. Devemos reconhecer que a justiça *foi* feita. Deus é o único administrador imparcial de justiça em toda a criação, e sua justiça foi satisfeita. A fim de perdoar ao nosso irmão, devemos estar satisfeitos com a justiça de Deus e renunciar à satisfação da nossa própria.

Lembro-me de uma luta pessoal, há alguns anos, para amar a um de meus irmãos em Cristo. Certa noite o Espírito Santo fez à minha mente uma pergunta um tanto assustadora: “Você crê que eu amo esse irmão tal qual ele é?”. Eu não havia pensado nisso antes, mas concordei que Deus devia amá-lo tal qual ele era, com suas faltas e tudo mais. Então Deus me trouxe à mente outra pergunta: “Se eu posso amá-lo, pode-o você?”. Deus me estava ensinando a amar como ele ama, a perdoar como ele perdoa. O amor perdoa com grande custo para si próprio; ele não exige justiça, nem mesmo mudança de procedimento do irmão.

Este aspecto perdoador do amor leva-nos a ser pacientes e a viver em paz uns com os outros. Leva-nos a tratar com bondade ao nosso irmão, mesmo quando ele peca contra nós. Se quisermos crescer na graça do amor, precisaremos estar prontos a perdoar, ainda que nos custe caro.

O amor estende a mão

Muitas vezes em nosso ensino sobre o amor, acentuamos, e é certo que o façamos, que o amor bíblico não é emoções ou sentimentos, mas atitudes e atos que buscam os melhores interesses da outra pessoa, sem levar em conta como nos sentimos a seu respeito. Vine diz, por exemplo, que “o amor cristão... não é um impulso oriundo dos sentimentos; nem sempre ele corre com as inclinações naturais, nem se gasta apenas com aqueles sobre os quais descobre alguma afinidade”.^[54] Uma ilustração extraída de *A busca de santidade* dá-nos um exemplo deste tipo de amor.

Suponha que você esteja meditando em 1 Coríntios 13, o grande capítulo do amor. Enquanto pensa no capítulo, você percebe a importância do amor e vê também as expressões práticas do amor: o amor é paciente e amável e não tem inveja. Pergunta então a si mesmo: “Sou impaciente, pouco amável, ou invejoso para com alguém?”. À medida que pensa sobre isso, percebe que sente inveja do José, no trabalho, pois ele parece conseguir sempre tudo. Você confessa esse pecado a Deus, sendo muito específico em mencionar o José e a sua reação pecaminosa ao bom êxito dele. Você pede a Deus que abençoe ainda mais José e dê a você um espírito de contentamento, de maneira que não continue a invejá-lo, mas, pelo contrário, a amá-lo. Você poderia memorizar então 1 Coríntios 13.4 e pensar nesse versículo quando vê o José no trabalho. Você até mesmo procura maneiras de ajudá-lo. Faz então a mesma coisa nos dias seguintes, até que, finalmente, vê que Deus está trabalhando um espírito de amor no seu coração para com o José.^[55]

Vê-se, portanto, que o amor é muito mais uma questão de atos do que de emoções. Contudo, embora esta ênfase sobre *atos de amor* seja certamente necessária, podemos às vezes dar a impressão de que o amor não contém nenhuma emoção, que ele é inteiramente um ato da vontade, faz parte do nosso dever, sem levar

em conta o sentimento. Podemos até promover o tipo de atitude que diz: “Posso amá-lo, mas não posso gostar dele”. A Bíblia não apoia esse conceito desequilibrado de amor.

Ao descrever o amor do cristão para com o irmão, a Bíblia usa expressões tais como “amem sinceramente uns aos outros e de todo o coração” (1 Pedro 1.22) e “dediquem-se uns aos outros com amor fraternal” (Romanos 12.10). Três diferentes escritores usam a expressão “amor fraternal” ou “amar como irmãos”, indicando que o amor cristão deve caracterizar-se pela afeição que os membros da família têm, ou devem ter, uns pelos outros (veja Hebreus 13.1 e 1 Pedro 3.8).

Todas essas passagens bíblicas mostram a participação de nossas emoções. Devemos estender a mão e abraçar o irmão com profundo fervor de espírito, em nossos corações, se não em realidade. É óbvio que tal fervor de espírito não pode tomar o lugar das ações de amor, mas deve, por certo, acompanhá-las. Não nos atrevemos a aceitar por menos.

Do conteúdo das epístolas de Paulo às igrejas, podemos dizer com segurança que as duas igrejas que mais lhe causaram pesar foram as de Corinto e da Galácia. Não obstante, note a emoção de Paulo quando ele escreve aos coríntios: “Pois eu lhes escrevi com grande aflição e angústia de coração, e com muitas lágrimas: não para entristecê-los, mas para que soubessem como e profundo o meu amor por vocês” (2 Coríntios 2.4). Aos gálatas ele escreveu: “Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês. Eu gostaria de estar com vocês agora e mudar o meu tom de voz, pois estou perplexo quanto a vocês” (Gálatas 4.19-20). Sofrimento, angústia, lágrimas, dores de parto são termos que expressam a profunda emoção do amor de Paulo àquelas pessoas. O fato de suas ações dificultarem amar só aprofundava a intensidade de seu amor a elas. E esse amor não era um mero ato impessoal de escrever-lhes cartas de correção no melhor interesse deles; ele estendia a mão e os abraçava mesmo enquanto os censurava.

Um dos maiores momentos de minha vida cristã ocorreu quando abri os braços e calorosamente abracei um irmão em Cristo

a quem, de certo modo, detestei durante vários anos. Deus lidara comigo de tal maneira que finalmente entendi que pensar a respeito de alguém, “posso amá-lo, mas não posso gostar dele”, estava muito abaixo do padrão de amor divino e era, pois, uma atitude pecaminosa de minha parte.

O amor é mais que mero ato da vontade. Voltando à definição de Bethune, o amor é um espírito *vigoroso*, que governa todo o homem, dirigindo-o sempre para o cumprimento humilde e amoroso de todos os seus deveres para com Deus e o homem. Deveríamos fazer mais do que apenas *decidir* praticar ações de amor: deveríamos *desejar* praticá-las. Isto não significa que devemos praticar ações de amor somente quando sentimos prazer em praticá-las; significa que não nos contentamos meramente com atos da vontade, por bons que sejam. Devemos apegar-nos a Deus em oração até que ele nos conceda esse espírito vigoroso e amoroso que se deleita em estender a mão e abraçar nosso irmão, e satisfazer às suas necessidades ou perdoar-lhe, mesmo que isso nos custe muito.

Crescendo em amor

É óbvio que o amor que vimos considerando só pode ser produzido em nosso coração pelo Espírito de Deus. Paulo escreveu aos crentes tessalonicenses: “Quanto ao amor fraternal, não precisamos escrever-lhes, pois vocês mesmos já foram ensinados por Deus a se amarem uns aos outros” (1 Tessalonicenses 4.9). Não obstante, apenas umas poucas palavras mais adiante, Paulo diz: “Contudo, irmãos, insistimos com vocês que cada vez mais assim procedam” (v. 10). Insistimos, e especialmente ao aproximar-nos do fim destes estudos sobre o caráter piedoso: devemos reexaminar o princípio de que o caráter semelhante a Deus é tanto fruto do Espírito quando ele opera dentro em nós, quanto resultado de nossos esforços pessoais. Dependemos inteiramente de sua obra em nós e somos totalmente responsáveis pelo desenvolvimento de nosso próprio caráter. Esta é uma contradição aparente ao nosso tipo de pensamento “isso ou aquilo”, mas é uma verdade que as Escrituras ensinam repetidas vezes.

Como, pois, podemos cumprir nossa responsabilidade de amar “cada vez mais”? Reconhecendo que o amor é uma disposição íntima da alma produzida somente pelo Espírito Santo, que podemos nós fazer para cumprir nossa responsabilidade? Em primeiro lugar, segundo já vimos, o Espírito de Deus usa sua Palavra para transformar-nos. Portanto, se quisermos crescer em amor, é preciso que saturemos a mente com textos bíblicos que descrevam o amor e mostrem sua importância. Por exemplo, 1 Coríntios 13.1-3 fala da inutilidade de todo conhecimento, capacidades e zelo, sem amor. Os versículos 4-7 descrevem o amor como atitudes e ações específicas. Romanos 13.8-10 apresenta o amor como o cumprimento da lei de Deus em nossa vida. Já examinamos as duas passagens da primeira carta de João em termos de dar e perdoar. Deseja você, realmente, crescer em amor? Então comece por meditar sobre algumas dessas passagens que falam do amor.

A segunda coisa que devemos fazer é orar para que o Espírito Santo aplique sua Palavra ao nosso coração e à nossa vida diária. Paulo não apenas exortou os tessalonicenses a crescer em amor; ele contava com o Senhor para operar no coração deles: “Que o Senhor faça crescer e transbordar o amor que vocês têm uns para com os outros e para com todos, a exemplo do nosso amor por vocês” (1 Tessalonicenses 3.12). À medida que vemos em nossa vida a falha de amor, devemos confessá-la a Deus, pedindo-lhe que nos ajude a crescer nessas áreas específicas e ser mais sensíveis a ocasiões semelhantes no futuro.

Finalmente, devemos obedecer. Precisamos fazer as coisas que o amor determina. Não devemos praticar o mal contra o próximo (Romanos 13.10); devemos satisfazer às necessidades dele e perdoar-lhe as faltas cometidas contra nós. É preciso que coloquemos seus interesses acima dos nossos; que estendamos a mão e abracemos nosso irmão em Cristo. Tudo isto, porém, devemos fazer na dependência do Espírito Santo, que opera em nós tanto o querer como o efetuar segundo o seu bom propósito.

Parece tudo isto metódico demais? Podemos, de fato, estruturar o amor? Não; não podemos estruturar a obra do Espírito

Santo. Mas podemos estruturar nossas responsabilidades na busca do crescimento em amor. Podemos decidir meditar sobre a Bíblia, e separar uma hora para fazê-lo. Podemos decidir orar acerca de nossa necessidade de crescer em amor, e separar uma hora para fazê-lo. Podemos pensar nas pessoas que precisam de nosso tempo, nosso interesse, ou nosso dinheiro, e planejar a satisfação dessas necessidades. Podemos admitir nossas falhas de amar em situações específicas e confessá-las a Deus, com a certeza de que ele nos ajude no futuro.

Todas essas coisas podemos e *devemos* fazer, se quisermos crescer na graça do amor. Mas devemos fazê-las reconhecendo totalmente que só Deus pode fazer com que o amor cresça em nossas almas. E sabemos que sua vontade é que cresçamos em amor.

Se fizermos nossa parte, poderemos contar certo que Deus fará a dele, não porque nossa ação o obrigue a agir, mas por ser ele um Deus gracioso e amoroso, e deseja que nos tornemos seus filhos graciosos e amorosos.

18. ATINGINDO O ALVO

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.

2 TIMÓTEO 4.7

O exercício da piedade é uma disciplina. Ela demanda sério compromisso e perseverante esforço para se atingir o alvo. Escrevendo aos filipenses, da cela de uma prisão romana, quase ao fim da vida, Paulo admitia que ainda não havia atingido esse alvo. Ele ainda estava correndo a corrida da piedade, ainda desejava conhecer mais a Cristo e torna-se mais semelhante a ele.

O que conservava Paulo em marcha enquanto se esforçava para alcançar o que estava adiante? Com que fator motivacional contava ele quando escreveu a Timóteo, dizendo: “Exercita-te pessoalmente na piedade”, sabendo plenamente que tal exercício era uma tarefa árdua, cheia de dificuldades e desestímulos? Alguém observou que o desejo sem disciplina gera desapontamento, mas a disciplina sem desejo gera esforço penoso e ingrato. A busca de uma vida piedosa era, para Paulo, esforço penoso e ingrato? Esperava ele que Timóteo, em sua disciplina no sentido da piedade, simplesmente rangesse os dentes e aguentasse a vida cristã?

A MOTIVAÇÃO DE PAULO

A descrição que Paulo faz de seu próprio exercício da piedade, em Filipenses 3.12-14, responde a essas perguntas. Ele estava profundamente motivado. Não havia sugestão alguma de desapontamento ou de enfado. Ele corria uma corrida disciplinada, porém a corria com forte desejo. Qual era a fonte da motivação de Paulo, o objeto de seu forte desejo? Vejamos de perto a passagem de Filipenses:

Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus.

Paulo admitia não haver alcançado o alvo da piedade. Ainda não era perfeito; ainda se achava na corrida. Observe a intensidade de sua corrida. Ele declara: “Prossigo... avançando para as que estão adiante”. A palavra aqui traduzida por “prossigo” é a mesma palavra traduzida por “seguir” em passagens como 2 Timóteo 2:22, e “buscar” em 1 Timóteo 6.11 e 1 Pedro 3.11. Também é a palavra “perseguir”, que significa ir no encalço, atacar ou atormentar. É uma palavra de grande intensidade. “Avançando” traz à mente a atitude do corredor que tem os olhos fixos no alvo, o corpo inclinado para a frente, cada nervo e músculo esforçando-se por atingir o alvo. Quem quer que tenha visto o olhar de agonia no rosto dos corredores que se esforçam por tocar a faixa da chegada pode facilmente reconhecer a intensidade contida no verbo “avançar”. Não obstante, esta intensidade era a experiência cotidiana de Paulo. Ele nunca teve uma temporada de folga; ele nunca afrouxou em seus esforços. Era uma disciplina de vida inteira. Como podia ele aguentar essa intensidade? Seria por causa de sua personalidade intensa, peculiar a ele e a todos de igual temperamento? Ou havia uma motivação no coração de Paulo que todo cristão devia sentir?

Nos versículos 12 e 14 Paulo fala de dois fatores de motivação. No versículo 12 ele prossegue para conquistar aquilo para o que também foi conquistado por Cristo Jesus. No versículo 14 ele prossegue para conquistar o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. O primeiro fala do *objetivo* de Deus para ele; o segundo fala da *recompensa* de Deus. Examinemos cada um desses fatores para ver como eles motivavam Paulo com tanta força.

OBJETIVO DE CRISTO PARA NÓS

Paulo prosseguia para conquistar aquilo para o que Cristo o conquistara. Ele lutava ardentemente para atingir o objetivo que Cristo tinha para ele. Qual era este objetivo? Tito 2.14 diz que Cristo “se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras”. O objetivo de Cristo Jesus em morrer por nós foi redimir-nos do pecado, não meramente de sua pena, mas de seu poder e domínio. A mesma ideia é expressa pela palavra *purificar*, que fala da limpeza interior da poluição e contaminação do pecado.

Efésios 5.25-27 expressa a ideia de Cristo dando-se a si mesmo por sua igreja, “para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”. Esse é o objetivo de Cristo para nós. Foi por isso que ele morreu. Esse foi o propósito para o qual ele conquistou Paulo na estrada de Damasco e para o qual ele nos conquista individualmente, levando-nos à fé nele. Ele morreu para salvar-nos não apenas da culpa do pecado, mas também do seu poder e poluição. Ele morreu não para fazer-nos felizes, mas para fazer-nos santos.

Ainda há mais que dizer sobre o objetivo de Cristo para nós. Tito 2.14 fala também de “um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras”. A expressão um povo “particularmente seu” refere-se ao seu senhorio em nossa vida: “Vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço” (1 Coríntios 6.19, 20). “Dedicado à prática de boas obras” refere-se à operação do fruto do Espírito, dos traços do caráter piedoso em nossa vida.

Este é, pois, o objetivo para o qual Cristo Jesus conquistou Paulo e para o qual ele nos conquistou: Ele tenciona fazer-nos santos, purificar-nos da poluição do pecado. Ele deseja ser Senhor de nossa vida, e espera que exibamos os traços do caráter piedoso.

Esse era, também, o objetivo de Paulo. Era o objetivo para o qual ele prosseguia; o alvo de seu estrênuo esforço. Paulo não

poderia pensar em perseguir nenhum outro alvo senão aquele para o qual Cristo Jesus o conquistou.

Observe como a motivação de Paulo estava centrada em Deus. Era a nítida consciência do objetivo de Cristo para ele que levava Paulo a prosseguir com tal intensidade. Com que frequência nos diferenciamos tanto de Paulo! Quantas vezes somos motivados por desejos outros que não os objetivos de Cristo para nós! Conforme observei anteriormente, às vezes podemos ser motivados por um desejo de “vitória”, ou por um desejo de “sentir-nos bem com nós mesmos”, ou por um desejo de conformar-nos ao estilo de vida da comunhão cristã com a qual nos associamos. Podemos até ser motivados por orgulho, pelo desejo de gozar de boa reputação na comunidade, especialmente em nossa igreja ou grupo cristão.

Nenhuma dessas motivações sustenta um “prosseguir” diário tal como aquele que caracterizava a vida de Paulo e que deveria caracterizar a nossa. Algumas delas, tal como o desejo de conformar-se, e o desejo de reputação, concentram-se em objetivos que ficam muito aquém do alvo de Paulo de perfeição piedosa. Esses alvos podem ser facilmente alcançados; não temos de tratar da corrupção interior, mas apenas de atos exteriores. Outros alvos, tais como o desejo de “vitória” ou “sentir-nos bem com nós mesmos” são, basicamente, centrados no eu. Em vez de estimular-nos, na maioria das vezes nos desanimam porque suscitam em nós uma luta entre dois desejos centrados no eu: o desejo de sentir-nos bem com nós mesmos e o desejo de ser indulgentes.

Contudo, o desejo correntemente popular de “sentir-me bem comigo mesmo” difere muito do autêntico respeito próprio piedoso. Aquele concentra-se no eu; este, em Deus. Aquele depende de nossos próprios esforços ou da afirmação de outras pessoas; este depende da graça de Deus. O respeito próprio piedoso é possível quando reconhecemos que fomos criados à imagem de Deus; que Deus nos aceita exclusivamente pelos méritos de Jesus Cristo; que nada que façamos o leva a amar-nos mais ou amar-nos menos; que ele tem um plano para nós e nos capacitará, mediante seu Espírito, a viver esse plano. A pessoa que possui respeito próprio piedoso admite livremente que nada de bom existe em sua natureza

pecaminosa. Mas também sabe que nada, nem mesmo seus pecados ou fracassos, pode separá-la do amor de Deus. Ela decidiu que, uma vez que Deus a aceitou na base de sua graça, também aceitará a si própria na mesma base: a graça de Deus. Portanto, olha para fora de si própria, olha para Cristo em busca de respeito próprio. Avança para o alvo, não para conquistar aceitação, mas porque já foi aceita.

O primeiro dos impulsos motivadores de Paulo era, pois, o desejo de conquistar aquilo para o qual fora conquistado por Cristo Jesus. Desejava perfeição em caráter piedoso, embora soubesse que nunca a atingiria nesta vida. Sabia, porém, que para este fim Jesus morreu por ele, e ansiava que esse propósito se cumprisse para a satisfação de Jesus. Este mesmo desejo ardente deve ser também, hoje, a nossa motivação.

O DESEJO DE RECEBER O PRÊMIO DE DEUS

Paulo não somente prosseguia para o objetivo que Cristo tinha para ele; prosseguia também para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Que prêmio é este que levava Paulo a avançar para ele com grande intensidade? Jac J. Müller responde: “o prêmio desta vocação para o qual ele prossegue com todas as suas forças é a glória eterna, celestial”.^[56] Paulo sabia que sua cidadania estava no céu, e prosseguia para obter esse prêmio celestial. Sua mente não estava nas coisas terrenas, mas na glória que teria quando Cristo transformasse seu corpo humilde à semelhança do glorioso corpo de Cristo.

Contudo, se o prêmio é a glória da vida eterna, já não tinha Paulo certeza dessa recompensa? Lutaria um homem com a intensidade de Paulo para conquistar o que já era seu como dom da graça de Deus? A Bíblia é muito clara ao dizer que a glória da vida eterna nos é dada exclusivamente mediante a obra redentora de Jesus Cristo na cruz. É dom de Deus (Romanos 6.23); é pela graça mediante a fé, não por obras (Efésios 2.8-9). Não obstante, também é verdade que este dom não pode ser tomado como certo. A verdadeira graça sempre produz vigilância em vez de complacência;

sempre produz perseverança em vez de indolência. A fé salvadora sempre se manifesta pela busca do alvo celestial.

O mesmo Salvador que disse “eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão” (João 10.28), também disse: “Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão” (Lucas 13.24). O mesmo apóstolo Pedro que disse “ele nos regenerou para uma esperança viva... para uma herança que jamais poderá perecer” (1 Pedro 1.3, 4), também disse: “Portanto, irmãos, empenhem-se ainda mais para consolidar o chamado e a eleição de vocês” (2 Pedro 1.10). E o próprio Paulo que disse que nada “será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8.39), também disse: “Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado” (1 Coríntios 9.27).

Comentando a forte linguagem de Paulo aos coríntios, Charles Hodge diz:

Que argumento e repreensão! Os negligentes e indiferentes coríntios pensavam que podiam ser indulgentes consigo mesmos, sem risco algum, chegando à beira do pecado, enquanto este devotado apóstolo se considerava engajado numa luta de vida ou morte por sua salvação. Todavia, este mesmo apóstolo que, evidentemente, atuava segundo o princípio de que os justos raramente são salvos, e que o reino do céu sofre violência, noutras vezes irrompe na mais jubilosa certeza de salvação... Este estado mental é a condição necessária do outro.^[57]

Esta é a grande antinomia do Novo Testamento: a contradição aparente entre a graça e a responsabilidade pessoal. Porém ela aí está, e a desprezamos com risco para nós.

Mas Paulo, a esta altura, não estava preocupado com problemas teológicos. Ele estava simplesmente desnudando a alma no que tange aos grandes mananciais da motivação pessoal, o segredo de seu incessante impulso para o alvo. E que fonte interior é essa? É a glória do céu.

Repetidas vezes a Bíblia expõe a glória do céu como motivação para a perseverança cristã (veja, por exemplo, Romanos 5: 1-5; 2 Coríntios 5: 1-5; Hebreus 12:22-29, e 1 Pedro 4:12-13). Um dos antigos mestres da era puritana, Thomas Manton, disse desta motivação:

Qual o motivo de Paulo estar tão ansioso que uma pequena graça não o contentaria, mas com tanto ardor e zelo lutava por conseguir mais? Ele foi chamado para usufruir um alto prêmio, uma gloriosa recompensa. Há excelente glória colocada diante de nós; não é uma corrida por ninharias. Os cristãos mais frios e descuidados na vida espiritual são-no porque, no mais das vezes, não pensam no céu. [\[58\]](#)

Como reagimos aos impulsos motivacionais do apóstolo Paulo? O amor de Cristo compele-nos de tal maneira que nós também prosseguimos para conquistar o alvo de perfeição piedosa para o qual Cristo Jesus nos conquistou? A glória do céu e a perspectiva desse prêmio impulsionam-nos para a frente de sorte que nós também avançamos para o que está diante de nós? Temos considerado muitos dos traços de caráter da pessoa piedosa. Aqui, porém, estão dois traços gerais que distinguem de modo claro a pessoa piedosa. Sua atenção concentra-se no objetivo de Cristo para ela, e seus olhos estão fixos no céu. Sua devoção é centrada em Deus, e esforça-se por ser semelhante ao caráter dele.

Em Filipenses 3.12-14, Paulo descreve a si próprio como ainda participando da corrida. Em 2 Timóteo 4.7, ele fala como alguém que já a terminou: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”. Prezado leitor, quando chegarmos ao fim da jornada da vida, poderemos, também, proferir essas palavras? Sim, somente no caso de havermos obedecido à ordem de Paulo em 1 Timóteo 4.7-8, a Timóteo e a nós: “Exercita-te pessoalmente na piedade”; e se tivermos mantido a promessa acompanhante: “a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida presente e da futura”.

[1] O *Expository Dictionary of New Testament Words*, de Vine, define piedade como “ser devoto, denota aquela devoção que, caracterizada por uma atitude para com Deus, faz aquilo que lhe é agradável” (Nashville: Royal Publishers, n.d., p. 492). J. C. Connell define piedade como atitude pessoal para com Deus e ações que brotam diretamente dela (*New Bible Dictionary*, London: InterVarsity, 1962, p. 480).

[2] William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (Grand Rapids, MI: Sovereign Grace, 1971), p. 1.

[3] John Murray, *Principles of Conduct* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 229.

[4] Murray, p. 230.

[5] Veja, por exemplo, 2 Coríntios 7.1; Efésios 5.21; Colossenses 3.22; 1 Pedro 1.17. A *New International Version* da Bíblia emprega a palavra *reverência* em vez de “temor” em algumas dessas passagens. Trata-se, contudo, da mesma palavra grega traduzida por “temor” em outros lugares.

[6] Murray, p. 231.

[7] Albert N. Martin, série de fitas cassete, “The Fear of God” (Essex Fells, NJ: The Trinity Pulpit). Esta série constitui-se de nove mensagens sobre o temor de Deus. Recomendo-a com entusiasmo aos que desejam estudar este assunto mais pormenorizadamente. Ao Rev. Martin devo a definição de temor de Deus usada neste capítulo.

[8] Informação sobre materiais para estudo bíblico e memorização das Escrituras pode ser obtida de NavPress (www.navpress.com).

[9] William Wilson, *Wilson's Old Testament Word Studies* (MacLean, VA: MacDonald, n.d.), p. 271.

[10] Creio que nesta passagem (João 15.1-6), o que se considera antes de tudo é o fruto do caráter piedoso e da conduta. Quando Jesus e Paulo falam do fruto da evangelização, falam de ceifar ou ajuntar os frutos, ao contrário de produzi-lo (João 4.36; Romanos 1.13).

[11] Frederic Louis Godet, *Commentary on John's Gospel* (Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1978), p. 855.

[12] Jac J. Müller, “The Epistles of Paul to the Philippians and to Philemon”, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 91.

[13] George W. Bethune, *The Fruit of the Spirit* (1839; reimpresso, Swengel, Penn.: Reiner Publications), pp. 32-34.

[14] Norvel Geldenhuys, “Commentary on the Gospel of Luke”, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), pp. 306-307.

[15] William Hendriksen comenta sobre esta passagem: “O que está prometido aqui é, portanto, que nosso Senhor, na sua segunda vinda, de uma maneira consoante com sua glória e majestade, ‘servirá’ seus servos fiéis”. Veja “The Gospel of Luke”, *New Testament Commentary* (Grand Rapids, MI.: Baker, 1978), p. 677.

[16] William Hendriksen, *Commentary on I and II Timothy and Titus* (Londres: The Banner of Truth Trust, 1959), p. 198.

[17] W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words*, pp. 226, 1105.

[18] Leland Ryken, “Puritan Work Ethic: The Dignity of Life’s Labors”, *Christianity Today*, 19 de outubro de 1979, p. 15.

[19] Define-se teologicamente a providência como “a incessante atividade do Criador pela qual, em transbordante generosidade e boa vontade, ele sustém suas criaturas em existência ordenada, guia e governa todos os acontecimentos, circunstâncias e atos livres de anjos e homens, e dirige todas as coisas para seu alvo indicado, para sua própria glória”. *The New Bible Dictionary* (London: InterVarsity, 1962; reimpresso, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1973), pp. 1050-1051.

[20] Outras passagens que afirmam a providência de Deus incluem Gênesis 12.17; 20.6 e 50.20; Êxodo 3.21; 8.22, e 9.29; Esdras 1.1; Provérbios 21.1; Daniel 4.34-35; Atos 16.6-7; e Romanos 8.28.

[21] John W. Sanderson, *The Fruit of the Spirit* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1972), p. 72.

[22] Sanderson, p. 65-66.

[23] Sanderson, página 71.

[24] Sanderson, página 73.

[25] Howard Marshall, “The Epistles of John”, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 109.

[26] Esses cinco elementos fundamentais, bem como outros aspectos da santidade, acham-se mais plenamente desenvolvidos em *A busca da santidade* (Brasília: Editora Monergismo, 2013). Visite www.editoramonergismo.com.br.

[27] John Murray, *Romanos* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 477.

[28] Charles Bridges, *An Exposition of Proverbs* (1846; reimpressão, Evansville, IN: Sovereign Grace Book Club, 1959), p. 483.

[29] D. G. Kehl, *Control Yourself!* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982), p. 25. Este é um excelente livro para os que desejam, conhecer melhor o assunto do autocontrole.

[30] George W. Bethune, *The Fruit of the Spirit* (1839; reimpressão, Swengel, PA: Reiner), p. 179.

[31] Bridges, p. 250.

[32] Kehl, p. 79.

[33] Kehl, p. 26.

[34] *Webster's New Collegiate Dictionary* (Springfield, MA: G. & C. Merriam, 1974).

[35] Citado em *Character of the Christian*, livro 4 da série STUDIES IN CHRISTIAN LIVING series (Colorado Springs: NavPress, 1964), p. 26.

[36] Jerry White, *Honesty, Morality and Conscience* (Colorado Springs: NavPress, 1978), p. 53. Recomendo este livro para posterior estudo da honestidade.

[37] Sanderson, *The Fruit of the Spirit*, p. 117.

[38] Sanderson, *The Fruit of the Spirit*, p. 90.

[39] Bethune, *The Fruit of the Spirit*, p. 100.

[40] Billy Graham, *The Holy Spirit* (Waco, Texas: Word Books, p. 205-206.

[41] William Hendriksen, *The Gospel of Matthew* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973), p. 504.

[42] Na NVI os termos são respectivamente *amabilidade*, *amável*, *amáveis* e *amável*. [N. do R.]

[43] Na ARA os termos são respectivamente *moderação*, *modesto*, *cordatos* e *indulgente*. [N. do R.]

[44] William Hendriksen, *Exposition of Philippians* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1962), p. 193.

[45] James Adamson, "The Epistle of James", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1976), p. 155.

[46] W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words*, p. 474.

- [47] Bethune, *The Fruit of the Spirit*, p. 117.
- [48] Bethune, p. 126.
- [49] Bethune, p. 127-128.
- [50] Bethune, p. 132.
- [51] Bethune, *The Fruit of the Spirit*, p. 40.
- [52] Bethune, p. 41.
- [53] Bethune, p. 38.
- [54] W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words*, p. 693.
- [55] Jerry Bridges, *A busca da santidade*, p. 110.
- [56] Jac J. Müller, "The Epistles of Paul to the Philippians and to Philemon", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), p. 124.
- [57] Charles Hodge, *An Exposition of the First Epistle to the Corinthians* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust: 1959), p. 169.
- [58] Thomas Manton, *The Complete Works of Thomas Manton*, Vol. 16 (Worthington, PA: Maranatha Publications, s.d.), p. 178.